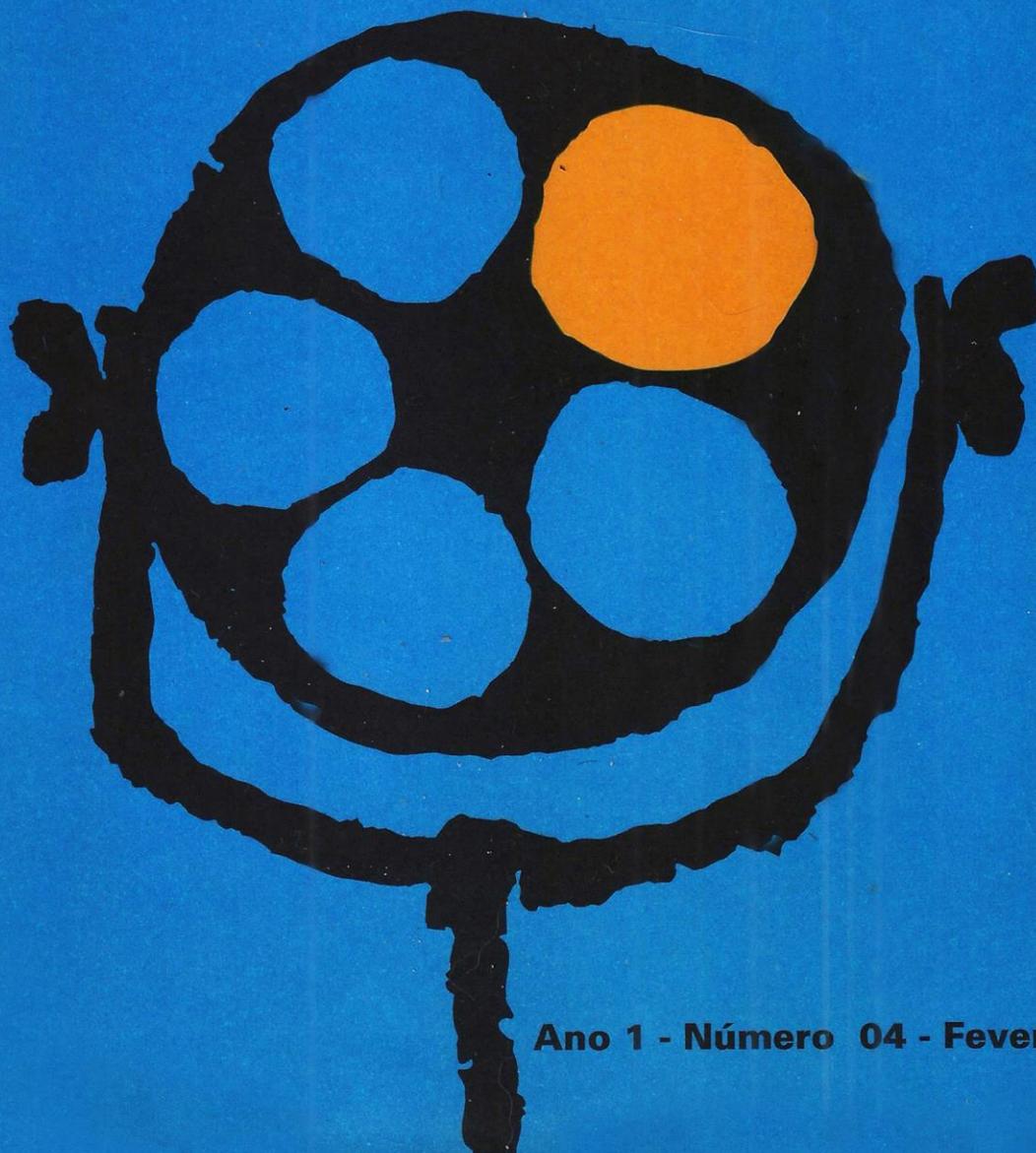


teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 1 - Número 04 - Fevereiro de 1996

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura

Secretaria de Estado da Cultura



Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Mecen** e apoio dos demais membros da **Comissão Estadual de Teatro**, composta na época por:

Afonso Gentil

Analy Alvarez

Efrén Colombani

Luiz Amorim

Vera Nunes

Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 1 - número 02 - Fevereiro de 1996

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Cely Arena

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão Estadual de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império

Comissão Estadual de Teatro

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP
CEP 01301-100; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

Não existe teatro onde não existe emoção. O fazer teatral é o desafio de estimular emoções e induzir à reflexão. A cada riso, a cada lágrima, a cada sentimento de solidariedade ou de contrariedade, uma conquista.

Neste número, a **Teatro da Juventude** apresenta peças que fazem rir e que têm conteúdos ricos e polêmicos, como *ESTE OVO É UM GALO*, do consagrado autor Lauro César Muniz, situada no período histórico da Revolução de 1932; *BUCHICHO*, de Gilda Vanderbrande, musical que faz um retrato debochado e, muitas vezes, verdadeiro, da difícil arte de ser ator e dos buchichos dos bastidores. Didáticas e também divertidas, *SOLTANDO O VERBO*, de Zecarlos de Andrade, traça um roteiro literário, e *CEGONHA BOA DE BICO*, de Marilu Alvarez, trata da visão das crianças sobre o nascimento de bebês.

Na seção *Como fazer*, a revista traz a matéria *FORMAÇÃO DE UM GRUPO TEATRAL*, do professor de interpretação Ednaldo Freire, que vem atender inúmeros pedidos de jovens ávidos por formar seu grupo.

No *Glossário*, além de revelar a terminologia referente à iluminação, o enciclopedista Milton Andrade conta a curiosa História da Iluminação Cênica, que se iniciou lá na Grécia...

A seção *Livros* traz duas indicações preciosas: uma do grande mestre Stanislavski, e outra, imperdível para iniciantes, do brasileiro Hilton Carlos de Araújo.

Esperamos que a **Teatro da Juventude** mexa com sua emoção...

Erné Vaz Fregni

CARTAS

PERIATO



Gostaria de cumprimentar a Secretaria de Cultura pela ressurreição da revista **Teatro da Juventude** e de aproveitar essa abertura de contato com “gente de teatro” para esclarecer uma dúvida de teor histórico: qual foi (ou continua sendo) a função do chamado “periato”? Grato pela atenção.

Prof. Everaldo Chammas
Maringá - SP

Resp.: “Periato” é um termo que não se usa há muito tempo. O radical “peri” significa “quase” ou “em volta de”. Portanto periato seria a palavra que designa uma interrupção, no meio do espetáculo, geralmente com a finalidade de mudanças de tempo ou local na ação dramática.

Gerald Thomas, fiquei impressionada com os efeitos de fumaça colorida que vi no palco. Vocês poderiam explicar como eles são conseguidos?

Regina F. Silva
São Paulo - SP

Resp. - Os efeitos de fumaça podem ser conseguidos de várias maneiras. A forma mais simples é com gelo seco. Assim que o gelo entra em contato com água quente, ele solta fumaça. Quanto mais quente a água, maior a quantidade de fumaça. Chama-se de fumaça pesada, porque fica próxima ao chão. Existe também uma máquina apropriada, que, através da queima de parafina, produz uma fumaça leve, que se expande para o alto. Quanto ao colorido, é obtido através da iluminação.

EFEITO FUMAÇA



Como estudante de 2º grau, tive poucas oportunidades de assistir a peças de teatro. Numa delas, do famoso diretor



Escrevi uma peça teatral - obra de principiante, mas a que tenho especial apego - e pretendo registrar minha autoria. Que procedimento a revista

AUTORIA GARANTIDA

Teatro da Juventude me recomenda, nesse caso? Existe algum órgão oficial que faça esse tipo de registro autoral?

Lourenço Fauss
Indaiatuba - SP

Resp. - Você deve procurar a SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - que é a entidade que cuida de direitos autorais de peças. A sede fica no Rio de Janeiro, na av. Almirante Barroso, 97, 3º and.
Tel.: (021) 240-7231. O endereço de São Paulo é av. Ipiranga, 1123, conj. 804. Tel.: (011) 229-9011.

da dramaturgia brasileira, como Martins Pena, Arthur Azevedo e outros, que estão caindo no esquecimento.

Ruth Nogueira - autora teatral
Campinas - SP

Resp.: Agradecemos sua sugestão. Concordamos que estas peças devam ser conhecidas pelos mais jovens. A partir da próxima edição, passaremos a publicá-las.

PARABÉNS À EQUIPE TJ



Fiquei muito feliz com a reedição da revista **Teatro da Juventude**. Sou professora aposentada e foi uma grata surpresa saber do lançamento da revista em minha cidade. Parabéns a todos que participaram da reedição e conseguiram que a revista fosse renovada, sem perder as características que a eternizaram na memória de todos que a utilizaram.

Maria do Carmo Azevedo
Ribeirão Preto - SP

RESGATANDO VALORES



Estou gostando muito da revista **Teatro da Juventude**. É um inestimável estímulo ao fazer teatral, tão importante ao desenvolvimento da criança e do jovem. Os textos estão bem equilibrados, quanto às temáticas e faixas etárias, porém gostaria de sugerir que vocês publicassem algumas peças consideradas clássicas

CADASTRAMENTO DE GRUPO AMADOR

A COTAESP - Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo - está **cadastrando os grupos de teatro amador** do Estado de São Paulo.

Os grupos devem enviar à SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA - COMISSÃO ESTADUAL DE TEATRO, aos cuidados de **Efrén Colombani**, as seguintes informações:

Nome do grupo, nome do responsável, endereço, cidade, CEP, telefone(s) para contato e uma relação dos membros do grupo.

End.: rua da Consolação, 2333, 9º and., São Paulo/SP CEP 01301-980.

Prazo de entrega: até 30 de setembro.

QUEREMOS A REVISTA!



Venho através desta solicitar exemplares da revista **Teatro da Juventude**, que será de grande valia para os nossos conhecimentos e para propiciar melhores técnicas em trabalhos com nossos alunos e até mesmo no atendimento à nossa comunidade.

Elizeu da Cruz
Diretor da Escola EMEI - O Mundo
Alegre da Criança - Sumaré - SP



Solicitamos o primeiro número e os seguintes da revista **Teatro da Juventude**. Justificando este importante pedido para nós, esclarecemos que a nossa instituição cultural, além de ter uma escola de música, também está dando cursos de dança e teatro. No final do ano passado foram realizados, com os alunos do curso de teatro, uma peça e um musical.

Elias Evangelista da Silva Fo.
Corporação Musical Imaculada
Conceição de Itapeçerica da Serra
Itapeçerica da Serra - SP

Resp.: As revistas estão sendo enviadas a todos aqueles que nos solicitaram, mediante seleção prévia da Comissão Estadual de Teatro.

PRESENTE DE ANIVERSÁRIO



Venho por meio desta humilde carta pedir a vocês os números 1 e 3 da revista **Teatro da Juventude**. Consegui o nº 2 por acaso na Oficina Cultural da cidade e já o li por inteiro, assim

como os exemplares antigos dos “Cadernos de Teatro” e “Teatro da Juventude” que se encontram nas bibliotecas da cidade. Sempre sonhei em ter a “minha coleção” para ler e pesquisar a qualquer momento. Pode parecer um pouco de egoísmo, mas gostaria de ver realizado esse meu antigo sonho. Considerem um presente de aniversário: dia 26 de março vou completar 18 anos de vida e 5 anos de palco. Espero que possam me atender, porque não sei outra forma de consegui-las.

Gabriela G. Sola
São Carlos - SP

Resp.: Você já deve ter recebido seu “presente de aniversário” via correio. Para conseguir os próximos números, você deve solicitá-los à Oficina Cultural de sua cidade ou à Delegacia Regional de Cultura de Araraquara (av. Espanha, 188, 2º and. CEP 14801-130), que são as entidades encarregadas da distribuição regional.

ESCREVA PARA CARTAS

A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

Escreva para:

Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 9º and.
São Paulo - SP
CEP 01301-980.
Fax.: (011) 259-9495

SUMÁRIO

Como fazer

Formação de um grupo de teatro	10
Ednaldo Freire	

Livros

A criação de um papel	13
Constantin Stanislavski	
Artes Cênicas: Introdução à interpretação teatral	14
Hilton Carlos de Araujo	

Glossário

A luz no teatro	15
Milton Andrade	

Textos

6 a 9 anos (aproximadamente)

Cegonha boa de bico	23
Marilu Alvarez	

Maiores de 14 anos (aproximadamente)

Soltando o verbo	47
Zecarlos de Andrade	

15 a 18 anos (e para amadores adultos)

Buchicho	83
Gilda Vanderbrande	
Este ovo é um galo	97
Lauro Cesar Muniz	

FORMAÇÃO DE UM GRUPO TEATRAL

“Quando um certo número de indivíduos encontra símbolos para os elementos nesse modelo inconsciente, eles formam um grupo. Têm valores comuns a defender, um inimigo comum, um líder comum e um padrão comum de comportamento.”

Money Kirle

Ednaldo Freire*

Chegamos ao final do século XX, e é incrível como, apesar de todo o avanço tecnológico no campo da comunicação, o teatro continua despertando cada vez mais o interesse do homem moderno. Isso demonstra o incrível fascínio que o processo dramático exerce na formação do indivíduo.

Nenhum meio de comunicação, por mais sofisticado que seja, consegue o fenômeno no confronto ao vivo entre os dois grupos (palco e platéia).

Teatro é, por excelência, a arte da

reunião, do agrupamento, do compromisso coletivo. Comumente se imagina que a educação dramática esteja condicionada apenas ao treinamento para o palco. Ou seja, à formação de atores para representar perante uma platéia. Sabe-se, entretanto, que ela vem sendo utilizada também como instrumento auxiliar à educação, à psicologia, e muito recentemente a empresa

descobre a arte dramática como valiosa ferramenta para difusão de campanhas preventivas, implantação de novos programas e treinamento de seus colaboradores.

Não sei movido por qual interesse o

amigo leitor é seduzido a essa aventura, mas saiba que sempre achei que fazer teatro não deve ser privilégio de uma minoria que se convencionou chamar de classe teatral. Assim como se praticam esportes,

“Teatro é uma arte coletiva e, como tal, só pode ser praticado em grupo.”

o homem comum pode e deve praticar teatro. Afinal a arte é território de todos. Talento? Ninguém nasce com ele. Tem que ser trabalhado e só depende da capacidade de entrega e experimentação que o sujeito se permita vivenciar. Vocação? Esse então é outro mito, e a melhor resposta vem da atriz Fernanda Montenegro numa antiga entrevista:

“Não acredito em pureza de vocação nem mesmo nos santos. Vocação é resultado. Provém de gostos, ambições, desejos tão pouco puros porque se manifestam numa idade na qual tudo é apetite, quando na verdade não podemos julgar nem a nós mesmos.”

Que isso, entretanto, não seja tomado como um incentivo vazio. A prática do teatro requer disciplina, vontade, determinação, objetivo.

Conforme já mencionei, o teatro é uma arte coletiva e como tal só pode ser praticado em grupo. Quando se fala em grupo vem à tona uma série de questionamentos quanto a sua formação. Pois bem, no intuito de colaborar tentando dirimir ao iniciante as dúvidas mais comuns, procuraremos respondê-las de maneira bem didática. Para que nossa exposição se torne palatável, façamos de forma teatral.

Imaginemos, então, uma situação em que a personagem A, um iniciante, dialogue com a personagem B, um experiente.

A- *Gostaria muito de fazer teatro. Como devo proceder?*

B- Procure um grupo. Se não encontrar, crie um.

A- *E como se faz um grupo teatral?*

B- Digamos que um grupo se forma, não se faz. O caminho mais curto seria procurar um curso de teatro. Na

impossibilidade, junte-se a pessoas que, como você, nutram o mesmo desejo de praticar teatro.

A- *E onde estão essas pessoas?*

B- Podem estar ao seu lado. Na escola, no trabalho, no clube, no sindicato, na associação de bairro, na comunidade...

A- *Tá. Mas como reunir essa gente?*

B- Procure uma maneira criativa de comunicação. Convoque via cartazes, jornal do bairro, comunicados, circulares etc. Peça ajuda ao seu professor, a um amigo... Vá até o departamento de cultura de sua cidade e exerça seu direito à cidadania. Marque uma reunião com as pessoas. Pelo diálogo certamente chegarão a traçar um plano de ação.

A- *Isso é o suficiente para a formação do grupo?*

B- É evidente que não. Isso será apenas o começo. Daí para a frente, um longo e paciente caminho será trilhado por todos, às custas de muito trabalho e questionamentos acerca dos propósitos e objetivos. O processo será dinâmico, constante e durará o tempo em que o grupo existir.

A- *Então como começar?*

B- O ideal seria conseguir a orientação de um profissional experiente que pudesse transmitir as técnicas básicas...

A- *Parta sempre do princípio de que isso é impossível.*

“Um grupo não se faz, se forma.”

B- Nesse caso, é trazer para o grupo alguém que de certa maneira já tenha passado por alguma experiência teatral.

A- E se não encontrarmos?

B- Aí é correr atrás do prejuízo. O trabalho do grupo deverá estar totalmente voltado à informação: ler muito, assistir a espetáculos, freqüentar bibliotecas, participar de workshops, palestras, cursos livres etc.

A- A montagem de uma peça não resolveria?

B- O objetivo será esse, mas antes é necessário se instrumentalizar com um mínimo de informação, sob pena de o resultado abortar toda a conquista até então adquirida. É preciso paciência até se chegar à formalização do texto.

A- Qual o conselho, então?

B- O teatro improvisacional é sempre o bom começo, sobretudo o jogo dramático. Só o jogo será capaz de acelerar a imaginação criativa, transformando seres passivos em atuantes, além de auxiliar no trabalho de sociabilização do grupo, tornando-o mais expressivo e livre para vencer os bloqueios e preconceitos e possibilitando, portanto, que os anseios individuais sejam subordinados aos do grupo.

A- E o texto? Qual o melhor momento para começar?

B- Pode ser introduzido aos poucos, ainda nesse processo improvisacional. Inicie com textos curtos.

A- Qual deverá ser o critério para escolha do texto visando a montagem?

B- Deve ser uma experiência coletiva. O importante é não escolher algo acima das forças do grupo e do público a que se destina. É bom lembrar que o espetáculo

poderá resultar de uma criação coletiva.

Nesse caso é necessário estar muito atento, sob pena de ver seu trabalho transformado naquilo que chamamos de arte fechada. Pense sempre no público. É

preferível deixar as grandes idéias para mais tarde a atender a relevância do momento. A escolha do repertório deverá obedecer ao bom senso, demonstrando o processo de maturidade do grupo. Um grande lema ao amador li certa vez no *Cadernos do Teatro*, publicado pelo Tablado: SABER O QUE SE DESEJA. SABER O QUE SE PODE FAZER. FAZÊ-LO BEM. DESEJAR FAZÊ-LO CADA VEZ MELHOR.

A- E se no final de tudo nada disso der certo?

B- Bem, meu amigo, aí ficará pelo menos comprovado que em matéria de teatro não existe uma receita, e então é preciso buscar outros caminhos. Ah, em tempo: para mim tem dado certo. Eu fui você ontem.

* Ednaldo Freire é diretor, ator e professor de interpretação. Formou grupos teatrais em várias empresas e escolas. Especializou-se em trabalhar com iniciantes.

“O jogo teatral acelera a imaginação criativa.”

A ARTE DE INTERPRETAR

Mestre dos mestres, Stanislavski é autor obrigatório ao fazer teatral. e Hilton Carlos norteia o teatro/educação

A criação de um papel, de Constantin Stanislavski. Ed. Civilização Brasileira. Indispensável a todos que pretendem iniciar-se nas artes cênicas e também àqueles que se interessem pelo teatro, sejam profissionais ou simples espectadores.

Com esse volume o autor completou sua trilogia sobre o treinamento do ator. Os dois primeiros, *A preparação do ator* e *A construção do personagem*, voltavam-se essencialmente ao ator jovem, em seus primeiros passos em busca do saber teatral.

Enquanto nos dois primeiros Stanislavski visava à formação do intérprete, nesse terceiro, supondo as duas primeiras fases conquistadas, ele passa para a preparação de papéis específicos. A partir da primeira leitura da peça e do desenvolvimento da primeira cena, o autor expõe todas as circunstâncias, internas e externas, que indicam o comportamento do personagem e decompõe seus traços

característicos. Trata também dos problemas que o ator irá enfrentar no palco ao se transferir para o personagem, tanto no aspecto físico quanto no psíquico.

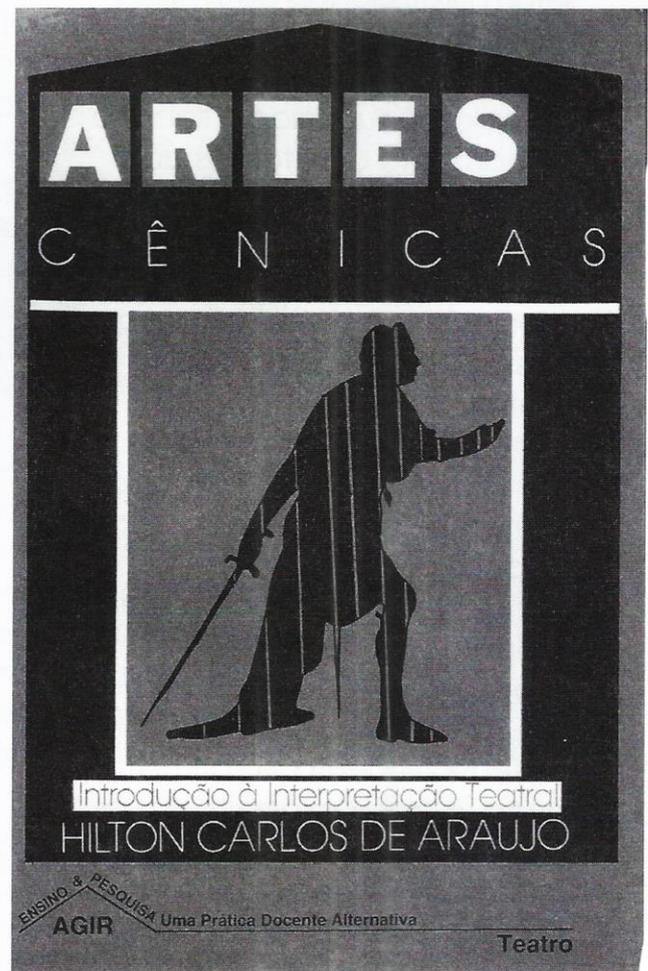
Para fundamentar a teoria na



prática, Stanislavski analisa minuciosamente três peças clássicas: *A desgraça de ter espírito*, comédia de Griboyedov, *Otelo*, tragédia de Shakespeare, e *O inspetor geral*, de Gogol. Fundador do Teatro de Arte de Moscou, Stanislavski morreu em 1938 e, mais de um século após sua morte, seus métodos se mantêm atuais e são fonte de inspiração dos mais renomados artistas das artes cênicas da atualidade.

Artes Cênicas: Introdução à Interpretação Teatral, de Hilton Carlos de Araujo. Ed. Agir. O livro dirige-se a iniciantes no trabalho de teatro, seja na formação de atores ou de educadores e pesquisadores na atividade de teatro educacional. Sem pretender ser original ou pioneiro, visa, através de exercícios e jogos, a fornecer elementos que possam embasar o trabalho. Mestre de artes cênicas, o autor vem trilhando um percurso em Teatro/Educação que iniciou há mais de vinte anos na Sociedade Pestalozzi do Brasil; passou por escolas, trabalhos com teatro ligado a terapia, estágio como orientador-conselheiro em Sèvres (França), no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos, e, a partir de 1972, tornou-se responsável pela disciplina de Artes Cênicas na Escola de Teatro da Universidade do Rio de Janeiro, UNI-RIO/RJ. Do trabalho na Universidade

surgiu o livro. Todos os exercícios e jogos foram vivenciados em sala de aula. Alguns são frutos de modificações baseadas em comentários de alunos. São do mesmo autor: *Uma experiência de teatro na escola secundária* (Cades - MEC); *Educação através do teatro* (Editex-Rio), traduzido para o espanhol como *Educación por el Teatro* (publicado sob os auspícios da Embaixada do Brasil em Lima); *Teatro integrado - Experiências* (S.N.T.). No Peru, alguns grupos sustentam um trabalho de teatro em escolas e penitenciárias apoiados no *Educación por el Teatro*.



A LUZ NO TEATRO

A luz que ilumina o palco, criando climas, acentuando momentos da representação ou definindo passagens de tempo ou de lugar, é uma conquista recente. A história da iluminação é muito nova se comparada com a do teatro, que tem mais de dois mil anos. Conheça a terminologia relacionada à iluminação e também um pouco de sua história

Milton Andrade*

AFINAÇÃO: verificação final nos aparelhos de iluminação, visando à precisão nos efeitos.

BACK-LIGHT: efeito de luz produzido por refletores colocados no fundo do palco e voltados para a platéia, de maneira a dar a impressão de profundidade. Também é chamado **CONTRALUZ**.

BANDEIRA: conjunto de pequenas placas metálicas reguláveis, fixadas diante dos refletores, de forma a permitir regulagem na abertura ou fechamento do foco luminoso.

BLACK-OUT: completo escurecimento da cena.

CABO: fio de grosso calibre, blindado.

CAIXILHO: dispositivo dos refletores onde são fixadas bandeiras e gelatinas.

CANHÃO: refletor de grande potência e dependente do operador. Em inglês, **FOLLOW-SPOT**.

CARRINHO: parte do refletor com *fresnel* que permite a aproximação ou distanciamento do bulbo, provocando abertura ou fechamento do foco luminoso.

CHICOTE: trança de fios condutores de eletricidade.

DIMMER: o mesmo que reostato ou resistência.

ELETRICISTA: técnico que instala aparelhos de iluminação cênica, de acordo com as exigências do iluminador.

FONTE: circuito elétrico capaz de fornecer energia suficiente.

FRESNEL: lente com sulcos concêntricos utilizada em refletores.

Por extensão, refletor.

GAMBIARRA: renque de luzes enfileiradas numa calha situada na parte inferior do urdimento, sobre a ribalta ou sobre a platéia.

HOLOFOTE: o mesmo que projetor ou spot-light. Termo em desuso.

ILUMINAÇÃO: arte e técnica de iluminar espetáculos, visando não apenas à boa visualização, mas também a valorizar e "dar clima" à cena.

ILUMINADOR: profissional que projeta a iluminação cênica, cuida dela e supervisiona sua execução. Difere do eletricitista por não ser, necessariamente, um técnico em eletricidade, mas um criador de efeitos.

LUZ ALTA: iluminação proveniente de refletores instalados sobre a cena. Em inglês, *TOP-LIGHT*.

LUZ ATENUANTE: luz auxiliar, destinada a reduzir as sombras produzidas pela *LUZ CHAVE*.

LUZ BÁSICA: luz difusa e uniforme, ajustada de maneira a não produzir sombras.

LUZ SIMPLES: sem efeitos.

LUZ CHAVE: feixe de luz que incide diretamente sobre pessoa ou objeto, produzindo sombra que denuncia a real posição do(s) refletor(es).

LUZ CRUZADA: efeito produzido por

feixes de luz colocados em diagonal e à frente do objeto ou pessoa.

Também chamada *CROSS-LIGHT*.

LUZ DE CHÃO: resultante de refletores posicionados a pequena altura nas laterais do palco. Muito usada em espetáculos de dança.

LUZ DE FUNDO: iluminação difusa sobre parede de fundo ou ciclorama.

LUZ A PINO: o mesmo que *LUZ ZENITAL*.

LUZ DE REALCE: feixe de luz intensa, originado por refletor de alta potência ou canhão.

LUZ ESTROBOSCÓPICA: efeito produzido por lâmpada especial que acende e apaga em vibração constante.

LUZ GERAL: iluminação difusa de toda a cena.

LUZ INCIDENTE: luz intensa ou feixe de luzes sobre determinado objeto ou pessoa.

LUZ LATERAL: luz proveniente das coxias.

LUZ PRINCIPAL: o mesmo que luz chave.

LUZ ZENITAL: luz resultante de refletores posicionados no alto do palco, iluminando do alto para baixo. Também chamada *TOP-LIGHT*.

LUZ NEGRA: efeito luminoso produzido por lâmpadas especiais de raios ultravioleta, ressaltando objetos e roupas

previamente pintados com tinta fosforescente.

MESA DE CONTROLE: conjunto centralizado dos controles que permitem realizar os efeitos luminosos previstos para o espetáculo.

PANELÃO: grande rebatedor de luz, provido de lâmpadas, geralmente instalado por trás dos bastidores. Também chamado tangão. Em inglês, *SCOOP*.

REFLETOR: equipamento de luz que consiste em uma caixa de metal com lente numa das extremidades, através da qual se projeta a luminosidade de uma lâmpada de 500 a 2.000 *watts*. Produz feixes de luz concentrada e de bordos precisos. Também *SPOT-LIGHT*.

RÉGUA DE LUZ: vara portadora de refletores.

REOSTATO: dispositivo provido de resistência e usado para controlar a intensidade luminosa. Também *DIMMER*, resistência e *SHUNT*.

RIBALTA: equipamento de iluminação que consiste num renque de lâmpadas instaladas no chão do proscênio. Por extensão, o palco, o teatro.

ROTEIRO DO ELETRICISTA: relação de todo o material elétrico utilizado num espetáculo, especificando o local em que deve ser instalado.

SPOT-LIGHT: o mesmo que refletor.

História da iluminação cênica

Na Grécia antiga, onde estão as raízes do teatro ocidental, era o Sol que iluminava os imensos anfiteatros, construídos nas encostas das montanhas. Os espetáculos aconteciam sempre no período da tarde, aproveitando a claridade mediterrânea. Assim, o desfecho das tragédias coincidia sempre com o pôr-do-sol.

Síntese da cultura helênica, o teatro conquistou os romanos, que, após a invasão militar na Grécia, trouxeram

para a Europa central o hábito de freqüentar casas de espetáculos.

Mais tarde, quando a Igreja dominou o ocidente, o teatro foi proibido. Por pouco tempo, entretanto, porque em breve ressurgiu com os mistérios, as moralidades e os milagres, de profundo cunho religioso. O público, formado por multidões de cristãos, participava dos espetáculos com a mesma contrição com que seguia a liturgia católica. E o Sol iluminava a todos.

Nunca mais o teatro foi tão popular como na velha Grécia e na Idade Média. Distante das grandes massas, passaria a ser realizado em ambientes fechados. A primeira notícia que se tem de uma casa de espetáculos nos vem de Veneza, onde, entre os anos 1580 e 1584, foi erguido o Teatro Olímpico, projetado por Andrea Palladio. Essa casa dispunha de uma clarabóia móvel, de maneira a aproveitar-se a luz do Sol, dirigindo-a para o palco. Esse tipo de teatro, porém, não foi muito comum.

Em sua *História do Teatro*, o escritor e animador teatral Hermilo Borba Filho conta como era o teatro na Espanha, por volta de 1700: "O tablado erguia-se a alguns pés do solo, sem orquestra e sem pano de boca, tendo ao fundo uma parede que se destinava a diversos usos. O cenário era composto de uma simples cortina, e os espectadores imaginavam o lugar da ação, iniciando-se o espetáculo às duas horas da tarde, para aproveitamento da luz do Sol." É dessa mesma época, na Inglaterra, um outro tipo de teatro: fechado, de forma arredondada, resumia-se num tablado que se projetava para dentro da platéia, formada por duas ou três séries de camarotes superpostos. Essas acomodações, destinadas a um público privilegiado, eram cobertas, porém o palco e a platéia térrea ficavam sujeitos às intempéries, o que impossibilitava a realização de espetáculos em dias de chuva. Quando o tempo permitia, os teatros anunciavam que haveria representação hasteando uma bandeira no ponto mais alto da

construção. As tardes de sol mereciam, assim, bandeiras e espetáculo.

Em Londres, ficaram famosos os teatros do Cisne e Globe, onde Shakespeare estreou muitos dos seus textos: Esse teatro, chamado Elizabetano, contava com grande dose de imaginação por parte do público. Os cenários eram apenas sugeridos ou meramente indicados por tabuletas onde se lia: **floresta, campo de batalha** ou **sala do palácio**. O texto ajudava a alimentar a imaginação da platéia, inserindo "pistas" nas falas das personagens. Quando Romeu, por exemplo, após o baile, permanece no jardim da casa de Julieta, Shakespeare coloca em suas falas seguidas referências às estrelas, à Lua e à escuridão, indicando aos espectadores que a ação se passava durante a noite, não obstante o Sol que banhava em cheio o palco onde se representava a cena. Comum em Shakespeare é a alusão ao ambiente noturno feita através de archotes acesos, trazidos pelos atores, embora o palco estivesse cheio da luz do Sol...

O sombrio Barroco do século XVII fecha ainda mais as salas de teatro, que passam a ser iluminadas pela bruxuleante luz das velas ou das lâmpadas a óleo.

Colocadas em lugar alto, em geral em candelabros pendentes do teto, as velas causavam deformações na fisionomia dos atores; daí a necessidade de mais luzes nas laterais do palco e na frente, no chão do proscênio. Surgiam assim as posições

que seriam assumidas, mais tarde, pelas gambiarras, os tangões e a ribalta. Foi num palco assim iluminado que Molière, o maior gênio do teatro francês, faleceu em 17 de fevereiro de 1673, às dez horas da noite, durante uma representação de *O Doente Imaginário*. O teatro, portanto, havia se libertado da luz do Sol e se tornara um entretenimento noturno.

Velas e lâmpadas a óleo tinham, porém, sérios inconvenientes. Eram instáveis em sua luminosidade, facilmente se apagavam e deixavam sempre no ar uma fumaça suja e mal-cheirosa.

Em 1870, na França, A. Argaud adaptou um espelho côncavo à chama de uma lâmpada a óleo, conseguindo multiplicar a luminosidade e dar relativa direcionalidade para o fecho luminoso. Sua invenção ocorreu dois anos apenas antes do aparecimento do bico de gás com chama livre, que passou a ter ampla aceitação. O gás encanado trouxe algumas inovações: tirava de cena os feios candelabros que interferiam na cenografia, isolava definitivamente o palco da platéia e, sobretudo, permitia a criação de climas luminosos, já que podia ser controlada a intensidade luminosa através da abertura ou do fechamento do combustível. Em compensação, aumentava o perigo de incêndio, já que os bicos de gás ficavam muito próximos do urdimento e dos cenários. As ribaltas, por sua vez, chamuscavam os longos vestidos das *prima-donas*. O medo dos incêndios chegou, na Europa, a afetar o valor

dos imóveis vizinhos aos teatros.

A procura de alternativas para o gás provoca, em 1783, na França, o surgimento das lâmpadas a querosene.

Em 1808, utilizando eletrodos de carbono, Sir Humphrey Davy inventa *l'arc électrique*, o arco voltaico, imediatamente adotado na produção de efeitos. A história da ópera registra, em 1848, uma montagem de *Le Prophète*, de Mayerbier, em Paris, onde a personagem principal surgia, em determinado momento da representação, milagrosamente resplandecente, graças ao arco voltaico.

Até então, o gás não perdera sua primazia na iluminação teatral. Inaugurado em 1875, L'Opéra de Paris tinha o palco e a platéia servidos pelo gás encanado...

Em 1879, Thomas A. Edison inventa a lâmpada elétrica. Em 1882, durante a Exposição Electro Technics de Munich, é inaugurada uma sala de espetáculos dotada dos mais recentes recursos de eletricidade, com comando unificado.

Rapidamente, as lâmpadas vão substituindo os bicos de gás nos teatros. Alcançava-se, finalmente, o equilíbrio luminoso com luz difusa.

A fabricação de bulbos coloridos trouxe para o teatro a necessidade de controles isolados para lâmpadas brancas, azuis e vermelhas, a fim de

produzir efeitos cromáticos. Aumentar ou diminuir a intensidade das lâmpadas, técnica que o uso do gás havia conquistado, tornara-se novamente impossível: sabia-se da possibilidade teórica do uso de resistências, mas a fabricação desses aparelhos era, então, impossível. Apelou-se, rapidamente, para a experimentação. Sabendo-se que a água salgada é excelente condutora de eletricidade, a salmoura foi eleita criadora de auroras e de crepúsculos.

Toda iluminação, até esse tempo, era realizada através de luz difusa. Só depois que apareceram lâmpadas de alta *wattagem* - as primeiras foram as de 500 watts - é que a luz dirigida e de bordos perfeitamente delineados começou a servir no teatro. Hoje existem bulbos de até 2.000 watts.

Como as lâmpadas para refletores só são fabricadas em branco, inventou-se a **gelatina**, espécie de filtro colorido e resistente ao calor. Fabricada nos mais diferentes matizes, a gelatina possibilitou trazer a natureza para dentro dos teatros. Esse tempo coincide com o naturalismo em cena.

Logo sucederia um período de dessacralização da arte, quando o teatro passou a ser exibido sem pano de boca, com os refletores à mostra para o público. De lá até nossos dias, as tendências se misturam, e o palco

vem sendo servido pela mais alta tecnologia. A descoberta do raio laser criou refletores potentíssimos, e a informática permite a programação de efeitos luminosos durante todo o espetáculo, ligando e desligando refletores, cambiando cores e intensidades etc.

No Brasil, os recursos da energia elétrica só chegaram ao teatro em 1943, quando estreou no Rio de Janeiro a peça de Nelson Rodrigues *Vestido de Noiva*, sob a direção de Ziembinski, que, aliás, cuidou também da iluminação. A respeito disso, Nelson Rodrigues, muitos anos mais tarde, em depoimento ao Serviço Nacional de Teatro, recorda: "Não posso falar da luz sem lhe acrescentar um ponto de exclamação. Em 1943, o nosso teatro era iluminado artisticamente: pendurava-se, no palco, uma lâmpada de sala de visitas, ou de jantar. Só. E a luz fixa, imutável e burríssima, nada tinha a ver com os textos e os sonhos da carne e da alma. Ziembinski era o primeiro, entre nós, a iluminar poética e dramaticamente uma peça. Ficamos atônitos de beleza."

* Milton Andrade é autor, diretor, professor de literatura, advogado e ex-diretor de escola de arte. Esta seção foi elaborada com elementos colhidos no "Dicionário da Arte de Representar", do autor, que se encontra em fase final de produção.

6 a 9 anos

(aproximadamente)

Cegonha Boa de Bico
Marilyn Alvarez

CEGONHA BOA DE BICO

de Marilu Alvarez

PERSONAGENS:

Taís
Nino
Helô
Cacau
Leo

(QUATRO CRIANÇAS JOGAM BOLA, BRINCAM DE PEGA-PEGA - MUITA MOVIMENTAÇÃO)

TAÍS (entra em cena afobada): Nino... Nino! (Grita) Minha mãe disse que vai comprar um nenenzinho.

NINO: Ih! Sua boba, não se compram nenenzinhos. Eu nunca vi vender na feira.

TAÍS: Mas ela disse que vai comprar; e se ela disse, é verdade!

NINO: Verdade, nada!

TAÍS: Você está chamando minha mãe de mentirosa, é?

HELÔ: A Taís está brigando outra vez... A Taís está brigando outra...

TAÍS (resmungando): Ele chamou minha mãe de mentirosa

NINO: Não é não! Eu só disse que bebê não se compra na feira, e aí ela não gostou.

TAÍS: Mas minha mãe disse que compra.

NINO: Eu li um livro uma vez que tinha tudo sobre neném. E eu fiquei sabendo como ele nasce.

HELÔ: No duro?! E como é?

NINO: A barriga da mamãe cresce e depois o nenenzinho nasce.

TAÍS: Por que será que a barriga cresce?

NINO: O papai põe uma sementinha dentro da mamãe e depois ela vai crescendo e vira nenenzinho

TAÍS: E como ele nasce? Conta!

NINO: Como nasce eu não sei!

CACAU: Eu sei como é! Eu sei! Eu vi meu irmãozinho nascer.

HELÔ: Você viu?!?

NINO: Como você entrou no hospital?

CACAU: Eu não fui ao hospital. Não deu tempo. A mamãe teve o Júnior lá em casa mesmo, no quarto.

HELÔ: Verdade? E como foi?

TAÍS: Conta, vai...Conta!

CACAU: Foi assim, ó...A mamãe começou a sentir dor de barriga. Ela disse que o nenê estava empurrando para baixo, querendo sair.

É como se ele estivesse dizendo assim: "Eu quero sair! Eu quero sair!"... Mas não deu tempo de levar a mamãe para a

maternidade.

HELÔ: E depois? E depois?

CACAU: Depois o papai chegou e me levou lá.

NINO: E você não viu mais nada?

CACAU: Daí eu não vi. Mas o papai me explicou tudo

HELÔ: Tudo... tudo?!?

CACAU: Tudinho.

HELÔ: É mesmo? E por onde ele nasceu?

CACAU: Nasceu por aqui (aponta para o sexo de Taís). Ele foi escorregando.... escorregando...A mamãe também ajudou porque fez bastante força para empurrar o neném. Aí apareceu primeiro a cabecinha e depois PLUFT, ele todinho. Ele tinha também um cordão comprido que meu pai disse que era um umbigo do neném.

TODOS: Umbigo comprido?!?

TAÍS: Mentiroso ! Eu nunca vi nenenzinho de umbigão. Eu nunca vi.

CACAU: Era comprido, sua boba. Depois eles cortam e fica igual ao meu, assim. (Mostra o umbigo) "Só um sinalzinho que parece um botão". Meu pai contou que antes do neném nascer ele se alimenta por esse cordão que vai do umbigo até a barriga da mamãe.

HELÔ: E o Júnior chorou muito?

CACAU: Ele saiu um pouco chateado e berrando, com a cara toda vermelha, parecendo um tomate. Ele não gostou muito porque dentro da mamãe ele estava muito quentinho e estranhou um pouco sair no frio depois de ficar nove meses lá dentro. Acho que

ele já estava acostumado.

NINO: E o médico não veio?

CACAU: Veio, sim. A mamãe precisava de ajuda para fazer o parto.

TAÍS: Parto?!?

CACAU: É... O nascimento do neném tem esse nome.

HELÔ: Eu ouvi dizer que dói muito.

CACAU: Dói um pouco porque o neném é grande e o túnel em que ele tem de passar para sair é pequeno... Por isso é que a mamãe tem que fazer força para empurrar o neném. Mas, quando é preciso, o médico também ajuda e ZÁS, dá uma injeção; aí a mamãe não sente dor nenhuma.

NINO: Quando eu era menor, meu pai disse que foi a cegonha quem me trouxe. Acho que ele pensou que eu não ia entender direito como era.

HELÔ: Essa cegonha é "boa de bico", viu.

TAÍS: Ah! Eu não entendi nada.

CACAU: Você nunca entende nada

TAÍS: Então, conta tudo de novo, vai...

CACAU: De novo?! Eu não! Quem entendeu, entendeu; quem não entendeu, não entende mais.

TAÍS: Ah! Também...

HELÔ: Sabe o que a gente podia fazer? Brincar de papai e mamãe, assim a Taís entende.

NINO: Ah, não! Essa brincadeira é chata.

TAÍS: Vamos brincar, vai? Eu quero fazer a mãe.

HELÔ: Eu tive a idéia primeiro, eu faço a mãe. Você não entendeu direito como é... Você não vai saber fazer.

TAÍS: Vou sim... Vou sim!

CACAU: Eu vou jogar bola (pega a bola).

HELÔ: Você nunca brinca do que a gente quer. Também não vou jogar bola com você.

CACAU: Ah! Helô, é brincadeira de menina.

HELÔ: Não é de menina, não. É de menino também.

NINO: Brinquem vocês, ora!

HELÔ: E quem vai fazer o pai?

CACAU: Não sei, não!

HELÔ: Vocês são uns chatos.

NINO: Helô, vamos jogar bola, vai; é mais legal.

HELÔ: Só se vocês brincarem primeiro.

CACAU (olha para Nino): Está bom... Está bom... Mas depois vocês jogam bola com a gente?

TAÍS: Eu jogo. Eu jogo.

HELÔ: Eu prometo.

CACAU: Você jura?

HELÔ: Eu...

NINO: Jura ou não?

HELÔ: Está bom... Eu juro!

CACAU: Por Deus?

HELÔ: É ... Eu juro por Deus.

TAÍS: Eu também juro (beija os dedos).

NINO: Então, eu sou o pai.

HELÔ: Eu faço a mãe.

TAÍS: Eu também quero ser a mãe.

HELÔ: Não, Taís, você pode fazer a... a... Baixinha, pronto.

TAÍS: Eu não sei fazer cachorro. Ser cachorro é chato.

HELÔ: O Cacau faz o neném.

CACAU: Eu não! Eu não quero fazer neném, ele chora muito.

TAÍS: Eu não quero ser cachorro. (Grande tumulto)

HELÔ: Então, vamos tirar "par ou ímpar". Primeiro eu e a Taís.

HELÔ: Ímpar!

TAÍS: Par!

HELÔ: Ganhei! Ganhei! Eu faço a mãe. A Taís faz a Baixinha.

TAÍS: Ah! Assim não vale. Vamos tirar de novo, vai?

CACAU: Não! Agora eu e o Nino.

NINO: Par!

CACAU: Ímpar! Ganhei! Ganhei! Eu faço o pai.

NINO: E eu tenho que fazer o neném, é? Que droga!

HELÔ: Vamos brincar! Vamos brincar! Eu... Eu vou lá dentro buscar as roupas da mamãe. Vamos fazer do comecinho. Eu vou sair pra passear e arrumar um namorado.

CACAU: E vou ser o pai, e não namorado, Helô.

HELÔ: No começo, a mamãe namorou o papai, seu chato!

NINO: Ih! Está ficando complicado. Vamos começar pelo fim?

HELÔ: Não! Assim a Taís não vai entender.

TAÍS: Au... Au... Au...!

HELÔ: Quieta, Baixinha! Que modos são esses? Se você não parar, não te levo pra passear, heim! (Taís coloca as duas mãos no rosto e, de quatro, começa a uivar) Tá bom...Tá bom! Vamos passear. (Taís corre de lá para cá alegremente). Que calor, meu Deus. (Senta no banco)

CACAU: Está na hora. Está na hora de entrar nessa estória. (Muda de personalidade, fazendo o tipo conquistador) Que mulheração! (Assobia)

HELÔ (lendo uma revista): Esses insolentes. Vou fingir que não ouvi. (Taís descansa as pernas e com as mãos se coça)

CACAU: Oi, coisa fofa! (Olha de um lado para outro)

HELÔ: Deve ser um desses paqueradores baratos.

CACAU: Quer namorar comigo, fofura?

HELÔ (levanta-se): Ah, Cacau! Não é assim. Você vai logo atacando.

CACAU: Tá bom... Tá bom... Não sei por que a gente não pode ir direto ao assunto. Você vai namorar comigo ou não vai?

HELÔ: Claro que vou! Mas não é assim. Mulher gosta de carinho e muita atenção.

CACAU: Então, eu vou tentar outra vez... Bem... Madame...

HELÔ: Madame não, senhorita.

CACAU: Que frescura, Helô. Assim eu não brinco mais.

HELÔ: Vai. Vai... Você tem que ser mais delicado.

CACAU: Bem... (Mudança) A senhorita aceita um pirulito? (Beija a mão de Helô).

HELÔ: Assim também não vale. Não se oferece pirulito a uma senhorita.

TAÍS: Já estou cansada de ser cachorro. Vocês não começam nunca.

CACAU: Também, não vale nada!

HELÔ: Você tem que ser mais carinhoso, só isso!

CACAU: Dá muito trabalho namorar; vamos casar logo?

HELÔ: Não! Você tem que ir devagarinho. Eu não te conheço, né?

CACAU: Vou começar de novo.

TAÍS: Então, não pare a brincadeira, senão eu não brinco mais. (Repetem a cena)

HELÔ: Ai, que calor. Ufa! (Abana-se)

CACAU (Que vai passando, nota Helô): Que linda garota! Acho que vou paquerá-la.

TAÍS: Isso mesmo! Isso mesmo!

HELÔ: Em frente. Em frente. (Abana-se)

CACAU: Está calor, não? (Olha de um lado para outro e senta-se com Helô)

HELÔ: É... um pouco. (Ri) Faz um elogio! (Abana-se disfarçando)

CACAU: Mas que lindo seu cachorro. Como é o nome dele?

TAÍS: Au... au... au... (Tenta morder Cacau)

HELÔ: Não é cachorro. O nome dela é Baixinha.

CACAU: Que lindo nome! Ela é muito bonitinha.

HELÔ: Obrigada! Fale de mim agora...

TAÍS: Aproveita agora. Aproveita!

HELÔ: Fica quieta, Baixinha.

CACAU (pigarreia): Sabe, a senhorita também é muito simpática.

HELÔ: Fala do meu sorriso lindo... (Grita) Fala. (Ri, disfarçando).

CACAU: Que lindo seu sorriso. Parece um carrinho de rolemã em dias de sol.

HELÔ: Ai... que romântico. Fala mais! Fala mais!

TAÍS (sonhadora): Ai... Ai... (Suspiro)

HELÔ: Que é isso, Baixinha?

TAÍS: Au... au... au...! (Tenta morder Cacau).

HELÔ: Baixinha! Que modos são esses? (Para Cacau) Fala... Fala...

CACAU: Falar o quê, Helô?

HELÔ: Qualquer coisa, qualquer coisa... Faz uma poesia.

CACAU: Eu não sou poeta, né?

TAÍS: Faz de conta que é! Faz de conta!

HELÔ: Baixinha!

TAÍS: Ops! Quero dizer: au... au... au!

HELÔ: Fala agora dos meus olhos. Para conquistar uma garota, você começa elogiando alguma coisa.

CACAU: Ah! Helô, eu não sei... (Coça a cabeça)

TAÍS: Fala, seu bobo.

CACAU: Deixa ver... (Muda) Sabe, seus olhos são lindos, parecem chuchu quando cai do precipício.

HELÔ: Assim não vale. Que falta de romantismo!

CACAU: Eu disse que não era poeta, não disse?

TAÍS: Au... au... au!

HELÔ: Baixinha! (Grita)

CACAU: Não tem importância. Mas é linda sua cachorrinha.

HELÔ: Você vai namorar comigo ou com a Baixinha?

TAÍS: Au... au... au! (Baixinha aproxima-se de Cacau carinhosamente).

HELÔ: Baixinha! Que assanhamento é esse? Se acalma! ... Ai, que calor! (Abana-se)

CACAU: Pois é... Pois é! Está calor, não é?

HELÔ: Pois é... Fala logo! Desembucha!

TAÍS: Convida ela pra tomar sorvete.

HELÔ: Isso mesmo! Rápido!

CACAU: É... Está calor. (Helô dá um beliscão em Cacau) Ai... ai... ai... A senhorita aceita tomar um sorvete comigo?

HELÔ: Oh! Seria um prazer (Levanta-se e pega no braço de Cacau. Taís segue de quatro na frente, latindo)

CACAU: Sua cachorrinha gosta de sorvete?

TAÍS: Gosto sim... Quero dizer: au... au... au!

HELÔ: Sorvete não!

TAÍS: Mentirosa!

HELÔ: Ela só gosta da casquinha.

TAÍS: O quê? Só da casquinha?

NINO (Entra em cena o sorveteiro): Olha o sorvete fresquinho. Olha o

sorvete fresquinho! Sorveteiro!

CACAU: Sorveteiro! (Grita) Ei, sorveteiro! Aqui... Aqui (Aproxima-se) Por favor, dois sorvetes e uma casquinha.

NINO: Dois sorvetes e uma casquinha... Casquinha?

CACAU: A casquinha é pra ela ali, ó!

NINO: Ah! Já entendi... Dois sorvetes e uma casquinha aqui para o cavalheiro. Quem quer mais?

TAÍS: Eu quero! Eu quero! Quero dizer: au... au... au!

HELÔ: Calma! Logo você vai comer sua casquinha, viu?

TAÍS: Sua ingrata!

HELÔ: Que modos são esses, Baixinha? Au... au... au! (Abaixa a cabeça e choramanga)

CACAU: Quanto é?

NINO: Deixe eu fazer as contas. (Finge pegar um lápis) São R\$ 50,00; nada mais, nada menos.

CACAU: Cinquenta reais? É muito caro!

HELÔ: Um cavalheiro não reclama, Cacau.

CACAU: Meu pai sempre reclama. Que roubo! Pensa que meu dinheiro é capim? (Paga)

NINO: Sorveteiro! Olha o sorvete fresquinho. Olha o picolé. Quem quer mais?

TAÍS (Taís faz xixi na perna de Cacau): Au... au... au! (Levanta uma das pernas)

CACAU: Mas o que é isso? (Sacode a perna)

HELÔ: Taís, cachorrinha não faz xixi assim. Que coisa feia. (Muda, disfarçando). Desculpe, cavalheiro, minha cachorrinha está confundindo tudo. (No ouvido de Cacau) Sabe, ela é

um pouco velha e caduca e...

TAÍS (levanta-se): Velha e caduca é você, viu? Eu não quero fazer cachorro. Eu queria ser a mãe.

HELÔ: Então, faz a minha mãe. Que coisa! (Taís sai de cena e se prepara com mudança de roupa. Enquanto isso, outra música e coreografia para Helô e Cacau)

HELÔ: Oh! Já está um pouco tarde. Mamãe deve estar preocupada. (No ouvido de Cacau) Tente me beijar. (Cacau beija Helô)

HELÔ: Que descaramento é esse?

CACAU: Ah, Helô! Foi você quem pediu, né?

HELÔ: As moças fazem assim mesmo. Elas fingem que não gostam. Eu gosto! (Sentam no banco, Cacau beija Helô)

TAÍS (entra em cena fazendo a mãe de Helô): Blanca! Que modos são esses? Na rua, uma hora dessas? Já pra casa! Vamos... Um, dois... três.

HELÔ (disfarçando): É a minha mãe. E agora?

CACAU: Ih! Acho que estou numa fria. Ela é muito brava?

HELÔ: Uma fera!

CACAU: Que enrascada! E agora?

HELÔ: Sei lá... Eu vou falar com ela (Dirige-se para Taís, que está batendo o pé nervosamente) Desculpe, mamãe, é que...

TAÍS: É o quê? Eu sei muitíssimo bem onde a senhora quer chegar. Pensa que me engana, é? Namorando escondido! Onde já se viu?

CACAU (sem jeito): Desculpe, minha senhora...

TAÍS: Sua senhora? Como, sua senhora? Que intimidades são

essas? Escute aqui: filha minha não fica namorando na rua até altas horas, não, senhor! Ela é moça de família, está ouvindo? Namorar, tem que namorar direito, e em casa. Vamos marcar logo a data do casamento.

HELÔ: Mas, mamãe, nós não estamos fazendo nada de mal.

TAÍS (puxa Helô para um canto): Escute aqui, minha filha. Conforme a hora e a idade, a gente passa a olhar só para o futuro! (Dramatiza uma cena à parte) Oh! Meu Deus! Quantas fraldas suas, cheias de xixi etc... etc... Eu tive que lavar. E agora o que recebo? O mundo é cruel! Oh! O que eu fiz de errado? Onde foi que errei? Eu, uma mãe profissional, sofrendo... sofrendo... sofrendo. E tudo por quê? Ah! Por causa de uma filha desnaturada que fica até altas horas na rua. Que horror! O que os vizinhos vão dizer? (Chora)

HELÔ: Ih, Taís! Não precisa exagerar! (Muda) Mas, mamãe, é só um namorinho à toa...

TAÍS: O quê?!? Um namorinho à toa?!? Como "à toa"? Explique-se.

HELÔ: Mamãe, é que...

TAÍS: É que o quê? Não senhora, não se perde um príncipe encantado assim... à toa. Ou você pensa que príncipes andam dando sopa por aí, heim? (Sonhadora) Oh! Já estou vendo você de véu e grinalda. Que emocionante. (Tira um lençinho e assoa o nariz). Aquela música de fundo... (Canta) Tam... tam... ram... ram... E você linda, todinha de branco.

parecendo... parecendo...

HELÔ: Uma boba!

TAÍS: Que é isso, menina? Parecendo... uma... uma princesa... andando... andando... andando...

HELÔ: Mamãe, por favor... Que coisa! (Tenta disfarçar) Eu... eu não quero me casar agora. Além do mais, nós ainda não nos conhecemos.

TAÍS: Filho é assim mesmo. O que a mãe constrói, filho destrói.

HELÔ (mais embaraçada): Por favor, mamãe, ele pode ouvir.

TAÍS: Que ouça, ora essa! Quando eu era mocinha, era mais esperta que você. Já ia direto ao assunto e pronto! Casamento na certa. Mas você, que remédio. Não tem jeito mesmo. Não sei a quem você puxou. Mas eu vou cuidar de tudo! De tudo mesmo! Vamos já para a igreja. Segurem o noivo! (Grita)

HELÔ: Mas, mamãe, eu nem sei o nome dele ainda!

TAÍS: O quê? Então, você tem a coragem de namorar um desconhecido? Vamos logo à apresentação. Como é o nome do noivo? (Grita)

CACAU (está distraído, assusta-se com Taís): O nome do noivo? Que noivo?

TAÍS: Ora! Não se faça de desentendido. Qual é o seu nome?

CACAU (sem jeito): Bem, o meu nome é Cacau... Não... não... desculpe, meu nome é... (Disparadamente) Alfredo... É isso mesmo! Alfredinho para os íntimos.

TAÍS: Alfredinho de quê?

CACAU: Alfredinho, filho de Dona

Genoveva e seu...

TAÍS: Eu perguntei de quê e não de quem!

CACAU: Oh! Agora eu já entendi. Meu nome é Alfredinho Tanuma; É isso... Meu nome é Alfredinho Tanumafria.

(Todos riem e depois assumem a brincadeira)

TAÍS: Pois muito bem, seu Alfredinho. Essa aqui é Blancura Casa... Casa... Blancura Casabreve. Já perdemos muito tempo. (Grita) Um padre... Um padre rápido! (Para Cacau) Chama o Nino pra fazer o padre. Rápido! (Música para a preparação do casamento. Altar - Mudança de roupa - Marcha nupcial- Helô entra desfilando, com Taís sorrindo sempre).

PADRE (Nino): Vamos começar a cerimônia (sotaque)

TAÍS: Isso mesmo! O mais rápido possível.

PADRE: Bem... Bem... Já que vocês casaram no "serviu"... (sotaque)

TAÍS: Como não serviu?!? Serviu, sim, senhor!

HELÔ (disfarçando): Mamãe, não é serviu, é civil.

TAÍS: Ah! sim... Sim... que susto! (Abana-se)

PADRE: Podemos continuar a cerimônia?

TAÍS: Por favor, padre.

PADRE: Então, continuemos. Senhorita... senhorita... (Para Taís) Como é mesmo o nome dela? (Taís diz-lhe algo ao ouvido) Ah! Sim... sim... Senhorita Blancura Casabreve aceita o senhor... senhor... Como é mesmo o nome dele? Ah! sim... sim... Senhor Alfredinho

Tanumafria como esposa, até que a morte os separe?

HELÔ: Até a morte é muito tempo. E se eu quiser descascar depois?

TAÍS: Descascar é outro problema. Agora diga sim e vamos acabar logo com isso.

HELÔ: Bem... Bem... Então... tá.

PADRE: Tá?!? Como tá?!?

TAÍS: Diga sim... Vamos... Diga sim...

HELÔ: Ah! Vai, eu aceito, pronto!

TODOS: Oh!...

TAÍS: Graças a Deus! (Abana-se)
(Tumulto geral)

PADRE (bate um martelinho na mesa):
Silêncio nesse recinto! (Todos fazem silêncio). Meus caríssimos irmãos... A casa de Deus não é lugar para fofocas. Ou vocês estão pensando que...

TAÍS: Padre, o casamento! Deixa o sermão para o final.

PADRE: Bem... bem... Então vamos continuar a cerimônia. Senhor Alfredinho Tanumafria, aceita como legítima esposa essa coisa horrorosa?

HELÔ: Assim eu não caso mais!

TAÍS (disfarçando): Padre! Que modos são esses? Comporte-se.

CACAU: Ih! Já está ficando complicado.

PADRE (bate o martelo): Silêncio neste tribunal...

HELÔ: Padre, não é tribunal, é...

PADRE: Ops! Desculpe. Podemos continuar a cerimônia?

TAÍS: Por favor, padre.

PADRE: Então continuemos... Porque meus caríssimos irmãos, assim disse o Senhor... Levantai e...

TAÍS: Padre, o casamento!

PADRE: Ih! Desculpem. Cadê o código penal? Quem pegou o código

penal do padre? Quem pegou?

HELÔ: Não é Código Penal, é a Bíblia, padre!

PADRE: Podemos continuar? Então continuemos... Senhor Alfrerico...

TAÍS: É Alfredinho, padre, Al - fre - di - nho... Que coisa!

PADRE: Então, continuemos... Senhor Alfredinho, diga sim agora (pensativo) ou será talvez? Ou então quem sabe? Diga agora ou ficará indeciso para sempre.

CACAU: Tudo nesse casamento tem que ser agora ou para sempre? Que chato!

HELÔ: Não vai estragar a brincadeira, Cacau.

CACAU: Bem... eu não queria me casar e...

TAÍS: Aceita logo! (Dá um beliscão em Cacau)

CACAU: Ai... ai... Eu aceito!

TODOS: Graças a Deus!

PADRE: Silêncio neste... neste... recinto! Podemos continuar? Então, continuemos... Se existe alguém que possa impedir esse matrimônio, que diga agora ou cale-se para sempre.

TAÍS: Não tem ninguém para impedir, não, padre.

(Tumulto geral)

PADRE: Silêncio... Podemos continuar? Então continuaremos... A partir de hoje, o réu é considerado culpado!

TODOS: Padre!

PADRE: Desculpem! Podemos continuar? Então continuaremos A partir de hoje, a Senhorita Blancura Casabreve passa a chamar-se Blancura Tanumafria, e está encerrada a sessão! O

próximo!

CACAU: Que casamento chato! A gente nem pode dizer o que pensa.

TAÍS: Viva os noivos! Viva os noivos!
(Música tradicional para a saída dos noivos)

HELÔ: Não chore, mamãe, essas coisas acontecem (Alguns abraçam os noivos)

NINO (muda de roupa e faz um amigo): Mas, Dona Lazinha, um casamento assim às pressas?

TAÍS: Pois é, seu Ferreira, o senhor sabe como são as coisas, né?

NINO: É! Casar filho hoje em dia dá muito trabalho, Dona Lazinha. Dá mesmo muito trabalho.

CACAU: Bem... bem... Já que tudo está em ordem... e já vou indo e...

TAÍS: Indo pra onde? Não, senhor. Agora o senhor está casado.

CACAU: Não falei?! Não falei?! Eu não estou gostando nada disso...

HELÔ: Olha o fotógrafo! (Cena congelada - Álbum de família)

HELÔ: Oh! Muito obrigada... Oh! Obrigada... Como está o seu pai? E seu irmão? Apareça sempre...

NINO: Parabéns!

CACAU: Muito obrigado... Muito prazer... Apareça sempre... Obrigado...

TAÍS: E para os noivos, nada?

TODOS: Tudo!

TAÍS: Então como é que é? É pique, é pique...

(Distribuição de sorvetes, balas e doces de graça para todo mundo).

TODOS: Viva!

NINO: Parabéns a você, nesta data querida...

HELÔ: Nino, não é festa de aniversário.

É casamento!

NINO: É tudo a mesma coisa. Festa é festa, né, Helô!

(Música e coreografia)

CACAU (tentando parar o tumulto):

Um instante... Um instante...

Senhoras e senhores (sobe no banco)! Vou anunciar que daqui a pouco a minha... a minha... (para Taís) Como é mesmo? Ah! A minha senhora vai ter um bebezinho.

TODOS: Oh!

HELÔ: Eu, assim tão rápido? Assim eu não quero!

NINO: Se tem que ter, que tenha logo. Nada de esperar.

HELÔ: Mas demora nove meses pra nascer.

CACAU: É muito tempo, Helô!

TAÍS: É... Ele ainda não colocou a sementinha no lugar. Assim não vale.

CACAU: Então, vamos fazer logo essa parte da brincadeira.

HELÔ: Primeiro você me abraça forte. Tem que ser com bastante amor. (Cacau abraça)

CACAU: Ih! Vai ser difícil. Eu não vou muito com a sua cara.

HELÔ: Faz de conta que vai. Faz de conta.

CACAU: Eu não sei como o neném entra lá, não. Só sei como ele sai. Essa parte eu não vi.

NINO: Agora ficou complicado!

HELÔ: Eu vou chamar meu pai para explicar tudo. Ih, lembrei! Ele ainda não chegou do trabalho.

TAÍS: E agora, hein?!

CACAU: A gente podia chamar o tio Leo; ele explica como é.

TODOS: Isso mesmo! Viva!

(Música para a saída das personagens. Voltam e tentam explicar a brincadeira para o tio.)

CACAU: Tio Leo, para o neném nascer precisa mesmo ter casamento?

LEO: Não necessariamente. Às vezes as pessoas vivem juntas, têm filhos e não são casadas. O que importa em tudo isso é o amor.

CACAU: Não falei? Não falei?

TAÍS: Minha mãe casou com meu pai, eu vi até uma fotografia, eu vi!

LEO: É, mas nem sempre é assim.

HELÔ: Tio, e de onde a gente veio?

LEO: Eu vou explicar, mas não gostaria que ninguém ficasse encabulado, está bem? (Um olha para o outro e começa um risinho malicioso. Taís o observa séria)

TODOS: ...lh! ...lh! ...lh!...

LEO: Bem... Se for para rir, eu não explico nada.

TAÍS: Explica pra mim, tio Leo, eu estou séria, ó! (Todos voltam a prestar atenção)

LEO: (*) Então, vamos lá. Prestem atenção: "Existe uma sementinha que o homem produz que tem um nome muito simpático e esse nome é Espermatozóide.

TODOS: Esperma o quê?!?

LEO: Es - per - ma - to - zói- de. É o começo das pessoas, eu, você todo mundo. Gente pequena é feita por gente grande. O espermatozóide parece um peixinho nadando contra a correnteza e ele vai em busca do óvulo, a "sementinha" que a mamãe produz dentro dela todo mês. Esse tal de espermatozóide é muito romântico e óvulo nenhum resiste. Por isso começa um namoro muito bonito que

chama fecundação e o resultado é o começo da gente..."

CACAU: Vamos fazer essa parte? Vamos fazer?

NINO: Eu sou o espermatozóide romântico

HELÔ: Você é o que, Nino?!

NINO: O espermatozóide romântico!

HELÔ: Então, nessa brincadeira eu sou o óvulo namorador.

TAÍS: E eu? Não sou nada, é? Deixa eu ser o óvulo, deixa?

LEO: Taís, vamos arrumar o quintal como se fosse um palco de teatro. (Leo, Helô, Taís e Cacau tiram tudo do palco. Entra música, podendo-se utilizar também filme ou slides). (Todos os atores estão vestidos de época - Helô vestida de veludo vermelho).

NINO: Sou ágil, sou rápido, sou esperto. Sou o incomparável, o inigualável Espermatozóide Romântico. Oh! "To be or not to be, this is the question!" (Para a platéia) É que sou uma personagem "a la Shakespeare". Oh! Uma pessoa assim, tão irresistível, não pode viver no mais completo anonimato. Oh! Amada minha, onde estás que não respondes? É preciso procurá-la! Mas como farei para encontrá-la?

(Nota uma porta inexistente. Do outro lado está Cacau de guarda). Eis uma porta; estará trancada? Vou tentar abri-la; mas pode estar fechada. Abre essa porta! Quem é o porteiro? Ficar aqui não posso o dia inteiro.

(*) Trecho extraído do livro "De Onde Viemos"? de Peter Mayle - Editora Mosaico.

CACAU: Ora! Vai bater em outro lugar. Deixa de cretinismo. Se ficares aí parado, pegarás reumatismo.

NINO: Abre logo! Ou esperas que um soco na porta eu dê?

CACAU (entra em cena): Abrir, caro senhor, resta saber por quê.

NINO: Por quê? Ora, é questão de sobreviver. Sei de uma princesa, um belo óvulo, que está a minha espera. É necessário nascer.

CACAU: Já temos pretendente. Vai bater em outra parte. Se insistir, haverá combate.

NINO: Quem és, que me pões porta afora?

CACAU: Porteiro, senhor, gentil porteiro, agora.

NINO: Com o que então queres me roubar a oportunidade? Fica certo, porteiro, não vou desistir.

LEO (fora de cena): Que barulheira é essa no portão

CACAU: É um outro ser, senhor; abro ou não?

LEO (entra em cena): Não! (Para Nino) Chegaste tarde, forasteiro! Eu cheguei aqui primeiro.

NINO: Seu... seu... Pois vais escutar um palavrão.

LEO: Ah! Então és um malandrão.

NINO: Estúpido, idiota! Pensas que me amedrontas simplesmente?

LEO: Ah! Ah! Ah! Só rindo. Pra que tanto rebuliço? Vou te fazer virar chouriço.

NINO: Acho que não conheces um dito muito certo que uma sova às vezes...

LEO: Oh! Decerto! Pois então é luta que queres? Essa não!

NINO: Estás com medo; por isso disseste não!

LEO: É uma boa resposta. Apronta-te,

senhor; lutaremos mão a mão!
(Grita) Guarda! As armas!

CACAU (entra com as espadas): Senhor, é necessário muito cuidado.

LEO: Descuida! Liquidarei este bastardo!

NINO: Não vou admitir que ninguém me chame de bastardo. (Para Cacau) Isso! Fica aí parado! (Para Leo) Se chamares a guarda, irás de embrulho.

LEO: Prepara as armas, senhor. Agora vai ter barulho.

NINO: Escolhe a espada, senhor...

LEO: Por favor, eu te desafiei primeiro...

NINO: Eu faço questão...

CACAU: Peguem logo! (Sai)

LEO: Olhando-se assim... Ah! Ah! Ah! Pareces uma toupeira.

NINO: Devo te avisar, senhor: isto não é brincadeira.

LEO: Vejo que de apanhar tu tens vontade. Travaremos então uma luta de verdade.

NINO: Dá o primeiro golpe e que seja reluzente.

LEO (cínico): És um cavalheiro, senhor. Isso, por certo, me deixará contente. (Dá o primeiro golpe)

NINO: Defendo-me com igual louvor.

LEO: Perfeito! É um perfeito golpe, senhor!

(Lutam espada)

LEO: Depressa! Guardas! Guardas!

NINO (aponta a espada para o guarda): Um passo para trás

LEO: Rápido! Rápido! Há muita urgência.

NINO: Estás vencido; por isso, tenhas paciência. (Leo sai de cena)

CACAU: Senhor... Senhor (faz reverência), és agora o vencedor! Deixa que eu mostre o

caminho que deverás seguir. A princesa espera por carinho. Tens de ir.

NINO: Oh! Devo estar de aparência péssima.

CACAU: Vai, senhor; não percas tempo, há urgência. Já que a circunstância nos tornou amigos... Segue esta estrada e segue bem contido.

NINO: Obrigado, amigo. É tempo de ir embora.

CACAU: Vai, senhor. Segue a trilha sem demora. Já ouvi bater uma hora.

NINO: Adeus, amigo. Espero te encontrar algum dia.

CACAU: Se eu conseguir me libertar, senhor... vou tirar essa farda. Não gosto de fantasia.

NINO: Toma de presente a minha espada. Talvez ela te livre de alguma enrascada.

CACAU: Obrigado, amigo. Talvez me dê sorte. E, tenho certeza, ela por certo me fará forte.

NINO: Agora eu preciso ir. Já fiquei muito tempo aqui.

CACAU: Segue a trilha que mandei, senhor. Ela começa logo ali.

NINO: Pegarei firme, então, pela costa.

CACAU: Isso, amigo. Mãos à obra!

NINO (caminha apressadamente sem sair do lugar): Ó! Que cansaço me abate agora. Não sei onde mora essa bela senhora.

(Cena paralela - Palco escuro - Foco em outro plano).

HELÔ: Ó! Que triste solidão a minha. Sou no mundo como uma gota d'água à procura de outra gota. Será que a minha secou? Foi embora? Ó! Não pode ser! Que demora! Fui avisada que um

bravo cavalheiro estava seguindo a trilha. Ele precisava chegar aqui primeiro. Ó! Deve ser belo, forte, esse meu companheiro! Mas por que demora tanto? Algo terrível pode ter acontecido. (Reflete) Finalmente, alguém vai se importar comigo. Eu, uma simples desconhecida, um óvulo somente. Ó! Não posso me deixar abater agora. Preciso continuar a viver... Sim... Sem demora! Ó! Espera cruel! Ó! Céus! (Para a platéia) É difícil esse papel. (Canta) Ó!... Ó!... Ó!...

NINO (Foco de iluminação): De onde será que vem esse lamento? Uma brisa? O ruído do vento?

HELÔ: Ó!.. Ó!... Ó!...

NINO: Estou ouvindo um "Ó!" diferente! Será ela, a amada? A bela donzela? (Grito de Helô) Sim... Sim... É ela! Eu nem posso acreditar! Como é bela! Como é bela!

HELÔ: Ó! Que barulho eu percebo? Será ele? Não, não... Devo me iludir, deve ser impressão. A ansiedade às vezes me dá essa inquietação.

NINO (levanta-se e tenta aproximar-se): Fala comigo, mui graciosa dama.

HELÔ: Ouço vozes! (Olha para Nino) Será real o que vejo? Ou será ilusão de ótica? Ou, então, o que será isso? Será que durmo ainda julgando ver o que jamais terei visto?

NINO: Fala! Sinto-me abalado; em teus sonhos, também, ter-te-ia desposado!

HELÔ: Oh! Ele fala! (Suavemente encara Nino) Consola-me esse

teu decreto. Hoje pões fim ao meu viver inquieto.

NINO (beija-lhes as mãos e se ajoelha): Ó! Senhora... Juntos faremos um novo ser.

HELÔ: Ser ou não ser, eis a questão... Oh! Tu me encabulas...

NINO: Não! Não olhes tão para baixo assim. Possuis tanta graça, tão soberano olhar. Deixa-me beijar-te. Sentir-me-ei triste sem poder tocar-te. (Beija a mão de Helô)

HELÔ: Ó, maravilha! És humano ou divino? Quem és?

NINO: Não maravilha, não divino. Sou o Príncipe Espermatozóide, senhora. Sou o que sou agora.

HELÔ: Príncipe Espermatozóide?! (Ri) E eu um óvulo?!

NINO (para a platéia): Sou louco ou tenho juízo? Meu nome ela repete com um sorriso! Pouco importa; vejamos se isto dura. Com ela, embarcarei nesta aventura.

HELÔ: Então, não vou te impedir a entrada. A porta nem estava trancada...

NINO: Ó! Não consigo acreditar; de perto és mais bela!

HELÔ: Folgo que minha beleza te agrade tanto! Mesmo feia, parecerei bela aos olhos de quem me ama. Antes de aqui chegares, eu estava tão só...

NINO: Ó! Minha pobre amada. (Tenta consolá-la)

HELÔ: Mas agora eu sou feliz. Possuis também tanta beleza.

NINO: Não quero admitir, senhora, mas essa rima é uma pobreza... Mas... seguirei contigo para ver se acerto.

HELÔ: Olha para mim, senhor. Eu estou

aqui tão perto...

NINO: Olhando-te com mais atenção, te deixa linda esse vestido!

HELÔ: Obrigada. Foi presente!

NINO: Decerto... Decerto! Então, fico contente. Vem, sigamos... Acompanha-me, não digas nada. Tudo será vantajoso, segue comigo calada! (Pega as duas mãos de Helô e Black)

LEO: Ó! Aquele velhaco. Ele me pagará caro. Ó! Maldição!

CACAU: Nada podes fazer, senhor.

LEO: Onde está o forasteiro?

CACAU: É melhor conformar-se, senhor. Ele chegou lá primeiro.

LEO: Ele me impediu com aquela espada atrevida. Me negou o céu, proibiu minha própria vida.

CACAU: Que espécie de loucura te domina?

LEO: Não é loucura. É minha triste sina.

CACAU: Do teu fracasso nasceu a causa disso.

LEO: Não foi fracasso, foi feitiço.

CACAU: Então, senhor, aceita a sorte que te foi reservada.

LEO: Triste a minha; olhar a noite, o amor e não ver nada.

CACAU: Paciência, senhor, ele é o vencedor!

LEO: Por que o defendes tanto? Por que teu coração reparte?

CACAU: Porque o óvulo é dele a melhor parte.

LEO: Então, agora não me ajudas mais. És dele amigo do peito?

CACAU: Sim, meu senhor. A má sorte foi teu único defeito.

LEO: Não posso admitir estar vencido.

CACAU: É melhor conformar-se, senhor. Ela já tem marido.

LEO: É oportuno esse teu aparte. Uma vez que comigo não se encontra,

com outro estará decerto.

CACAU: Sim, meu senhor, o nascimento tem prazo certo.

LEO: Me diz: ela o aceitou, o que disse?

CACAU: Que só a ele amava e que o mais era tolice.

LEO: Então, vou perecer a contragosto.

CACAU: O jeito é conformar-se, senhor. Aceita. Foi deposto.

LEO: Pareço, assim, tão deformado?

CACAU: Foi pela luta, senhor, teu rosto ainda está inchado.

LEO: Ó! Que maldade infinita.

CACAU: Não te tortures, existe maldade maior ainda.

LEO: Então, me vou... E tu ficas aí parado? É melhor seguir.

CACAU: Vou esperar outra oportunidade, não tenho agora aonde ir... Mas... ó!

LEO: "Mas, ó!" O quê? Vamos, fala!

CACAU: Nada, eu gemo.

LEO: Se tiveres sorte, talvez nasçam gêmeos.

CACAU: E se esperas? Quem sabe nasçam trigêmeos.

LEO: Já perdi as esperanças. Despeço-me de tudo ao meu redor. Minha consistência diz que algum dia terei sorte melhor. Adeus, guarda!
(Sai)

BLACK

HELÔ: Sim, sigamos juntos. Seremos um só ser. Juntos havemos de ser.

NINO: Acredita, bela senhora. Estaremos sempre juntos no presente, no passado, no aqui e no agora.

HELÔ: Que caminho devemos seguir?

NINO: Não pergunte. Temos de ir.

HELÔ: Sim... Partirei contigo!

NINO: Sim... Seguirás comigo. Não tenhas medo. Segura a minha mão.

HELÔ: Me sentirei protegida assim, junto ao teu coração.

NINO: Me sentirei seguro, mesmo no escuro.

HELÔ: Me sentirei forte, mesmo na morte!

NINO: Te farei feliz de repente.

HELÔ: Te farei presente, mesmo estando ausente.

NINO: Te farei bela ao anoitecer.

HELÔ: Te farei forte ao amanhecer!
(Coreografia)

BLACK

(Luz total no palco O elenco volta a ser criança - Entram em cena Cacau, Taís e Leo)

LEO (rindo): Foi uma brincadeira perfeita.

CACAU: Se foi!

TAÍS: Eu não gostei.

LEO: Por que, Taís?

TAÍS: Vocês não me deixaram brincar também.

LEO: Na próxima, você entra e vai ter uma participação especial.

TAÍS: Assim eu não quero!

CACAU: Ih! Nós esquecemos de uma coisa!

LEO: De quê?

CACAU: Todo casamento tem lua-de-mel, não é?

LEO: Bem... nem todos.

TAÍS: O que é lua-de-Mel?

LEO: Lua-de-mel é uma viagem que as pessoas fazem para ficarem sozinhas e...

TAÍS: Então, eu fiz uma lua-de-mel com meu pai. Eu viajei sozinha com ele...

LEO (rindo): Não é assim, Taís. Deixa eu explicar. Primeiro um homem e uma mulher se conhecem, namoram e se casam. Depois do casamento, quando puderem e se quiserem, eles viajam. Essa viagem é chamada de "lua-de-mel", entendeu agora?

TAÍS: Mais ou menos. Quando eu crescer, eu quero uma lua-de-mel bem gostosa!

CACAU: Assim não dá! A Taís não entende nada!

TAÍS: Lua-de-mel é a viagem de quem se casa! Viu como eu entendi?

LEO: Isso mesmo!

CACAU: Vamos brincar, tio?

TAÍS: Vamos brincar de pega-pega, vamos?

CACAU: Eu não quero, Taís.

LEO: Para vocês não brigarem, vamos brincar todos juntos. Onde estão o Nino e a Helô?

TODOS: Nino! Helô!

HELÔ (entra correndo): Que foi, tio?

LEO: Eu tenho uma surpresa para todos. Sentem aí. (Todos formam um círculo e Leo fica no centro).

LEO (Apresentador de circo): Preparem-se, senhoras e senhores. Agora vocês vão se emocionar. Porque nós apresentaremos para todos vocês a grande atração desta noite. O Gran Circus Alegria traz excepcionalmente da Europa, para todo o Brasil, a emocionante e hilariante "Lua-de-Mel" ...

TODOS: Viva! (Aplaudem)

HELÔ: Eu quero fazer a lua-de-mel de avião.

NINO: Ih! Vai ser difícil fazer um avião aqui no quintal.

LEO: Quando a gente quer uma coisa,

nada é difícil. Eu faço o comandante.

TODOS: Viva!

TAÍS: Tio, eu quero fazer a aeromoça.

NINO: Eu ajudo a fazer o avião.

HELÔ: Então, vamos brincar...

(Todos procuram material para fazer o avião. Taís veste uma saia justa e um terninho. Leo coloca óculos escuros e um xale no pescoço, um capacete de brinquedo. Helô prepara as malas. Cacau veste um terno e olha o relógio impaciente. Música movimentada).

CACAU: Vamos embora... Vamos embora. O avião não pode esperar.

(Pegam as malas e caminham apressadamente pelo palco). Táxi! Táxi!

NINO (entra de táxi): Bi... Fom... Fom...

CACAU (finge entrar no taxi): Para o aeroporto, por favor. Estamos perdendo o avião.

NINO: Rommmmmmm. Ponto final! Aeroporto à direita

CACAU (paga): Obrigado... obrigado... (Correm pelo palco - Som de aeroporto)

HELÔ: Olha um avião! Aquele é meu, eu vi primeiro!

CACAU: Helô! Que coisa! Você não é mais criança.

HELÔ: Puxa! Eu ainda vou pedir para o meu pai comprar um avião desses pra mim. Olha! Está descendo um helicóptero! Você já viu um de perto? É lindo!

CACAU: Aquele é meu! Eu vi primeiro.

HELÔ: Você também não é mais criança, Cacau.

TAÍS (aperta o nariz e fala como se estivesse num microfone): Senhores passageiros do voo 567,

que se destina ao Rio de Janeiro, portadores de fichas verdes, queiram se dirigir para o embarque, pelo portão 3...Boa viagem!.

CACAU: Somos nós os passageiros. Vamos! É o nosso avião!

HELÔ: Nosso nada! É meu, eu vi primeiro.

CACAU: Vai começar de novo, é?

HELÔ: Que emocionante! Eu nunca viajei de avião. Deve ser lindo. (Procuram sentar-se. Leo se coloca na frente juntamente com Taís) Eu quero ficar na janela! Eu pedi primeiro.

CACAU: Tudo você... Tudo você!

TAÍS: Bala, senhora? (Oferece com uma cestinha nas mãos)

HELÔ (séria): Quanto é, moça?

CACAU: Helô! (Para Taís) Desculpe, senhorita, ela nunca andou de avião.

TAÍS (sorrindo em X): É de graça, minha senhora. Oferta da companhia.

HELÔ: Então, eu quero todas!

CACAU: Helô! Vocês está esquecendo...

(Cacau ajuda Helô a apertar o cinto)

HELÔ: O comandante Jatos e sua tripulação dão boas-vindas a bordo aos passageiros embarcados em São Paulo. Nossa próxima escala é no Rio de Janeiro. Nosso tempo de voo será de aproximadamente 50 minutos. Voaremos a uma altitude média de 8.000 metros e a uma velocidade de 800 km/por hora. Estamos à disposição dos senhores passageiros para qualquer informação. Por sua atenção, obrigado.

(Cacau e Helô seguram firme, inclinando-se para trás e voltando lentamente à posição inicial)

LEO: Ai, que friozinho na barriga!

CACAU: Olha lá embaixo! O mundo está ficando pequenininho.

HELÔ: Parece mágica. A gente pode pegar tudo com a mão. Mas quando será que vai aparecer a lua de mel?

CACAU: Acho que vai demorar um pouco. Ela só aparece à noite. (Taís entra em cena para servir cafezinho)

TAÍS (sorrindo em X): Aceita um cafezinho, senhor?

CACAU: Que aeromoça gentil!

HELÔ: Ela é meio esquisita. Não pára de rir.

TAÍS: Aeromoça tem que sorrir sempre (fala com os dentes cerrados).

HELÔ: E quando ela estiver triste?

LEO: Senhores passageiros, dentro de alguns minutos, desceremos no Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio de Janeiro. A temperatura local é de 35 graus. O tempo é bom. Pedimos o obséquio de não fumar e respeitar o aviso luminoso e não esquecer sua bagagem de mão. Apertem os cintos, permanecendo sentados até a parada total da aeronave.

CACAU: Olha o Pão de Açúcar!

HELÔ: O Pão de Açúcar é meu; eu vi primeiro!

CACAU: Ah, é! O Rio de Janeiro é meu. Eu vi primeiro!

NINO: Então, o aeroporto é meu. Eu vi primeiro!

TAÍS: Não sobrou nada pra mim? Então a lua-de-mel é minha. Eu vi primeiro!

HELÔ: Ah, Taís. Você estragou a brincadeira.

LEO: Também, vocês fizeram uma confusão danada.

HELÔ: Foi a Taís.

TAÍS: Foi nada! Foi você!

LEO: Calma! Calma!

NINO: O que vamos fazer agora?

CACAU: E o neném? Nós esquecemos dele.

LEO: Não, agora é que ele vai começar a crescer.

TAÍS: Crescer onde?

CACAU: Dentro da mãe dele, sua boba.

HELÔ: É mesmo. Eu sou a mãe.

CACAU: E o pai. Vamos brincar...

LEO (tenta organizar): Estão todos prontos?

TODOS: Estamos!

LEO: Então, companheiros, em frente! Helô veste-se como gestante, Cacau com camisa e colete, Helô põe uma bola para fazer a barriga).

HELÔ (passeando com Cacau de braço dado): Ai... Ai...

CACAU: Que foi, querida?

HELÔ: Acho que vou vomitar.

CACAU: Ih, Helô! Logo agora? Bem feito! Não falei pra você não comer aquela lata de doce toda? Tá vendo? Fez mal.

HELÔ: Não é isso, seu bobo. Quando a mamãe espera neném, sente vontade de vomitar.

CACAU: Não entendo por quê. Ela devia ficar contente.

HELÔ: Ela fica! Só que sente vontade de vomitar. Vou começar de novo. Me trata com muita atenção. Mulher grávida precisa de muito carinho.

CACAU: Está bom! Vai em frente!

HELÔ: Ai... ai... (Suspiro)

CACAU: Está com vontade de vomitar? Vomita em mim mesmo. Pode vomitar que eu não ligo.

HELÔ: Acho que... acho que está na hora.

CACAU: Na hora de que, Helô?

HELÔ: De ter neném, seu bobo. Faz alguma coisa, rápido!

CACAU: Já? Ai, meu Deus, o que fazer? (Corre de lá para cá) O que fazer? Oh! Onde estou? Quem apagou a luz?

HELÔ: Não precisa exagerar, Cacau.

CACAU: Mas, quando a gente vai ser pai, a gente não fica confuso e nervoso?

HELÔ: Que fica, fica... Mas, não fica louco, né?

CACAU: Ih, Helô! Você é muito exigente.

HELÔ: Está na hora... Está na hora...

CACAU: Eu... eu... eu... vou chamar um táxi.

HELÔ: Me leva para o hospital, acho que o neném quer nascer.

CACAU: Táxi... táxi... Nem parou; que falta de coração escolher passageiro numa hora dessas.

HELÔ: Ai... ai... ai...

CACAU: Você está com dor, Helô?

HELÔ: Dói um pouco, mas depois que o neném nasce, a gente até esquece.

CACAU: Então, faz cara de dor.

HELÔ: Está um pouco difícil.

CACAU: Então, eu vou te dar um beliscão.

HELÔ: Dá... mas não com muita força (Cacau dá um beliscão em Helô)

HELÔ: Ai... ai...

CACAU: Melhorou!

LEO (entra em cena o motorista de taxi): Rommmmmmm.

Bibifonfonnnnnnn. Sai da frente,

poste! (Cacau dá sinal - Leo puxa o breque) Breque! Stop!

CACAU: Por favor, motorista, até o hospital mais próximo.

LEO: Ela está passando mal?

CACAU: Não, ela está passando bem; é que vai nascer um neném.

LEO: No meu carro? Essa não! Essa não!

HELÔ: Não vai dar tempo! Não vai dar...

CACAU: Por favor, é um caso de emergência.

LEO: Se é emergência, então vamos... Vai com calma aí, ó neném! Agüenta a pontas, madame. Lá vamos nós. Roommmmm. Passando uma rua... passando outra... virando à esquerda... entrando contramão... subindo na guia, passando sinal vermelho, sendo... multado... Rommmmm. Breque.... Stop.... Chegamos! Fim da linha! Maternidade ali adiante...

CACAU: Que rápido! (Ajuda Helô a descer) Obrigado... (Sai).

LEO: Hei! Hei! Esqueceu de pagar o táxi.

CACAU: Desculpe. Quanto é?

LEO: Bem... são R\$ 30,00 pela corrida + 3 multas, tudo somando dá R\$ 200,00.

CACAU: Duzentos reais? É muito caro!

LEO: O senhor não disse que era emergência?

CACAU: Eu disse.

LEO: Então, pronto! Emergência é mais caro! Paga! Bi... bi... fon... fon... Motorista saindo... Rommmmm... (Leo veste-se de médico)

CACAU: É aqui mesmo, a maternidade. É aqui mesmo... Venha... Por favor, enfermeira, minha esposa está

tendo um neném.

TAÍS (datilografando numa máquina imaginária): E daí? Toc... toc... rim... tum... tum... Retrocesso.

CACAU: Mas, enfermeira, ela...

HELÔ: Não vai dar tempo... Não vai dar tempo!

CACAU: Ih, Helô! Fale outra coisa, vai; eu já estou ficando nervoso de verdade.

TAÍS: Vamos preencher a ficha.

CACAU (nervoso): Como, ficha? Não ouviu o que ela disse? Não vai dar tempo...

TAÍS: Regulamentos são regulamentos. Por isso, responda a tudo o que eu perguntar, senão...

CACAU: Senão o quê?

TAÍS: Senão, não vai dar tempo! O problema dela é mal súbito?

CACAU: Mal súbito?

HELÔ: Como mal súbito?

TAÍS: Muito bem... Qual o nome da paciente?

CACAU: Paciente nada! Não vê que ela está impaciente?

TAÍS: Toc... toc... rumm... Nome completo e data de nascimento.

CACAU: Mas o neném não nasceu ainda.

TAÍS: Nome completo da impaciente... Toc... toc... pum... rum... Esta máquina está com algum problema.

CACAU: O nome dela é Blancura Tanumafria.

TAÍS: Toc... toc... Blancura está onde?

CACAU: Tanumafria é o sobrenome dela.

HELÔ: Não vai dar tempo. Não vai dar... Ai... ai... Tá nascendo...

TAÍS: Como?!? Aqui no corredor? Emergência... Emergência... Bebê nascendo no corredor. Bebê

nascendo no corredor... Doutor Emergildo... Doutor Emergildo... Emergência... Enfermeira chamando... Emergência... Dirija-se ao corredor 3, cubículo 1. Paciente impaciente... Bebê nascendo... Isso não é uma gravação. Desligo. (MÉDICO ENTRA CORRENDO)

LEO: Onde está a impaciente?

HELÔ: Estou aqui, doutor.

LEO: Justo agora que eu estava tirando uma soneca. Essa não! Deixe eu ver a garganta. (Examina) Hum... hum... Inflamadíssima! Inflamadíssima!

CACAU: Rápido, doutor. Eu vou ter um bebê, sabe?

TAÍS: O senhor? Vai ter um bebê?!?

LEO (examina a barriga de Cacau): Isso é gravíssimo... Gravíssimo! Vou anotar nos meus apontamentos!

CACAU: Eu vou ser o pai. Quem vai ter o bebê é ela ali, ó!

LEO: A enfermeira vai ter um bebê? Quem diria? Quem diria?

TAÍS: Não sou eu, doutor. É ela aí.

LEO: Não pode ser... Não pode ser! Ela está com a garganta inflamada.

HELÔ: Não vai dar tempo... Não vai... Tá nascendo (Grita).

LEO: Emergência... Emergência... Põe o pai pra fora, enfermeira! Emergência! (Coloca Helô no banco com as pernas abertas e de costas para o público)

TAÍS: Como está a paciente, doutor?

LEO: Pulsação fraca. Traga-me uma injeção.

HELÔ: Injeção não! Injeção não!

LEO: Fica quieta! Você quer parto sem dor ou não quer? Quer ser mãe ou não quer? Eu não estou entendendo nada!

HELÔ: Querer eu quero! Mas injeção não!

LEO: Mãe aqui no hospital não manda nada. Enfermeira, me dê as luvas... (Taís dá material errado) Não, enfermeira... Primeiro as luvas.

TAÍS: Primeiro as luvas... Primeiro as luvas...

LEO: Agora a tesoura.

TAÍS: Tesoura... Tesoura... Tesou...

HELÔ: Tesoura? Tesoura pra quê?

TAÍS: Para cortar o umbigo do neném...

LEO: Chega!!!

HELÔ: Ele vai ficar sem umbigo?

LEO: Essas mães de 1ª viagem... Ele vai nascer de umbigo comprido e depois a gente zás... corta!

TAÍS: Zás corta... zás corta... zás...

LEO: Chega!

HELÔ: É... Eu nunca vi neném de umbigão...

TAÍS: Eu nunca vi... Eu nunca vi... Eu...

LEO: Gozado, eu também não.

HELÔ: É duro ser mãe, viu!

LEO: Ser mãe é muito bom, mas tem hora que é "fogo na roupa"!

TAÍS (preocupada): Não está nascendo, doutor. Acho que tem alguma coisa errada.

LEO: Então, vamos fazer uma cesariana.

HELÔ: Não! Cesariana não! É melhor o neném nascer normalmente. E se ele não quiser nascer agora?

LEO: Querer, ele quer, sim! Depois desse escândalo todo? Essa não! Essa não!

HELÔ: É melhor esperar um pouco mais para ter certeza.

TAÍS: Esse bebê é muito indeciso. Se tem que nascer, que nasça logo!

Ora essa!

LEO (para a platéia): Ó, Bebê! Vai nascer ou não vai?

TAÍS: Ih, Doutor! Olha a cabecinha dele! Ele vem vindo, empurrando tudo! (Sai correndo) Bebê nascendo... Bebê nascendo... Nasceu!

TAÍS: Viva! É hora, é hora, é hora, é hora, é hora. Rá... tim... bum... Bebê! Bebê! Bebê!

LEO: Enfermeira! Comporte-se! (Dá um tapinha no bumbum do bebê)

TAÍS: Opa! Desculpe, doutor.

NINO (de fralda, chora): Buá... Buá... Buá...

TAÍS: Ih! Nasceu de fralda e tudo! Bebê nasce pelado, não é, doutor?

LEO: É... mas esse é diferente!

HELÔ: Diferente?!? Diferente como, doutor?

LEO: Ele é um pouco apressadinho.

HELÔ: Ele é perfeito?

LEO: Deixe-me ver... Hum... Hum... É, parece que só tem esse pequeno problema.

HELÔ: Graças a Deus! É menina ou menino, doutor?

LEO: Olhando bem... é um menino.

HELÔ: Oh!

TAÍS: É hora... É hora... Ra... tim... bum... menino...

LEO: Enfermeira!

TAÍS: Opa! Desculpe, doutor.

HELÔ: Eu quero ver a carinha dele.

LEO: Bebê, sua mãe quer ver sua cara.

TODOS: A cara do pai!

BLACK

(Cena paralela)

CACAU: Não agüento mais ficar nervoso. Dá muito trabalho.

TAÍS (entra em cena com Nino

engatinhando): O senhor teve um lindo bebê!

CACAU: Eu! Tive um bebê?!? Onde está ele?

NINO (puxa a calça de Cacau): E estou aqui, ó!

CACAU: Meu filho!

NINO: Papai!

TAÍS: Que emoção! Que emoção! (Tira um lençinho e assoa o nariz)

CACAU: Ele fala! Ele fala! Esse meu filho é um gênio! Um gênio!

NINO: Eu quero minha mãe... Buá... buá...

CACAU: E agora, enfermeira?! Cadê a mãe dele?

TAÍS: Oh! É verdade! Aqui no hospital não temos berçário para mães; está em construção e ainda não ficou pronto. Vamos fazer estágios para mães principiantes. Vamos ensinar como devem criar seus filhos. E vamos ter atendimentos extras. Por exemplo: quando um bebê quiser viajar, ir ao cinema, tomar sorvete etc... etc.. pode deixar sua mãe aqui no hospital e apanhar depois. Isso não é maravilhoso?

CACAU: Isso é sensacional!

NINO: Eu quero a mamãe... Eu quero a ma...

CACAU: Não chore... Que bonitinho! Boi... boi... boi... boi da cara preta, pega esse menino que tem medo de careta.

NINO: Ih, pai! Que música chata!

HELÔ (entra em cena): Meu filho!

NINO: Mamãe!

TAÍS: Que emoção! Que emoção! (Pega um lençinho)

BLACK

(Todos tiram as roupas e voltam a ser crianças, rindo e brincando)

LEO: Foi genial! Vocês me fizeram sentir criança outra vez. Sabe, eu até pensei que nós estivéssemos participando de uma peça teatral. Não é engraçado?

TAÍS: Eu não achei graça nenhuma. Puxa! Eu... eu...

HELÔ: Que foi, Taís?

CACAU: Ah! Não vai dizer que você não entendeu nada.

TAÍS: Entender eu entendi, mas eu não compreendi aquela hora que...

NINO: Essa não!

CACAU: Nós não vamos começar tudo de novo, não!

LEO: Taís, conta pra mim o que você não entendeu.

TAÍS: Sabe o que foi? Ah! Eu estou com vergonha... (Esconde o rosto)

HELÔ: Ah, Taís! Pergunta pra sua mãe, vai?

BLACK

TODOS: Pergunta para o seu pai... Pergunta pra sua mãe... Pergunta para a sua professora...

(Música de circo, coreografia)

F I M

Maiores de 14 anos

(aproximadamente)

Soltando o verbo

Zecarlos de Andrade

SOLTANDO O VERBO

texto e concepção de **Zecarlos de Andrade**

Exercício cênico de interpretação para **dois atores e uma atriz**

CENÁRIO:

Biombos e cubos manipulados pelos atores de acordo com as necessidades das cenas. Os três intérpretes devem usar roupas básicas, tais como "jeans" e camisetas, sobre as quais serão acrescentados adereços diversos.

ATO ÚNICO

OS TRÊS ATORES ENTRAM E SENTAM-SE EM POSIÇÃO DE "IOGUE", ASSUMINDO AS POSTURAS DOS TRÊS MACACOS ORIENTAIS: O QUE NÃO VÊ, O QUE NÃO FALA E O QUE NÃO OUVE. ESCUTAMOS ALGUNS ACORDES MUSICAIS SEGUIDOS DE UMA GRAVAÇÃO SOLENE.

GRAVAÇÃO: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele; e nada do que tem sido feito, foi feito sem ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens..."

ATRIZ: Eu canto porque o instante existe. E a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou poeta.

ATOR 1: Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo nem tormento.

Atravesso noites e dias no vento.

ATOR 2: Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou me desfaço, não sei, não sei. Não sei se fico ou passo.

ATRIZ: Sei que canto. E a canção é tudo.

ATOR 1: Tem sangue eterno a asa ritmada.

ATOR 2: E um dia sei que estarei mudo:

ATRIZ: Mais nada.

ATOR 1: Cecília Meireles.

ATOR 2: Poetisa.

ATRIZ: Uma alma feminina que lidou muito bem com o Verbo.

ATOR 1: Hoje Cecília está muda.

ATOR 2: Sua voz calou-se há trinta anos.

ATOR 1: Mudos nascemos.

ATOR 2: Mudos um dia estaremos.

ATOR 1: Mas nesse intervalo nos dedicamos a falar.

ATRIZ: Quem fala deve saber do que fala, por que fala, quando fala e pra quem vai falar...e o que é

mais importante...

ATOR 1: (Cortando) Fala-se pela boca e pelos cotovelos.

ATOR 2: Fala-se tanto, que, sem nos darmos conta, passamos a maior parte do tempo falando.

ATOR 1: Quem conta um conto, aumenta um ponto.

ATRIZ: Portanto, cuidado! Se você disser para alguém que tem uma galinha que bota ovos...

ATOR 1: ...não estranhe se, mais tarde, espalharem por aí que você é dono de uma granja.

ATOR 2: E para que não se perdesse aquilo que se dizia foi que surgiu a necessidade da escrita.

ATRIZ: E nascia assim aquilo que hoje chamamos de "Literatura".

ATOR 1: Três são os gêneros da escrita literária.

ATOR 2: Primeiro: Épico!

ATRIZ: É a narrativa. Alguém contando alguma coisa.

ATOR 1: (Referindo-se ao ator 2) Ele gosta dela, que não gosta dele porque ela gosta de outro que não gosta dela, porque gosta de outra e, por causa disso, ele, que gosta dela, vive triste, sonhando com o dia em que ela gostará dele.

ATRIZ: Segundo gênero: Lírico.

ATOR 1: Ele não se conforma com a indiferença dela e passa a falar de seus sentimentos íntimos em oníricos devaneios que, quase sempre, só ele entende. Esta linguagem inexata e subjetiva recebeu o nome de poesia, que pode ser posta em prática por qualquer um sem contra-indicações, em versos, inteiros ou quebrados, rimados ou não.

ATOR 2: "O amor é uma flor roxa. Que nasce no coração do trouxa... Oh, meu amor, acabe logo com esta dor. Meu coração por ti gela, meus ais por ti são. Antes de te conhecer eu era um sujeito durão. Hoje afogo minhas lágrimas no forro do colchão. E acordo todo molhado porque me deixastes na mão. "

ATOR 1: O único efeito colateral é que, como acabamos de ver, em alguns casos, a poesia pode conduzir seu usuário a um estado de completa imbecilidade, deixando o coitado com esta cara de idiota.

ATRIZ: Terceiro gênero: Dramático.

ATOR 1: É o drama. O teatro. A mesma história posta em ação pelas falas de seus personagens.

ATOR 2: Oh, querida! Não vês o quanto é grande meu amor por ti?

ATRIZ: E tu não vês que não gosto de ti pois amo a outro.

ATOR 2: Mas o que tem ele que eu não tenho?

ATRIZ: Uma cobertura triplex com sauna e piscina, dois carros importados, conta bancária no exterior, telefone celular que lhe dá panca de bacana, bolso cheio da grana e não nasceu com essa sua cara de banana.

ATOR 2: Bem que eu podia ter ido dormir sem essa. Mas, agora, finalmente, posso descansar sem pressa. Está claro que de mim ela não gosta. Pior pra mim, fiz papel de bobo e acabei com cara de...

ATOR 1: Épico, Lírico e Dramático.

ATRIZ: Os três gêneros literários.

ATOR 2: Se fosse só isso, seria fácil.

ATOR 1: Acontece que o homem é um bicho criativo...

ATOR 2: E dentro de cada gênero...

ATRIZ: ...inventou mil formas de falar sobre o mesmo assunto.

ATOR 1: Pois a linguagem escrita é de infinita riqueza...

ATOR 2: ...que se manifesta tanto de um jeito simples, ingênuo, pobre, feio, sem graça...

ATRIZ: ...quanto, dependendo do talento do autor, dotada da mais sublime beleza, como podemos ver nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, que abordou esse mesmo assunto no poema "Quadrilha".

ATOR 1: "João amava Tereza que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.

ATOR 2: João foi para os Estados Unidos, Tereza para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se...

ATRIZ: ...e Lili casou com J. Pinto Fernandes, que não tinha entrado na história."

ATOR 2: Até o século XV, os pensamentos, expressos por palavras, eram copiados, um a um, por dedicados monges, que passavam vidas inteiras apenas fazendo isto.

ATOR 1: Mas, em 1452, Gutemberg, inventando a imprensa, possibilitou a reprodução daquilo que antes era escrito manualmente.

ATRIZ: E, desde então, nunca mais

paramos de pensar, falar, escrever, publicar e guardar para que, algum dia, alguém viesse a ler.

ATOR 1: O texto escrito permite muitas interpretações e, uma vez registrado, impede que sejamos atraídos pelas palavras que usamos.

ATOR 2: Que já não dizem exatamente o que desejamos, pois o valor real das palavras tornou-se barato e desprezível.

ATOR 1: Exageramos tanto na tentativa de revigorar suas forças, que acabamos perdendo a noção das medidas.

ATOR 2: É o caso dos superlativos, antes empregados em situações extremas...

ATOR 1: Agora transformados em recurso esfarrapado para chamar a atenção.

ATRIZ: (Mostrando um anel espalhafatoso) Gente! Dá só um "look" no meu "bijou".

ATOR 1: Beleza! Coisa fina!

ATRIZ: Não é o máximo?

ATOR 2: É! Parece lindo!

ATRIZ: Só lindo?

ATOR 1: Lindíssimo!

ATRIZ: É pouco!

ATOR 2: Lindérrimo!

ATOR 1: Lindésimo!

ATRIZ: Tá longe!

ATOR 2: Lindesíssimo!

ATOR 1: Lindesissimérrimo.

ATOR 2: Lindesissimerresimíssimo.

ATOR 1: Lindesissimerresimissimérrimo.
(PAUSA)

ATOR 2: Mas a pedra é falsa.

ATOR 1: É mesmo!

ATOR 2: Quer saber do que mais?

ATOR 1: É uma droga!

ATRIZ: Palavras têm vida própria e falam por si mesmas.

ATOR 2: Há tempos atrás, estudiosos da arte de falar reuniram-se para discutir a força das línguas.

ATOR 1: Vindos de países diferentes, defendiam o poder de seus idiomas.

ATOR 2: O inglês, pontual como lhe convém, elogiava a objetividade de sua língua: "To be or not to be, that's the question."

ATRIZ: William Shakespeare. "Hamlet", Terceiro Ato. Cena Primeira.

ATOR 1: Tradução: "Ser ou não ser. Eis a questão".

ATOR 2: Uma questão tão simples, mas tão simples, que estão até hoje, depois de cinco séculos, tentando entendê-la.

ATRIZ: O francês, perfumado e sedutor, declarava amor à elegância de seu idioma. "Quand je pense que tu penses / Que je ne pense pas à toi / Ma pensée me fait penser / Que tu ne penses pas à moi."

ATOR 1: Poema de autor desconhecido que, graças a um melodioso jogo de palavras, descreve, com aparente profundidade, uma idéia banal.

ATRIZ: "Quando eu penso que tu pensas / Que eu não penso em ti / Meu pensamento me faz pensar / Que tu não pensas em mim.": Ai, gente! É demais, não é?

(Desaprovação dos dois atores)

ATOR 1: O italiano, romântico e espirituoso, falando mais com as mãos do que com a boca, provava como sua língua era campeã em musicalidade.

(Cantando)

"Ti voglio bene, sai..."; "Dio, come ti amo! "... "O Sole mio "... "La donna è mobile "... "Don Corleone e tutti quanti amici e buona gente bella, mezzo alici, mezzo mozzarella..."

ATOR 2: O alemão, com rispidez, definia seu linguajar como o mais compacto, sem desperdício de intenções: "Liebfraumilch": marca de vinho para a maioria. Fusão de três palavras transformadas em rara poesia.: "Lieb", amor.. "Frau", senhora, a mulher que desejamos... "Milch", o primeiro alimento: leite. "Liebfraumilch" ou "Leite da Mulher Amada" para transmitir a idéia de uma bebida preciosa.

ATRIZ: Um homem de tez amarela explicava como as línguas do extremo oriente são ricas em significados.

ATOR 1: Um representante dos desertos jurava ser seu idioma o mais antigo, já que o primeiro dos livros, a "Bíblia", palavra esta que significa livro, foi escrito com seus caracteres.

ATOR 2: Todos falavam como se uma só língua, dentre as demais, pudesse ser melhor ou pior, mais bonita ou feia, mais curta ou comprida.

ATRIZ: Cada idioma possui particularidades individuais, adquiridas em séculos de tradições culturais inconfundíveis.

ATOR 2: Mas um espanhol resolveu acabar com a conversa.

ATOR 1: Eu, nascido em terras de Espanha, berço de gênios como Lorca, Picasso, Cervantes, Goya,

Velasquez e tantos outros, digo que todas as línguas são pobres, pálidas, agonizantes, se comparadas com a energia da língua espanhola. Digo e provo! "Duela a quién duela!" Ouçam! "Fogo." Em inglês é "fire". Lenta e espichada como tigela de mingau derramado no chão. "Fire". Em francês, pronuncia-se "feu". Palavra desossada. Verdadeira morta-viva sem sangue nas veias. "Feu". Na Itália fala-se "fuoco". Fria, antipática, mais vazia que buraco oco. "Fuoco". Em alemão é tão insignificante que dispensa comentário: "Fragt". Mas em espanhol, não! Uma língua "caliente", "salerosa", "ritmada" e "muy rica..." E, para que não se tenha mais dúvida, vejam como essa palavra "fogo", "fire", "feu", "fuoco", "fragt", em espanhol transforma-se em verdadeira explosão (grita com todos os pulmões: "fuego").

ATRIZ: Desse jeito, qualquer língua fica poderosa.

ATOR 2: A delicadeza de um "obrigado" em japonês vira "Arigatooooo"! (Como num golpe de judô)

ATRIZ: Uma saudação em alemão pode ter o som de ameaça: "Heil, Hitler!"

ATOR 2: O tom intimista de uma oração vira cômico desespero na boca dos italianos: "Dio mio! Per la Madonna!"

ATOR 1: (ainda como espanhol, tentando defender sua teoria) Tudo depende de como se diz!

ATOR 2: Isso acontece em qualquer

língua.

ATRIZ: E recebeu o nome de "prosódia".

ATOR 1: E para quem acha que isso é bobagem, lanço aqui um desafio.

ATOR 2: Duvido que alguém saiba me dizer como nasceu o samba, nosso ritmo mais popular.

ATRIZ: Alguém aí é capaz de responder?

ATOR 1: Aposto como ninguém tem a menor idéia.

ATRIZ: Pois fiquem sabendo que a cadência maleável e maliciosa do samba surgiu de uma briga entre cariocas.

ATOR 1: (sotaque exageradamente carioca) Olha aí, meu irmão! A mulata jeitosa, que tu tá de olho, tem dono e é com ele que tu tá falando. Vê se te acanha e sai de fina que o ambiente nesta gafeira é estritamente familiar.

ATOR 2: (como o ator 1) Se a formosura tá acompanhada, é melhor tu aprender a cuidar dela, já que foi ela que botou primeiro o olho em mim.

ATRIZ: Qual é, gente? Briga não tá com nada!

ATOR 1: Sai da frente, morena, que o distinto mexeu com meus brios.

ATOR 2: Se o cavalheiro tá mordido, é que tem culpa no cartório.

ATOR 1: Malandro bamba não leva desaforo pra casa. (Faz o gesto de quem puxa uma arma branca da cintura) Cai junto agora, valente!

ATOR 2: Se é pra falar com a voz da faca, eu é que não vou te deixar falando sozinho. (Faz o mesmo gesto)

ATRIZ: Dá um tempo, moçada! Pra que se machucar à toa?

ATOR 2: Não vem, não, que eu te furo, amizade!

ATOR 1: E eu, antes de te furar, vou querer te cutucar...

ATOR 2: Num me cutuca que eu te cutuco.

ATOR 1: Eu é que vou te cutucar.

ATOR 2: Tu num cutuca que sou eu que te cutuca.

ATOR 1: `Xa comigo no cutuco que sou bom de cutucar.

ATOR 2: Sou mais eu no cutucando sem parar de cutucar.

ATOR 1: Oi te cutuco!

ATOR 2: Num cutuca!

ATOR 1: Te cutuco!

ATOR 2: Num cutuca!

ATOR 1: Cutucando te cutuco.

ATOR 2: Cutucando num cutuca.

ATRIZ: (entrando na brincadeira) Mas que nada! Sai da minha frente com esse cutucar.

OS DOIS ATORES NUMA SÓ VOZ: O samba está animado e nós queremos é sambar! Oba!

ATOR 1: As palavras, tal como os homens que as criam, envelhecem, perdem dentes e cabelos, ficam feias e, por isso mesmo, rejeitadas, até que, no maior abandono, acabam condenadas ao eterno esquecimento.

ATRIZ: "Urraca", que hoje se parece com "broaca", já foi nome de lindas princesas.

ATOR 1: O mesmo aconteceu com "Ermengarda". Mulher com cara de espingarda.

ATOR 2: "Eleutéria", "Assunta", "Sebastiana" e "Felisbina" já batizaram donzelas no passado.

ATRIZ: "Pafúncio", "Elesbão", "Pancrácio", "Hilário" e "Vivaldino" entraram no registro de ilustres personalidades.

ATOR 1: Dizem até que, no interior de um estado qualquer, o escrivão do cartório local, querendo se divertir às custas da ignorância alheia, deu a um bocado de gente alguns nomes realmente estranhos.

ATOR 2: Quando a família chegava, no maior acanhamento, para oficializar o nascimento do pimpolho...

(A atriz se prepara para viver a mamãe do recém-nascido)

ATOR 1: Sabendo que a maior parte daquela gente era analfabeta...

ATOR 2: ...o escrivão, irresponsável e criminoso, fazia constar nos livros nomes nunca sonhados pelos pais das crianças.

ATRIZ: (com um acento indefinido) Seu moço! Me faz favor de registrar esta criança que pariu ainda alguns dias.

ATOR 1: E como vai se chamar o desinfeliz?

ATRIZ: Num vai chamar desinfeliz, não, senhor! Pois num é que vai chamar Antônio, nome do pai, mas que só é conhecido por Nhô Tó da Silva, sim, senhor!

ATOR 1: E a pobre, sem conhecer o desenho das letras, saía muito satisfeita, até o dia em que o papel caísse nas mãos de gente ilustrada.

ATOR 2: Estranho... Nunca vi nada parecido.

ATRIZ: Vê se explica melhor.

ATOR 2: Neste documento, pelo que está escrito aqui, o nome do seu

filho não é Antônio, e sim "Agite o frasco antes de usar da Silva".

ATOR 1: E assim foram aparecendo nomes inacreditáveis, como:

ATOR 2: "Este lado para cima de Alencar"

ATRIZ: "Não aceite imitações de Souza"

ATOR 1: "Exija sempre as legítimas de Almeida".

ATOR 2: E, acreditem se quiser, o mais curioso de todos:

ATRIZ: "Rolando Escadabaixo de Andrade".

ATOR 1: Hoje a lei favorece o indivíduo registrado com nomes esdrúxulos, permitindo que este possa mudá-lo como bem entender.

ATOR 2: Desde pequeno, todo mundo me enche por causa de um nome desajeitado que meu pai deu.

ATRIZ: E qual é o nome?

ATOR 2: (com muita dificuldade) João Bosta!

ATRIZ: Realmente! Quem é que pode viver com um nome desses?

ATOR 2: Pois é, doutor, apaga o João Bosta é mete aí meu novo nome.

ATRIZ: Pode falar.

ATOR 2: Paulo Bosta.

ATOR 1: Gosto não se discute. Lamenta-se!

ATRIZ: Vejam o que aconteceu com o japonês que registrou seu primeiro filho brasileiro.

ATOR 1: (compondo um tipo japonês) Vim botar nome no filho de japonês.

ATOR 2: E como vai chamar o garoto?

ATOR 1: Japonês não sabe nome

brasileiro pra criança.

ATOR 2: Neste caso, então, sugiro Pedro.

ATOR 1: Muito bom! Filho de japonês vai chamar Sugiro lamasaque.

ATRIZ: E depois veio a história da quadrilha oriental que, para usar de eufemismo, apropriou-se, ilegalmente, das reservas econômicas de uma instituição bancária.

ATOR 1: (como um reporter policial de programa televisivo) Finalmente, os malfeitores de olhos rasgados já foram identificados, e encarcerados no xilindró. Vamos ouvir as declarações do delegado de plantão. Boa noite, delegado!

ATRIZ: Boa noite, caro Bil. Antes de mais nada, quero mandar um beijo para minha mãezinha que não perde seu programa lá em Ipotucarati.

ATOR 1: Nossas câmeras estão à sua disposição.

ATRIZ: Olha eu aqui, manhê! Dá um abraço aí em todo mundo, no Procópio da farmácia, no Asdrúbal do botequim e diz pra Dona Emerenciana da padaria que não me esqueci da receita de emplastro pra reumatismo que prometi.

ATOR 1: Muito bem, seu delegado, mas será que dá para contar como foi a captura dos marginais, que vieram da Terra do Sol Nascente fazer esculhambação no nosso rincão?

ATRIZ: Como o senhor mesmo disse, é tudo japonês. São eles: "Assartaro Banco", "Sumiro Kagrana",

"Mataro Guarda", "Kuntiro Nacara" e o mais perigoso: "Fugiro Nakombi".

ATOR 1: Fugiram na kombi?

ATRIZ: Não! No furgão...

ATOR 2: Nomes expressam idéias.

"Letícia" quer dizer: aquela que traz a alegria. "Renato" é o que nasceu de novo.

ATOR 1: "Benedito" é abençoado, e "Stella" é estrela.

ATRIZ: "Regina" é rainha. "Cláudio" é manco. "Pedro" é pedra.

"Marina" indica coisa do mar, e "Célia", coisa do céu.

ATOR 2: "Dulce" é doce e "Amaro" é o seu oposto.

ATRIZ: "Tereza" é a força da terra.

ATOR 1: E, só para terminar, o nome "Antero" é a tradução de anti-Eros.

ATOR 2: Contra Eros.

ATRIZ: Ou o mesmo que inimigo do Amor.

ATOR 1: Palavras também ficam caducas, tornando-se desconhecidas para a maioria.

ATRIZ: "Cinesíforo". Aposto como ninguém sabe que quer dizer "chauffeur", motorista, ou qualquer um que dirige um veículo de terra.

ATOR 1: Muitas palavras são produtos de épocas específicas.

ATOR 2: É o caso de "japona", "radiola", "ceroula", "fatiota", "caraminholas", "constipação", "acepipes", "supimpa".

ATRIZ: "Pândega", "patranha", "meditabundo", "hetaira", "barregã".

ATOR 1: "Ágape", "rapariga", "progenitora" e outras tantas hoje fora de moda...

ATRIZ: "Virgindade", por exemplo.

ATOR 1: Para cada palavra que morre, tem outra nascendo.

ATOR 2: Compatibilizada com sua época.

ATRIZ: E assim vamos incorporando vocábulos como "informática", "ambientalismo", "ecologia", "projecionismo", "celular", "impeachment", até "parto gênese cibernético".

ATOR 1: Que, traduzindo em miúdos, quer dizer...

ATOR 2: ...a tecnologia científica capaz de criar um computador tão evoluído que, sem interferência humana, programa outro computador mais avançado que ele próprio.

ATOR 1: É a discutível "inteligência artificial".

ATRIZ: Gente! Lembra! 2001...(os dois atores fazem mimíca de macacos) Uma odisséia no espaço...(os dois atores prosseguem nas macaquices) Se, como dizem, o ser humano descende do macaco, acabamos de ter aqui, neste instante, uma indiscutível prova dessa teoria...

ATOR 2: Mas nós sabemos que nada supera a criatividade humana.

ATRIZ: Há palavras que, de tanto usadas, foram desmascaradas.

ATOR 1: E hoje não dizem mais nada.

ATOR 2: Dá para imaginar que "coitado" é alguém digno de piedade por ter sofrido, sem vontade, a ação do coito?

ATOR 1: Ah, é? Então "coitado" é o mesmo que f...

OS OUTROS DOIS: (cortando) Opa! Olha o nível!

ATOR 1: O que era um grosseiro palavrão...

ATOR 2: ...hoje é destaque em comercial de televisão.

ATRIZ: Quem já não usou "aquela" palavra para referir-se à região glútea?

ATOR 1: Que história é essa de região glútea?

ATRIZ: Não sabe?

ATOR 1: Não!

ATRIZ: Aquilo que se usa para sentar.

ATOR 2: Já sei! Cadeira!

ATRIZ: Nada disso! Estou me referindo à "preferência nacional" !

ATOR 1: Então, por que não disse logo "bunda" ?

ATRIZ: Dá para acreditar que a palavra "p-u-t-a" (Fala soletrando as letras), originária do latim, diz exatamente o contrário do sentido com o qual é empregada?

ATOR 1: Esta palavra em latim quer dizer pura, ingênua, imaculada, desprovida de pecado.

ATOR 2: E, no entanto, passou, ironicamente, a designar a mulher que, por força do meio, exerce a profissão mais antiga do mundo.

ATRIZ: Já dissemos que...

ATOR 1: ...quem conta um conto...

ATRIZ: ...aumenta um ponto.

ATOR 1: E para que as histórias permanecessem inalteradas como foram criadas...

ATRIZ: ...os primeiros homens deste planeta inventaram um jeito para que suas palavras pudessem ser lembradas.

ATOR 2: (emitindo sons como os das cavernas)

(Os três atores entram na brincadeira como se estivessem num jogo de "mímica" troglodita.)

ATOR 2: (indica "eu")

ATOR 1: (entendendo) Eu...

ATOR 2: (sinal de acerto e indicando a segunda palavra.)

ATRIZ: Segunda!

ATOR 2: (indica a utilização de uma arma do tipo arco e flecha.)

ATOR 1: (tentando entender) Dançando? Jogando? Rebolando?

ATOR 2: (negativa)

ATRIZ: Pescando?

ATOR 2: (gesto de semelhança)

ATRIZ: Caçando?

ATOR 2: (gesto de acerto)

ATRIZ: E depois?

ATOR 2: (gesto indicando passado)

ATOR 1: Cacei?

ATOR 2: (gesto entusiasmado de acerto)

ATRIZ: Caçou o quê?

ATOR 2: (gesto indefinido sobre a cabeça)

ATOR 1: Boi? Touro?

ATOR 2: (negativa)

ATRIZ: Carneiro? Cabrito? Bode?

ATOR 2: (negativa)

ATOR 1: Bicho de chifre?

ATOR 2: (com gestos caricaturalmente femininos)

ATOR 1: Que foi que deu nele?

ATRIZ: Tá esquisito!

ATOR 2: (exagerando os gestos como se desfilasse numa passarela)

ATOR 1: Tá mais parecendo uma...

ATRIZ: Uma... Uma bicha!

ATOR 2: (gesto feliz de acerto)

ATRIZ: Uma maricona?

ATOR 2: (negativa)

ATOR 1: Veado?

ATOR 2: (gesto afirmativo)

ATOR 1: Saquei! Frase completa:

TODOS: "Eu cacei um veado!"
(Abraços de confraternização entre todos)

ATRIZ: E foi assim que o homem das cavernas registrou suas aventuras através de desenhos sobre a pedra.

ATOR 1: Acontece que cada um tinha um jeito diferente de falar...

ATOR 2: Que resultava em um jeito diferente de desenhar, ou melhor, escrever.

ATRIZ: ...em cada região, nasceu uma linguagem escrita diferenciada.

ATOR 1: E o verbo, a ação de criar alguma coisa, modificando o mundo à sua volta...

ATRIZ: ...em cada uma das civilizações que povoou a terra...

ATOR 2: ...lentamente, caprichosamente, foi-se transformando em símbolos, que se transformaram em signos, que se transformaram em letras, que deram ao homem a oportunidade de abrir as portas de sua imaginação.

ATRIZ: Surgia assim a palavra escrita.

ATOR 1: Desde então o homem não parou mais de escrever e aprender novas formas de voltar a contar as mesmas velhas histórias que ele mesmo, no passado, já se cansara de ler.

ATOR 2: A voz de um poeta vai se unindo à voz de outro e mais outro, e as palavras, instrumentos com as quais se esculpe a poesia, ganha corpo e alma definitivos.

ATRIZ: João Cabral de Melo Neto. "Tecendo a Manhã".

ATOR 1: Um galo sozinho não tece uma manhã

ele precisará sempre de outros galos.

ATOR 2: De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

ATRIZ: E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação.

ATOR 1: A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

ATRIZ: Há quem diga que a comunicação através da palavra está falida.

ATOR 2: Como já foi dito, de tanto serem usadas, as palavras estão gastas e enfraquecidas.

ATRIZ: Palavrão, por exemplo.

ATOR 1: Jogo de futebol!

ATOR 2: Final de campeonato.

ATRIZ: Partida decisiva.

ATOR 2: Torcidas febris e organizadas como inimigos frente a frente.

ATOR 1: (narrando uma partida de futebol) Avança pela direita o

craque Brasileirinho, dribla o primeiro, dribla o segundo e prossegue chutando a gorduchinha. Atravessa o meio de campo, segue em seu ataque, fazendo a finta e confundindo o adversário. Passa pela defesa e ataca com força total em direção à pequena área. Está sozinho, vai chutar, prepara o lance, mede a distância, mira na pontaria e dispara uma bica que tem tudo para virar gol.

ATOR 2: Mas, para surpresa geral, tropeça numa rasteira intencional do centro-avante adversário e cai por terra, destruindo a ilusão da vitória.

ATRIZ: É pênalti. Falta máxima!

ATOR 1: Mas o juiz não viu, não percebeu, não reconheceu e o pênalti não deu.

ATOR 2: Juiz ladrão.

ATRIZ: Dá logo uma porrada nesse juiz filho da...

ATOR 1: E o estádio inteiro xinga a mãe do juiz daquela palavra que antes queria dizer "pura".

ATOR 2: Uma ofensa que ninguém leva a sério.

ATRIZ: Já que ninguém conhece a progenitora do árbitro.

ATOR 1: O futebol!

ATRIZ: Paixão nacional!

ATOR 2: O delírio febril de toda uma nação que precisa desesperadamente de heróis.

ATOR 1: O esporte transformado em preciosa poesia pelas mãos de Chico Buarque de Holanda.

ATOR 2: Para estufar esse filó...
Como eu sonhei
Só

Se eu fosse o Rei
Para tirar efeito igual
Ao jogador
Qual
Compositor
Para aplicar uma firula exata
Que pintor
Para emplacar em que
pinacoteca, nega
Pintura mais fundamental
Que um chute a gol
Com precisão
De flecha e folha seca

ATRIZ: Parafusar algum João
Na lateral
Não
Quando é fatal
Para avisar a finta enfim
Quando não é
Sim
No contrapé
Para avançar na vaga
geometria
O corredor
Na paralela do impossível, minha
nega
No sentimento diagonal
Do homem-gol
Rasgando o chão
E costurando a linha

ATOR 1: Parábola do homem comum
Roçando o céu
Um Senhor chapéu
Para delírio das gerais
No coliseu
Mas
Que rei sou eu
Para anular a natural catimba
Do cantor
Paralisando esta canção
capenga, nega
Para captar o visual
De um chute a gol
E a emoção

Da idéia quando ginga
OS TRÊS: Para Mané para Didi para
Mané
Mané para Didi para Mané
Para Didi para Pagão
Para Pelé e Canhoteiro!

ATRIZ: Sem que se perceba, a poesia
faz parte do dia-a-dia do
brasileiro.

ATOR 2: Desde o instante em que as
caravelas aqui chegaram.

ATOR 1: Mal podia imaginar Caminha
que seria nosso poeta primeiro.

ATRIZ: Ano de 1500.

ATOR 2: Descobrimento do Brasil.

ATRIZ: Imaginem o entusiasmo de
Pedro Álvares Cabral em
contar...

ATOR 2: ...tudo que acabara de
encontrar.

ATRIZ: Felizmente havia um tal de
Pero Vaz de Caminha.

ATOR 1: Uma espécie de enviado
especial às terra do Novo
Mundo.

ATOR 2: E Caminha escreveu para o
rei D. Manuel...

ATOR 1: ...relatando nos mínimos
detalhes tudo que aqui havia
sido encontrado.

ATRIZ: A carta de Caminha é a nossa
primeira descrição brasileira, em
língua portuguesa, de um novo
mundo cheio de surpresas.

ATOR 1: (com um sotaque português)
“ Esta terra, Senhor, me parece
que da ponta mais contra o sul
vimos até outra ponta que
contra o norte vem, de que nós
deste ponto houvermos vista, será
tamanha que haverá nela bem
vinte ou vinte e cinco léguas de
costa. Tem, ao longo do mar,
n’algumas partes, grandes

barreiras, delas vermelhas delas
brancas; e a terra por cima toda
chã e muito cheia de grandes
arvoredos. De ponta a ponta, é
tudo praia plana, muito chã e
muito formosa.

ATOR 2: Pelo sertão nos pareceu, vista
do mar, muito grande, porque, a
estender olhos, não podíamos
ver senão terra com arvoredos,
que nos parecia muito longa.
Nela, até agora, não pudemos
saber que haja ouro, nem prata,
nem coisa alguma de metal ou
ferro; nem lho vimos. Porém a
terra em si é de muito bons ares,
assim frios e temperados como
os de Entre-Douro e Minho,
porque neste tempo de agora
os achávamos como os de lá.

ATRIZ: Águas são muitas; infindas. E
em tal maneira é graciosa que,
querendo-a aproveitar, dar-se-á
nela tudo, por bem das águas
que tem. Porém o melhor fruto
que dela se pode tirar me
parece que será salvar esta
gente. E esta deve ser a
principal semente que Vossa
Alteza em ela deve lançar. E que
não houvesse mais que ter aqui
esta pousada para esta
navegação de Calecute, isto
bastaria. Quanto mais disposiçã
para se nela cumprir e fazer o
que Vossa Alteza tanto deseja, a
saber, acrescentamento da
nossa santa fé.”

ATOR 1: Estamos diante de um
exemplo típico de literatura
informativa.

ATOR 2: Muito freqüente no século
XVI.

ATRIZ: Entre seus autores, além dos

jesuítas, estão os cronistas e viajantes portugueses que produziram grande quantidade de textos...

ATOR 1: ...que têm como ponto central a terra brasileira.

ATOR 2: Destacamos a produção do Padre José de Anchieta, com inúmeras poesias e autos religiosos...

ATOR 1: ...cuja finalidade principal era catequizar os índios, transmitindo-lhes, por meio da arte, conceitos cristãos da religião católica.

ATRIZ: (anunciando) Senhoras e Senhores! É com grande prazer que apresentamos agora uma pequena amostra de José de Anchieta, intitulada "Da Ressureição"!

ATOR 1: "Ó Mãe sempre Virgem, ó Virgem fecunda de nossos prazeres cansamos, ó Ave! com que quis fechar-se no vosso conclave o Verbo, do Padre pessoa segunda.

ATRIZ: De novo, Senhora, recebe vossa alma, Ó Ave sagrada de eterna harmonia! pois o que foi morto, com grande alegria, a morte vencida, ressurgiu com calma.

ATOR 2: Ó madre de vida, pois tendes tal dia, Fazei-nos dar vida, que mortos jazemos, e livres da morte, com Jesus tornemos à vida da graça, com toda a alegria!"

ATOR 1: Lembrei de uma coisa incrível...

ATRIZ: Fala aí, então!

ATOR 1: Vocês já ouviram falar do Oswald de Andrade?

ATOR 2: Claro! Nosso poeta modernista.

ATOR 1- Este mesmo! Tem uma poesia dele, ótima, chamada "erro de português".

ATRIZ: Eu conheço! Não é aquela que começa assim? "Quando o português aqui chegou Debaixo duma bruta chuva Vestiu o índio Que pena!

ATOR 1: Fosse uma manhã de sol O índio tinha despido O português".

ATRIZ: E já que estamos falando sobre nossos patrícios, ouçam só essa história, que é mesmo de amargar.

ATOR 1: É bom que se diga que o que vai ser mostrado agora é apenas uma ilustração do espírito lusitano, povo pelo qual temos o maior carinho e respeito.

ATRIZ: Vai daí então que dois portugueses, atendendo a um anúncio de jornal, decidiram se candidatar ao emprego oferecido e, chegando ao escritório, tomaram conhecimento de que seriam submetidos a um teste psicológico.

ATOR 1: (com sotaque português) Mas que raios de psico é este, Manoel?

ATOR 2: (como o ator 1) Ora, pois não sabes?

ATOR 1: E lá sou alguma besta de perguntar aquilo que já sei?

ATOR 2: Ora, pois! Cá me disseram que tu entras lá e respondes algumas perguntas...

ATRIZ: (fazendo o papel da psicóloga) Senhor Manoel!

ATOR 2: Eu mesmo, senhorita!

ATRIZ: Queira ter a bondade de entrar e sentar-se. (Ator 2 entra e senta-se, enquanto a atriz faz mimíca de fechar a porta) Nosso teste é muito simples, Sr. Manoel. Vou lhe fazer uma pergunta e o senhor me responde a primeira coisa que lhe vier à cabeça. Entendido?

ATOR 2: Perfeitamente, senhorita...

ATRIZ: O que é que é feito, quase sempre, de couro, usa-se nos pés e serve para proteger nosso andar?

ATOR 2: Ora pois, que a senhorita me fez uma pergunta bem complicada...

ATRIZ: Não fique nervoso! Vou repetir...

ATOR 2: Manda ver...

ATRIZ: É feito de couro e protege nossos pés quando andamos.

ATOR 2: Tenho cá um palpite, mas tenho medo de dizer alguma asneira...

ATRIZ: Vamos, diga a primeira coisa que lhe vem à cabeça...

ATOR 2: Posso fazer uma pergunta?

ATRIZ: Naturalmente!

ATOR 2: Tem cadarços?

ATRIZ: Sim, senhor!

ATOR 2: Então é sapato!

ATRIZ: Muito bem! Parabéns! O senhor foi aprovado! O emprego é seu! Agora, faça-me o favor de pedir para entrar o seu amigo.

ATOR 2: Perfeitamente, senhorita, e

muito obrigado!

ATRIZ: Não há de quê...

ATOR 2: (faz a mimíca de sair e vai até o ator 1) Ô, pá! É bestialmente fácil... A resposta é "sapato". Mas não sejas burro! Antes de responder, para teres certeza, pergunte antes se tem cadarços. Entendeste?

ATOR 1: Estás me achando com cara de tapado? Já entendi. A resposta é "sapato".

ATOR 2: Mas, por segurança, pergunte se tem cadarços...

ATOR 1: Isto vai ser mais moleza do que sentar em pudim. Deixe comigo! (Faz a mimíca de entrar e senta-se em frente à psicóloga)

ATRIZ: Preparado, Sr. Joaquim?

ATOR 1: Perfeitamente!

ATRIZ: Vou lhe fazer uma pergunta e o senhor me responde a primeira coisa que lhe vier à cabeça. Está claro?

ATOR 1: Claríssimo. Tão claro quanto um urso polar vestido de noiva no meio do deserto em noite de lua.

ATRIZ: Preste bem atenção! O que é que mora na floresta, é peludo, salta de galho em galho, gosta muito de banana e tem uma cauda enrolada?

ATOR 1: Ora pois que a senhorita está a me perseguir.

ATRIZ: Como assim?

ATOR 1: Esta pergunta é muito difícil...

ATRIZ: Vou repetir... É um animalzinho que mora na floresta, muito peludo e muito engraçadinho, está sempre saltando de galho em galho, não resiste a uma banana madura e vive a fazer

macaquices...

ATOR 1: Posso fazer uma pergunta?

ATRIZ: Com certeza...

ATOR 1: Tem cadarços?

ATRIZ: Cadarços?

ATOR 1: É!

ATRIZ: Não!

ATOR 1: Então, é mocassim...

ATRIZ: Tenham a paciência! Essa história é uma piada que já caiu na boca de todo mundo.

ATOR 1: Mas quando uma anedota é boa e bem contada, todo mundo acha graça.

ATOR 2: É verdade! Eu tenho um tio que é o maior cara de pau. Qualquer piada, contada por ele, fica tão engraçada, que as pessoas rolam no chão de tanto rir...

OS OUTROS DOIS: (debochando) Ha! Ha! Ha! Ha!

ATOR 2: É verdade... Vocês conhecem a do pneumotórax?

ATRIZ: E isso é piada?

ATOR 2: Pneumotórax é um negócio esquisito. Já ouviram falar em tuberculose?

ATOR 1: E o que é que uma coisa tem com a outra?

ATOR 2: É que, antigamente, quando a pessoa estava com tuberculose em estado avançado, a última coisa que se tentava era o pneumotórax.

ATOR 1: Mas que raio de negócio é esse?

ATOR 2: Bom, é mais ou menos assim... Pneumotórax é uma terapia que consiste em usar um aparelho que injeta ar dentro dos pulmões do paciente quando ele não está mais conseguindo respirar.

ATRIZ: Nossa! Como ele é bem

informado! Quem olha assim, não imagina que por trás dessa sua cara existe algum sinal de vida inteligente!

ATOR 2: Quer parar com a brincadeira? Querem ou não ouvir a piada?

ATOR 1: Piada de tuberculose deve ser mais velha que a minha avó.

ATOR 2: Bom, nova não é mesmo, mas é muito divertida.

ATRIZ: Está bom, vai! Conta logo, senão a peça não sai do lugar.

ATOR 2: "Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.

ATOR 1: A vida inteira que podia ter sido e que não foi.

ATRIZ: Tosse. Tosse. Tosse.

(O ator 2 tosse exageradamente)

ATRIZ: Mandou chamar o médico:

ATOR 1: Diga trinta e três.

ATOR 2: Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

ATOR 1: Respire.

(O ator 2 respira com dificuldade, fazendo muito barulho)

ATOR 1: O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

ATOR 2: Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

ATOR 1: Não! A única coisa a fazer é tocar um tango argentino!"

(Os dois dão alguns passos de tango, até que o ator 2 "morre" nos braços do ator 1)

ATRIZ: Sabe que você tem talento? A sua morte então foi ótima! Uma perfeição! Se eu soubesse, nós poderíamos ter montado "A Dama das Camélias" e você fazia o papel da Marguerite Gautier.

ATOR 2: Qual é?

ATRIZ: Desculpe! Era só brincadeirinha, mas que você morreu bem, isso é verdade... Me diz uma coisa, com sinceridade! Você já tinha morrido antes para saber?

ATOR 2: Ah, vê se me esquece!

ATOR 1: Tudo bem! Não esquite! A piada é boa!

ATOR 2: Claro que é! Foi escrita por Manuel Bandeira, um dos nossos maiores poetas.

ATOR 1: Mas, espere aí... A piada não era do seu tio?

ATOR 2: Eu disse que o meu tio contava, mas a piada não era dele.

ATRIZ: E desde quando poeta escreve piada?

ATOR 2: A poesia está em tudo, em qualquer assunto, em qualquer parte, exatamente como acabamos de ver.

ATOR 1: Quando o poeta tem talento, até a piada fica mais engraçada.

ATRIZ: Se bem que piada qualquer um é capaz de contar...

ATOR 2: Tem que ter algum talento.

ATRIZ: Pense bem! A piada é uma historinha, um conto curtinho, alguma coisa que alguém nos conta e vamos contando para outros e espalhando a história por aí...

ATOR 1: É mesmo! Sabe que eu nunca tinha pensado nisso? Quem é que inventa tantas piadas?

ATRIZ: Vai lá saber... Isto é o que chamam de transmissão verbal. Começa sabe-se lá onde e vai passando de boca em boca até chegar aos nossos ouvidos.

ATOR 2: Desde a antiguidade, lá na Grécia, tinha um sujeito chamado Esopo, que criou histórias curtas, na maioria das vezes muito engraçadas, com uma lição de moral no fim e que se chamavam "fábulas". Podem ter certeza de que este é o berço da piada...

ATRIZ: (anunciando) "O Lobo e o cordeiro"!

ATOR 2: Numa linda manhã de sol, um lindo cordeirinho, muito pequenininho, encontrou um riozinho onde parou para beber um pouquinho de água.

ATRIZ: (representando o cordeirinho) Mééé... Mééé... Oh, que água mais fresquinha... Estou com tanta sede que sou capaz de beber o rio inteirinho.

ATOR 2: Vai daí então que um lobo, bem feio, bem peludo, bem malvado, com um focinho enorme e dentes muito afiados, e que ainda não tinha tomado seu café da manhã, resolveu atacar o cordeirinho...

ATOR 1: (representando o lobo) Grrrrr!!! Que cordeirinha mais gostosa! Deve ter uma carne muito macia e saborosa. Está para o papai, aqui!

ATOR 2: Mas o lobo, que não queria complicações com a Sociedade Protetora dos Animais e tinha uma enorme cara de pau, resolveu arranjar um pretexto para papar a cordeirinha.

ATOR 1: Você é uma desaforada, cordeirinha de uma figa! Onde já se viu beber no meu riacho e poluir minha água? Por causa desse crime ecológico, que é um

verdadeiro atentado contra o meio ambiente, eu vou comer você.

ATOR 2: Mas a cordeirinha, que não era boba e tinha feito pós-graduação em malandragem, resolveu enfrentar o lobo feroz...

ATRIZ: Qual é, meu? Não vem com essa demagogia barata para cima de mim, não! Tá pensando que eu sou otária? Que papo mais furado é esse de poluir a sua água? Não vê que você está acima da correnteza e eu abaixo? Sai pra lá, amizade, e vê se vai arranjar outro paspalho que caia na sua cascata. E, de mais a mais, vê se não me enche o saco, que eu já estou atrasada para ir encontrar com meu rebanho.

ATOR 2: O lobo, que não tinha nada de democrata e não aceitava nenhuma argumentação contrária aos seus princípios, partiu para o ataque...

ATOR 1: Pra cima ou pra baixo, dá tudo no mesmo! O que conta é a minha fome, e como você é muito bocuda, vou te comer agora mesmo.

ATOR 2: E o lobo sanguinolento, de um golpe só, acabou com a raça da cordeirinha.

ATRIZ: Moral da história...

ATOR 1: Contra a força e a violência, não há razão que resista!

ATOR 2: Pois é! A fábula é um pequeno conto onde os personagens, na maioria das vezes, são animais ou até mesmo objetos, e serve muito bem para ilustrar o código moral dos homens.

ATRIZ: A fábula também é chamada de apólogo.

ATOR 2: E, por falar nisso, "Um Apólogo" é o nome de um conto do nosso escritor maior: Machado de Assis.

ATOR 1: "Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

ATRIZ: Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

ATOR 2: Deixe-me, senhora.

ATRIZ: Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

ATOR 2: Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

ATRIZ: Mas você é orgulhosa.

ATOR 2: Decerto que sou.

ATRIZ: Mas por quê?

ATOR 2: É boa! Porque coso! Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que cose, senão eu?

ATRIZ: Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

ATOR 2: Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

ATRIZ: Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

ATOR 2: Também os batedores vão adiante do imperador.

ATRIZ: Você imperador?

ATOR 2: Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo, eu é que prendo, ligo, ajunto...

ATOR 1: Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana: para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

ATRIZ: Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo? Eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

ATOR 1: A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia

mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra e ficou esperando o baile. Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

ATOR 2: Ora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha de costura, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá?

ATOR 1: Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto ficas aí na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico! contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

ATRIZ: Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!"

ATOR 2: Bem feito para a agulha! A

linha estava quieta e a agulha, muito enxerida, foi lá meter o bedelho.

ATOR 1: Não é à toa que Machado de Assis é considerado o pai da nossa literatura. Um conto tão curto e tão rico de significados.

ATRIZ: Pois é exatamente este o grande segredo do bom contista.

ATOR 2: O conto é uma narrativa curta, dotada de começo, meio e fim. Uma pequena história simples. Aliás, a mais breve de todas.

ATOR 1: Se fosse um pouco maior, virava novela.

ATOR 2: Mas se quisermos deixar clara a estrutura de um conto, é importante destacar que ela se estabelece a partir de três pontos:

ATOR 1: Unidade de construção, ou seja: falar de um único tema ou assunto.

ATRIZ: Efeito principal no meio da narrativa, fazendo com que a leitura se torne mais saborosa e atraente para os olhos do leitor.

ATOR 2: E, por fim, uma ênfase na conclusão.

ATOR 1: O conto do Machado, "Um Apólogo", é um bom exemplo disso. Toda a ação se resume no diálogo entre as duas personagens principais: a agulha e a linha; uma disputa ferrenha entre as duas para saber quem é mais importante, e o desfecho, quando a linha, com cara de boi sonso, deixa a agulha com o rabo entre as pernas...

ATRIZ: Machado de Assis soube, como ninguém, colocar em sua obra

um tom irônico e divertido que, por falar nisso, fez dele o precursor do conto moderno.

ATOR 2: Vivendo e aprendendo. E quem tiver ouvidos para ouvir, que aprenda a lição da agulha que podia muito bem ter passado sem essa...

ATRIZ: Nada disso! A agulha deixou barato porque está na cara que ela é muito mais importante.

ATOR 2: Só porque você quer...

ATRIZ: Se não fosse a agulha, como é que a linha ia passar pelo buraco?

ATOR 2: Grande coisa! E para que serve o buraco feito pela agulha se não for a linha para preencher?

ATRIZ: A agulha é feita de metal, muito mais resistente. Tem vida mais longa! A linha não... É só um pedaço de fibra molenga...

ATOR 2: Ainda bem que é molenga, porque é isso que dá movimento à roupa. Já pensou se a linha fosse de metal, como a agulha?... O vestido ia ficar tão duro quanto uma armadura.

ATRIZ: Isto é provocação! Não fico mais aqui junto com você...

ATOR 2: Muito menos eu! Passe muito bem! (Sai pela esquerda)

ATRIZ: Já vai tarde, mas como vai, ainda serve... (Sai pela direita)

ATOR 1: Parece que o pessoal levou mesmo a sério a disputa entre a linha e a agulha. Mas, para dar continuidade ao nosso espetáculo, chamo agora duas figuras muito conhecidas e queridas do nosso público. São elas: nossa cronista Joyce Sued e nosso ensaísta Domingos de

Almeida Campos, que aqui comparecem para o aplauso de vocês...

(Entram, novamente, a atriz e o ator², agora caracterizados com algum elemento que os ajude a compor os personagens)

ATRIZ: Gente! Foi um verdadeiro sucesso a festa que agitou os salões "modernetes" dos Jardins para alguns poucos descolados. A "socialite" Baronesa do Bananal estava mesmo um "uó". Causou o maior "frisson" entre as "luluzinhas" do "estica-e-puxa" o belo bigode apresentado pelo "lasagna" Barão do Bananal. Quem, realmente, despertou suspiros nos "bolinhas" de plantão, foi a "petutinha" Maria da Glória, única herdeira do casal, e quem não gostou nadinha da história foi o "guapo" Antenor, que não achou nenhuma graça em ver sua "darling" rodopiando pelos salões de vento em popa. Circulando pelas mesas, a Baronesa exibia, com orgulho, um modelito de arrasar, cuja estilista ela preferiu não divulgar, para que as "marocas" mais invejosas não saíssem em disparada atrás de um traje igual. A roupa era "chiquíssima" e mesmo "tchans". O "auê" foi até altas madrugada, quando todos os "colunáveis", ligeiramente "altos", botaram as manguinhas de fora. Lá pelas tantas, a "jambette" Conceição Pimenta chegou até mesmo a mostrar os tornozelos, para delírio da moçada. Por hoje é só... Eu

aumento, mas não invento... Dignidade já! De leve e "à demain"...

ATOR 2: Foi com grande prazer e satisfação que atendi ao gentil convite do casal Bananal e compareci ao ágape oferecido a ilustres personalidades, na noite passada. A Baronesa, por sua vez, era uma prova viva de que a elegância se faz presente nestes trópicos e não é apenas uma exclusividade das cortes européias. Ocasões assim como esta me fazem pensar que o concílio dos deuses no alto do Monte Olimpo não deveria ser muito diferente. Faunos e sátiros, inebriados pela poção de Baco, corriam trefegamente atrás de ninfas espirituosas que dissimulavam o incontido desejo por trás de sorrisos furtivos. Uma bacante, de nome Conceição, encarnava o espírito da permissividade e brindava a todos com visões paradisíacas de suas partes mais íntimas. Quando o carro de Apolo já se erguia no horizonte, dirigiram-se todos para suas casas, embalados pelos ecos inesquecíveis de tão excelsa reunião.

(Entra o ator 1)

ATOR 1: Bom dia, flor do dia! Quem vos fala é o crítico de orelha em pé e cacete na mão, também conhecido como Telmo Simão. Me convidaram para a festa da Baronesa do Bananal, e como o que o macaco aqui mais gosta é mesmo de uma boa banana, não dei moleza e fui até lá

conferir o esparramo. Rarará... Nós sofre, mas nós goza... Deu de tudo no "rega-bofe"! Tinha até uma velhusca com um penacho na cabeça! Bati o olho e não deu outra! Reconheci no ato minha galinha-de-angola de estimação. A Baronesa, vestida como um "abat-jour", se chacoalhava com a graça e a elegância de uma anta e mais pintada do que índio preparado para a guerra... A roupa deve ter custado os olhos da cara, pois era tudo artigo classe A... Classe A...nônima! A filhota do casal se esbaldou a valer e passou de mão em mão mais do que revistinha de sacanagem em cela de prisão. O namorado da moçoila espumava de ódio e acabou mandando a rapariga catar coquinho lá na ponte que partiu. Pois é, quem fica parado é poste... Na hora do rango foi aquele sarapatel. Olhei pro lado e vi uma gorducha branquela com princípio de insolação. A dondoca estava tão vermelha, mas tão vermelha, que cheguei junto, pedi licença e enfiei uma maçã na boca dela. Pronto! Tasquei a nega na bandeja e serviram leitão pururuca. Mas a bóia era da boa. Eu bem que vi uma senhora, muito da famosa, entrando pela terceira vez na fila do macarrão. E depois a mesma vive dizendo que acabou de sair de um SPA. Só se for um SPAghetti. Pra cima de "moi", não! A turma do funil entornou legal e, no fim, só ficaram os pingüços de sempre. A mulata

Conceição, já caindo pelas tabelas, rodou a baiana e deu a maior baixaria. Hoje deve ter acordado com aquela cara de sardinha que acabou de sair da lata e vai cair direto na boca do povo. Por hoje é só... É dureza? É dureza mas tem quem agüente... Camarão que dorme, a onda leva... Bye, bye!

ATRIZ: Ah, esta vida de cronista é muito difícil. Sabem lá o que é descobrir notícias novas para publicar diariamente nos jornais?

ATOR 2: A missão de um ensaísta é mais complexa, já que se exige dele um grau maior de erudição.

ATOR 1: E para o crítico aqui, o que sobra mesmo é apontar erros, destacar acertos, emitir opiniões que ajudem o público a compreender o assunto em questão e, principalmente, fazer um retrato imediato da realidade à sua volta.

ATOR 1: Espere aí, pessoal! Isto não tem sentido! Estamos fazendo exatamente igual à agulha e a linha. Na verdade, tem espaço para todo mundo, cada qual com seu estilo...

ATOR 1: Crítica!

ATOR 2: Ensaio!

ATRIZ: Crônica!

ATOR 1: Isto é o que se pode chamar de uma situação crítica!

ATRIZ: Cá entre nós, crítica é a situação da crônica...

ATOR 2: E crônica mesmo é a minha bronquite...

ATOR 1: Parem com isso, que já está virando novela...

ATRIZ: Novela é isso...Um conto mais longo, uma narração mais

intensa, mais densa, porém um pouco menor que o romance...

ATOR 1: Romance!

ATOR 2: De Jorge Amado, talvez nosso romancista mais conhecido no exterior...

ATOR 1: Autor de obras inesquecíveis, como "Gabriela, cravo e canela", "Dona Flor e seus dois maridos", "Tereza Batista, cansada de guerra"...

ATRIZ: "Tieta do Agreste", "Velhos Marinheiros", "Terras do Sem Fim"...

ATOR 2: Destacamos uma de suas obras mais significativas, que apresentamos agora sob a forma de seleção de seus momentos mais expressivos.

ATRIZ: Com vocês, as mirabolantes e fantásticas aventuras de um grupo de menores de rua da cidade de São Salvador, Bahia, muito parecidas com a vida de outros tantos menores espalhados pelas praças e cruzamentos das grandes cidades.

ATOR 2: De Jorge Amado: "Capitães da Areia".

ATOR 1: "Crianças Ladronas"... As aventuras sinistras dos "Capitães da Areia"... A cidade infestada por crianças que vivem do furto... Urge uma providência do Juiz de Menores e do Chefe de Polícia... Ontem houve mais um assalto..."... Reportagem publicada no "Jornal da Tarde", na página de Fatos Policiais.

ATOR 2: Carta do Secretário do chefe de Polícia à Redação do "Jornal da Tarde": Tendo chegado ao conhecimento do Dr. Chefe de

Polícia a reportagem sobre as atividades dos "Capitães da Areia", bando de crianças delinqüentes, e o assalto levado a efeito por esse mesmo bando na residência do Comendador, o Dr. Chefe de Polícia se apressa a comunicar à direção desse jornal que a solução do problema compete antes ao Juiz de Menores.

ATOR 1: Carta do Doutor Juiz de Menores à Redação do "Jornal da Tarde": Cordiais Saudações. Folheando o vosso brilhante vespertino, tomei conhecimento de uma epístola do infatigável Doutor Chefe de Polícia do Estado, na qual dizia dos motivos por que a Polícia não pudera até a data presente intensificar a meritória campanha contra os menores delinqüentes que infestam nossa urbe. Sou obrigado, a bem da verdade, a declarar que a desculpa não procede, porque ao Juizado de Menores não compete perseguir e prender os menores delinqüentes e, sim, designar o local onde devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer processo contra eles instaurado.

ATRIZ: Carta de uma mãe, costureira, à redação do "Jornal da Tarde". Sr. Redator. Desculpe os erros e a letra, pois não sou acostumada nestas coisas de escrever e se hoje venho a vossa presença é para botar os pingos nos is. Vi no jornal uma notícia sobre os furtos dos "Capitães da Areia," e logo depois veio a polícia e disse que

ia perseguir eles e então o doutor dos menores veio com uma conversa dizendo que era uma pena que eles não se emendavam no reformatório para onde ele mandava os pobres. É pra falar no tal reformatório que eu escrevo estas mal traçadas linhas. Eu queria que o seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Eu prefiro ver meus filhos com os "Capitães da Areia" do que no tal reformatório. Se o senhor quiser ver uma coisa de cortar o coração, vá lá. Também se quiser pode conversar com o Padre José Pedro, que foi capelão de lá e viu tudo isso.

ATOR 2: Carta do Padre José Pedro à Redação do "Jornal da Tarde": Saudações em Cristo. Tendo lido, no vosso conceituado Jornal, a carta de uma mãe costureira que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao reformatório de menores, sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer, infelizmente, que ela tem razão. As crianças, no aludido reformatório, são tratadas como feras, essa é a verdade. Eu tenho ido levar às crianças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceitá-lo devido, naturalmente, ao ódio que estão acumulando naqueles jovens corações tão

dignos de piedade.

ATRIZ: Pedro Bala e Gato. Dois dos componentes do grupo "Capitães da Areia".

ATOR 2: Ninguém pode mudar o destino. É coisa feita lá em cima.

ATOR 1: Um dia a gente muda o destino dos pobres...

ATOR 2: Ninguém pode mudar, não! Está escrito lá em cima.

ATOR 1: Um dia a gente muda...

ATRIZ: O "Jornal da Tarde" trouxe a notícia em grandes títulos. "Uma menina no grupo".

ATOR 1: O nome da menina era Dora. Era bonita, a menina Dora... De olhos grandes, cabelos muito loiros, neta de italiano com uma mulata. Dora tentou arranjar emprego como doméstica mas ninguém a aceitava quando ficavam sabendo que a mãe tinha morrido de bexiga. A terrível varíola. Vagando pela cidade, Dora acabou se encontrando com os "Capitães da Areia", que a acolheram.

ATOR 2: Dizem que a mãe de você morreu de bexiga.

ATRIZ: Papai também...

ATOR 2: Também morreu um do grupo. Arranjou onde trabalhar?

ATRIZ: Ninguém quer filha de bexiguento.

ATOR 2: Tu tem onde dormir?

ATRIZ: Não.

ATOR 2: A gente te leva pro trapiche. Não é um palacete, mas é melhor que a rua.

ATOR 1: É uma menina ainda...

ATOR 2: Ela não tem onde dormir.

ATOR 1: Amanhã ela vai embora. Não quero menina aqui.

ATRIZ: Eu fico, ajudo vocês... Eu sei

cozinhar, lavar roupa, coser...

ATOR 2: Por mim, pode ficar...

ATOR 1: Esse diabo desta linha...

Nunca vi coisa mais difícil. Meter
isso no rabo desta agulha.

ATRIZ: Dê cá...

ATOR 2: Só mulher é que saber fazer
esse troço...

ATOR 1: Você é a mãezinha da
gente, agora...

ATOR 2: Parece mentira, mas tu me
lembra minha mãe.

ATRIZ: Bobagem...

ATOR 2: Tu sabe que eu quero ser
padre?

ATRIZ: Que bom...

ATOR 2: Tu pensa que eu mereço?
Deus é bom, mas também sabe
castigar...

ATRIZ: Por quê?

ATOR 2: Tu não vê que a vida da
gente é cheia de pecado?

ATRIZ: A culpa não é da gente...A
gente não tem ninguém.

ATOR 2: Padre José também já disse
isso...

ATRIZ: É capaz...

ATOR 2: Capaz que um dia eu seja
padre.

ATRIZ: Tu vai ser, sim... E você, Pedro
Bala, eu sei que tu vai ser bom
pra mim.

ATOR 1: Tu devia ir embora.

ATOR 2: Não, Bala. É como uma mãe
pra todos nós...

ATOR 1: Então tu pode ficar.

ATOR 2: Tu tá gozada...

ATRIZ: Não tá direito vocês me dê de
comer todo dia. Quero tomar
parte no que vocês fizer.

ATOR 1: Tu quer dizer que vai andar
com a gente pela rua, batendo
coisas.

ATRIZ: Isso mesmo.

ATOR 1: Tu endoidou...

ATRIZ: Não sei por quê.

ATOR 1: Tu não tá vendo que tu não
pode? Que isso não é coisa pra
menina? Isso é coisa pra
homem.

ATRIZ: Mas eu visto calça, como
vocês, não é saia.

ATOR 1: Se a polícia pegar a gente
não tem nada. "Ma" se pegar
tu?

ATRIZ: É igual...

ATOR 1: Te metem no orfanato. Tu
nem sabe o que é...

ATRIZ: Tem nada não... Eu agora vou
com vocês...

ATOR 1: Tu já viu uma mulher fazer o
que um homem faz? Tu não
agüenta um empurrão...

ATRIZ: Posso fazer outras coisa.

ATOR 2: É valente como um homem.

ATOR 1: Tu agora é minha noiva. Um
dia a gente se casa.

ATRIZ: E tu é meu noivo.

ATOR 1: Teu cabelo é bonito!

ATRIZ: O teu também...

ATOR 2: Preso o chefe dos "Capitães
da Areia." Ontem a polícia
baiana lavrou um tento.
Conseguiu prender o chefe do
grupo de menores delinqüentes
conhecidos pelo nome de
"Capitães da Areia". Dora foi
levada ao orfanato Nossa
Senhora da Piedade. Quanto a
Pedro Bala, será recolhido ao
Reformatório de Menores, onde
se regenerará.

ATRIZ: No orfanato, Dora morre
lentamente, às vistas de todos.

ATOR 2: "O chefe dos Capitães da
Areia consegue fugir do
reformatório."

ATRIZ: Dora foi se acabando no

orfanato. Não era flor de estufa. Dora amava o sol, a rua, a liberdade... Queimando em febre, Dora foi levada para a enfermaria do orfanato, de onde os "Capitães da Areia" se incumbiram de libertá-la.

ATOR 2: Dentro do trapiche, os "Capitães da Areia" estão silenciosos. Dora pediu que eles fossem dormir. Se deitaram pelo chão, mas são raros os que dormem. Na paz imensa da noite, pensam na febre que consome Dora.

ATRIZ: Pedro...

ATOR 1: Que é?

ATRIZ: Chegue aqui...

ATOR 1: Tu quer alguma coisa?

ATRIZ: Tu gosta de mim?

ATOR 1: Tu bem sabe...

ATRIZ: Deita aqui...Perto de mim...

ATOR 1: Tô aqui do teu lado.

ATRIZ: Tu sabe que já sou moça? Foi no orfanato. Agora posso ser tua mulher.

ATOR 1: Tu tá doente...

ATRIZ: Antes de eu morrer, vem...

ATOR 1: Tu não vai morrer...

ATRIZ: Se tu vier, não...

ATOR 2: Se abraçam. O desejo é abrupto e terrível. Pedro não a quer magoar, mas ela não mostra sinais de dor. Uma grande paz invade todo o seu ser.

ATOR 1: Tu é minha agora.

ATRIZ: É bom... Sou tua mulher... Agora posso dormir...

ATOR 2: A paz da noite envolve os esposos. O amor é sempre doce e bom, mesmo quando a morte está próxima. Os corpos não se balançam mais no ritmo do amor. Mas nos corações dos dois

meninos não há mais nenhum medo. Somente paz, a paz da noite da Bahia. Na madrugada, Pedro põe a mão na testa de Dora. Fria. Não tem mais pulso, o coração não bate mais. Seu grito atravessa o trapiche.

ATOR 1: Contam no cais da Bahia que, quando morre um homem valente, vira estrela no céu. Que importa que os astrônomos afirmem que foi um cometa que passou sobre a Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu foi Dora, feita estrela, indo para o céu. Virou uma estrela. Uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela como nunca tivera nenhuma na noite de paz da Bahia.

ATRIZ: "De repente do riso fez-se o pranto
silencioso e branco como a bruma
e das bocas unidas fez-se a espuma
e das mãos espalmadas fez-se o espanto.

ATOR 2: De repente da calma fez-se o vento
que dos olhos desfez a última chama
e da paixão fez-se o pressentimento
e do momento imóvel fez-se o drama.

ATOR 1: De repente, não mais que de repente
fez-se de triste o que se fez amante
e do sozinho o que se fez contente. fez-se do amigo próximo o distante.
fez-se da vida uma aventura

errante
de repente, não mais que de
repente”.

ATRIZ: Dá só uma olhada, gente! Eu
fico toda arrepiada...

ATOR 1: Por quê?

ATRIZ: Sei lá... É tudo tão bonito, tão
maravilhoso, tão mágico que
não dá nem para explicar. É
uma coisa que toca fundo
minha alma...

ATOR 1: Excesso de sensibilidade,
para mim, é frescura...

ATRIZ: É que vocês, homens, não
entendem nada disso. Nós,
mulheres, somos muito
românticas.

ATOR 1: Uma pessoa romântica -
adjetivo- é uma pessoa que se
liga em palavras doces,
situações fantasiosas, cheias de
histórias de amores impossíveis,
com heróis e heroínas sofrendo o
diabo para chegar a um final
feliz... Só que isso não tem nada
a ver com o estilo “romântico”,
que é uma coisa bem mais
complexa.

ATOR 2: Este papo está ficando sério
demais. Chega de complicação.
O público está louco pra saber o
que vem depois.

ATOR 1: Depois vem o “Teatro”.

ATRIZ: Legal! Adoro representar!

ATOR 1: Então vamos lá! Escolhemos
para ilustrar o gênero teatral
uma obra de extrema
importância na cultura brasileira.

ATOR 2: De Ariano Suassuna, autor
paraibano, “Auto da
Compadecida”.

ATRIZ: Uma comédia das mais
engraçadas.

ATOR 1: Como nós somos apenas três,

fomos obrigados a fazer algumas
modificações no texto original,
mas que não comprometem
muito o valor da obra e servem
bem para exemplificar nossa
idéia.

ATOR 2: Escolhemos a cena do
julgamento, quando “João Grilo”,
depois de uma série de
aventuras divertidíssimas, acaba
sendo fuzilado por um bando de
cangaceiros e, junto com outros
personagens, que não vão
aparecer aqui, comparece à
presença de Cristo e Nossa
Senhora para prestar contas de
seus atos na vida terrena.

ATOR 1: Eu faço João Grilo.

ATRIZ: E eu, é claro, a Nossa Senhora,
aqui chamada de
“Compadecida”.

ATOR 2: E eu vou fazer o Cristo, na
peça chamado de Manuel e, o
mais surpreendente, negro na
cor da pele.

ATRIZ: Mas espere aí, Cristo não era
negro...

ATOR 2: Claro que não, mas o autor,
Ariano Suassuna, fez disso o
ponto alto de sua peça,
mostrando um Cristo negro que,
para o espanto de todos diante
da sua cor, colocava às claras o
problema do preconceito racial
em nosso país.

ATOR 1: É uma idéia genial.

ATOR 2: Mas, hoje, aqui, quem faz este
papel sou eu, e então, faz de
conta que sou negro, já que
pintar a cara de preto, além de
ficar muito falso, dá muito
trabalho e não convence
ninguém.

ATRIZ: Então vamos logo, que as

pessoas estão ficando impacientes.

ATOR 1: Senhoras e senhores: "Auto da Compadecida"!

ATRIZ: Para se livrar do fogo dos infernos, João Grilo evoca a presença de Jesus, que comparece, em pessoa, para interceder por seus fiéis.

ATOR 2: Aqui estou eu, Manuel, o Leão de Judá, o filho de Davi. Levante-se, João, pois você vai ser julgado.

ATOR 1: Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto perfeitamente que estou diante de uma grande figura. Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante, mas, se não me engano, o senhor disse que se chama Manuel.

ATOR 2: Isso mesmo, João! Esse é um dos meus nomes, mas você pode me chamar também de Senhor, de Deus, de Jesus.

ATOR 1: Jesus?

ATOR 2: Sim.

ATOR 1: Mas, espere, o senhor é que é Jesus?

ATOR 2: Sou.

ATOR 1: Aquele Jesus a quem chamavam de Cristo?

ATOR 2: A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

ATOR 1: Porque...não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era menos queimado.

ATOR 2: Você é cheio de preconceitos de raça, João! Vim hoje assim de propósito, porque sabia que isso ia despertar comentários. Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer

judeu, como podia ter nascido preto. Para mim, tanto faz um branco ou um preto. Você pensa que eu sou americano para ter preconceito de raça?

ATOR 1: O senhor me desculpe, mas, para me salvar, a mim e a todos os demais, vou ter que apelar para alguém mais perto da gente que é gente mesmo.

ATOR 2: E eu não sou gente, João? Sou um homem, judeu, nascido em Belém, criado em Nazaré, fui ajudante de carpinteiro...Tudo isso vale alguma coisa.

ATOR 1: O senhor quer saber de uma coisa? Eu vou lhe ser franco: o senhor é gente, mas não muito não. É gente e ao mesmo tempo é Deus, é uma misturada muito grande. Meu negócio é com outro.

ATOR 2: Com quem você vai se pegar, João? Com algum santo?

ATOR 1: O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo.

ATOR 2: Quem é?

ATOR 1: A mãe da justiça. Vou fazer um chamado especial em verso. Garanto que ela vem, querem ver?

"Valha-me Nossa Senhora
Mãe de Deus de Nazaré!
A vaca mansa dá leite,
A braba dá quando quer.
A mansa dá sossegada,
A braba levanta o pé,
Já fui barco, fui navio,
Mas hoje sou escaler.
Já fui menino, fui homem,
Só me falta ser mulher."
Esse é o versinho de Canário

Pardo que minha mãe cantava para eu dormir.

ATRIZ: Este versinho não deixa de ser uma oração, uma invocação. Tem umas graças, mas isso até torna alegre, e foi coisa que sempre gostei. Quem gosta a tristeza é o diabo. E para que foi que você me chamou, João?

ATOR 1: É que o diabo, filho de chocadeira, quer levar a gente para o inferno. Eu só podia me pegar com a senhora mesmo.

ATRIZ: Está bem, vou ver o que posso fazer...

ATOR 1: Está vendo? Isso aí é gente boa, não é filha de chocadeira, não! Gente como eu, pobre, filha de Joaquim e de Ana, casada com um carpinteiro, tudo gente boa.

ATOR 2: E eu, João? Estou esquecido nesse meio?

ATOR 1: Não é o que eu digo, Senhor? A distância entre nós e o Senhor é muito grande. Não é por nada, não, mas sua mãe é gente como eu, só que gente muito boa, enquanto que eu não valho nada.

ATRIZ: Intercedo por esses pobres que não têm ninguém por eles, meu filho. Não os condene.

ATOR 2: Que é que eu posso fazer? Veja o caso daquele Bispo. Era um bispo avarento, político...

ATRIZ: Mas isso é a única coisa que se pode dizer contra ele. E era trabalhador, cumpria suas obrigações nessa parte. Era de nosso lado, e quem não é contra nós é por nós...

ATOR 2: O padre e o sacristão...

ATRIZ: É verdade que não eram dos

melhores, mas você precisa levar em conta a língua do mundo e o modo de acusar do diabo. O bispo trabalhava e por isso era chamado de político e de mero administrador. Já com esses dois a acusação é pelo outro lado. É verdade que eles praticaram atos vergonhosos, mas é preciso levar em conta a pobre e triste condição do homem. A carne implica todas essas coisas turvas e mesquinhas. Quase tudo o que eles faziam era por medo. Eu conheço isso, porque convivi com os homens: começam com medo, coitados, e terminam por fazer o que não presta, quase sem querer. É medo.

ATOR 1: É medo mesmo...Medo de muitas coisas, medo da morte, medo do sofrimento, medo da fome, medo da solidão...

ATOR 2: É a mim que vocês vêm dizer isso, a mim que morri abandonado até por meu pai!

ATRIZ: Era preciso e eu estava a seu lado. Mas não se esqueça da noite no jardim, do medo que você teve de passar, pobre homem feito de carne e de sangue, como qualquer outro e, como qualquer outro também, abandonado diante da morte e do sofrimento.

ATOR 1: Ouvi dizer que até suar sangue o senhor suou.

ATOR 2: É verdade, João, mas você não sabe do que está falando. Só eu sei o que passei naquela noite.

ATRIZ: Seja então compassivo com quem é fraco.

ATOR 2: Mas e o padeiro e a mulher

dele? Você mesma via daqui e comentava o que eles faziam com João Grilo e os outros empregados da padaria!

ATOR 1: Se é por mim, não há dificuldade, porque sou tão sem-vergonha, que já me esqueci de tudinho.

ATOR 2: Devia ter esquecido lá, João! Pode alegar alguma coisa em favor deles?

ATRIZ: O perdão que o marido deu à mulher na hora da morte, abraçando-se com ela para morrerem juntos.

ATOR 2: Isso pode se dizer em favor dele. Mas ela?

ATOR 1: Todos sabem que ela enganava o marido com todo mundo.

ATRIZ: Porque era maltratada por ele. Logo no começo do casamento ele começou a enganá-la. Vocês não sabem o que ela passou porque nunca foram moça pobre casada com homem rico. Eu entendo tudo isso mais do que ela pensa. Sei o que as mulheres passam no mundo, se bem que não tenha do que me queixar, porque meu marido era o que se pode chamar de um santo.

ATOR 2: Está bem, está recebida a alegação...

ATRIZ: Quanto ao cangaceiro Severino e ao cabra dele...

ATOR 2: Quanto a esses, deixe comigo. Estão ambos salvos. Severino e o cabra dele foram meros instrumentos da cólera de Deus. Enlouqueceram ambos, depois que a polícia matou a família deles, e não eram

responsáveis por seus atos. Podem ir os dois para o céu...

ATOR 1: E quanto aos outros? Decida-se logo, por favor, porque essa ansiedade é pior do que qualquer outra coisa.

ATOR 2: Não diga isso, você não sabe o que se passa no inferno. Qualquer ansiedade é melhor do que aquilo.

ATRIZ: Um momento, meu filho. Antes de dizer qualquer coisa, não se esqueça de que o frade absolveu a todos condicionalmente e rezou por eles.

ATOR 2: Pois não. Vou então proferir a sentença.

ATOR 1: Um momento, Senhor! Posso dar uma palavra?

ATOR 2: Você o que é que acha, minha mãe?

ATRIZ: Deixa João falar.

ATOR 2: Fale, João!

ATOR 1: Os cinco últimos lugares do purgatório estão desocupados?

ATOR 2: Estão.

ATOR 1: Pegue esses camaradas e bote lá.

ATRIZ: É uma boa solução meu filho. Dá para eles pagarem o muito que fizeram e assegura sua salvação.

ATOR 1: E tem a vantagem de descontentar o diabo, que é pior que carne de cobra.

ATOR 2: Então está concedido. E agora, nós, João Grilo. Por que sugeriu o negócio para os outros e ficou de fora?

ATOR 1: Porque, modéstia à parte, acho que meu caso é de salvação direta.

ATRIZ: João foi um pobre como nós,

meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório.

ATOR 1: Para o purgatório? Não, não faça isso assim, não! Não repare eu dizer, mas é que o diabo é muito negociante, e com esse povo a gente pede mais para impressionar. A senhora pede o céu, porque aí o acordo fica mais fácil a respeito do purgatório.

ATRIZ: Isto dá certo lá no sertão, João! Aqui se passa de outro jeito! Que é isso? Não confia mais na sua advogada?

ATOR 1: Confio, Nossa Senhora, mas esse camarada termina enrolando nós dois.

ATRIZ: Deixe comigo. (A Manuel)
Peço-lhe então, muito simplesmente, que não condene João.

ATOR 2: O caso é duro. Compreendo as circunstâncias em que João viveu, mas isso também tem um limite. Afinal de contas, o mandamento existe e foi transgredido. Acho que não posso salvá-lo.

ATRIZ: Dê-lhe então outra oportunidade.

ATOR 2: Como?

ATRIZ: Deixe João voltar.

ATOR 2: Você se dá por satisfeito?

ATOR 1: Demais. Para mim é até melhor, porque daqui para lá eu tomo cuidado para a hora de morrer e não passo nem pelo purgatório, para não dar gosto ao cão.

ATOR 2: Então vou deixar que você

volte, porque minha mãe pediu, mas só deixo com uma condição.

ATOR 1: Qual é?

ATOR 2: Você me fazer uma pergunta a que eu não possa responder. Pode ser?

ATOR 1: Está difícil.

ATOR 2: É possível, você que é tão esperto?

ATOR 1: Mais esperto do que eu é o senhor que me criou. Mas vou tentar sempre.

ATRIZ: Isto, João. Tenha coragem, não desanime, que eu estou aqui, torcendo por você.

ATOR 1: Então estou garantido. Eu me lembro de que uma vez, quando Padre João estava ensinando catecismo, leu um pedaço do Evangelho. Lá se dizia que ninguém sabe o dia e a hora em que o dia do Juízo será, nem homem, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho. Somente o Pai é que sabe. Está escrito lá assim mesmo?

ATOR 2: Está. É no Evangelho de São Marcos, capítulo treze, versículo trinta e dois.

ATOR 1: Isso é que é conhecer a Bíblia! O senhor é protestante?

ATOR 2: Sou não, João, sou católico.

ATOR 1: Pois na minha terra, quando a gente vê uma pessoa boa e que entende de Bíblia, vai ver é protestante. Bom, se o senhor não faz objeção, minha pergunta é esta. Em que dia vai acontecer sua segunda ida ao mundo?

ATOR 2: João, isso é um grande mistério. É claro que eu sei, mas ninguém entenderia nada, se eu

explicasse. Nem posso explicar nada agora, porque você vai voltar e isso faz parte de minha vida íntima com meu Pai.

ATOR 1: Então deixe eu ir-me embora. Acredito que o senhor saiba, isso faz parte de sua vida íntima com o senhor seu Pai, mas o que o senhor disse foi que eu podia voltar se lhe fizesse uma pergunta a que o Senhor não pudesse responder.

ATRIZ: É verdade, meu filho!

ATOR 2: Eu sei, mas para que você não fique cheio de si, vou lhe confessar que já sabia que você ia se sair bem. Minha mãe já tinha combinado tudo comigo, mas você estava precisado de levar uns apertos. Estava ficando muito saído.

ATOR 1: Quer dizer que posso voltar?

ATOR 2: Pode, João, vá com Deus.

ATOR 1: Com Deus e Nossa Senhora, que foi quem me valeu. Até a vista, grande advogada. Não me deixe de mão, não, estou decidido a tomar jeito, mas a senhora sabe que a carne é fraca.

ATRIZ: Até a vista, João.

ATOR 1: (ao ator 2) Muito obrigado, Senhor! Até à vista.

ATOR 2: Até à vista, João, e veja como se porta.

ATOR 1: Sim, senhor! (Sai)

ATOR 2: Se a Senhora, minha mãe, continua a interceder desse jeito por todos, o inferno vai terminar feito repartição pública, que existe, mas não funciona.

ATOR 1: (voltando) Teatro, romance, conto, poesia... Jóias da Literatura Brasileira.

ATOR 2: Brasil... Terra de contradições, pacientemente, preparando-se para viver um grande futuro.

ATRIZ: Futuro que começa todos os dias e depende unicamente de cada um dos cidadãos deste vasto território.

ATOR 1: Do Oiapoque ao Chuí. Uma imensa extensão de terra onde se fundiram raças, credos e culturas, dando origem a uma saborosa mistura que vamos temperando entre erros e acertos, sempre com a esperança de que "Dias melhores virão"...

ATOR 2: Futuro que conta com a inegável força jovem que brota deste chão, movida pela certeza de que a luz no fim do túnel está cada vez mais próxima.

ATRIZ: Futuro que se consagra na concretização de uma sonhada independência que se conquista com fé, determinação, honestidade e força de trabalho.

ATOR 1: E a consciência plena e absoluta de nossos valores em busca da paz, da justiça e da possível igualdade entre seus habitantes.

ATOR 1: Acorda, Brasil!

ATOR 2: Jovem brasileiro, acorda!

ATRIZ: Para que se erga um mundo melhor, de que se há de precisar?

ATOR 1: Ar para respirar, terra para pisar, pão para comer, água para beber...

ATOR 2: Bebida é água! Comida é pasto!

TODOS: Você tem sede de quê? Você tem fome de quê?

ATRIZ: Livros, livros e livros.

ATOR 1: Muitos livros.

ATOR 2: Cada vez mais livros...

ATRIZ: Para ler, conhecer, perceber e se entender.

TODOS: A gente não quer só comida.

ATOR 1: A gente quer comida, diversão e arte.

TODOS: A gente não quer só comida.

ATOR 2: A gente quer saída para qualquer parte.

ATRIZ: Livros gerando novo saber, ensinando a viver, na escola e no lar, em qualquer lugar.

TODOS: A gente não quer só comida.

ATOR 1: A gente quer bebida, diversão, balé.

TODOS: A gente não quer só comida.

ATOR 2: A gente quer a vida como a vida quer.

ATRIZ: Livros de ontem e de hoje, tristes ou engraçados, fáceis ou impossíveis, belos ou malvados.

ATOR 1: Para folhear ou saborear, copiar ou discordar e depois guardar ou dar.

TODOS: Você tem sede de quê? Você tem fome de quê?

ATOR 2: Livros criando trabalho, fazendo justiça, esclarecendo dúvidas, mediando conflitos, matando saudades, aliviando dores, iluminando a alma, inspirando amores.

TODOS: A gente não quer só comer.

ATRIZ: A gente quer comer e fazer amor.

TODOS: A gente não quer só comer.

ATOR 1: A gente quer prazer para aliviar a dor.

ATOR 2: Dentro ou fora do real, livros ajudam a construir civilizações, histórias ou ficções.

TODOS: A gente não quer só dinheiro.

ATRIZ: A gente quer dinheiro e felicidade.

TODOS: A gente não quer só dinheiro.

ATOR 1: A gente quer inteiro e não pela metade.

ATOR 2: Livros tornam o homem imortal.

TODOS: Você tem fome de quê?

ATRIZ: Livros...única arma da educação para garantir à humanidade uma oportunidade de redenção.

TODOS: (cantando) É melhor ser alegre que ser triste / A alegria é a melhor coisa que existe / É assim como a luz no coração / Mas para fazer poesia com beleza / É preciso um bocado de tristeza / Senão, não se faz poesia, não!

ATRIZ: (falando) E no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus... E o verbo foi se fazendo mil vozes, e de todas as vozes se fizeram mil ecos, e de todos os ecos unidos se fez a linguagem da alma que se expressa ao som das batidas do coração e se faz ouvir por toda parte como se fosse uma oração...

ATOR 1: A bênção, Luiz de Camões e todos os nossos irmãos portugueses: Fernando Pessoa, Antero de Quental, Eça de Queiroz e Mário de Sá Carneiro.

ATOR 2: A bênção os poetas do barroco: Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira!

ATRIZ: A bênção, inconfindentes mártires do Arcadismo: Tomás Antonio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa.

ATOR 1: A bênção, doces românticos

dos nossos sonhos: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves.

ATOR 2: A bênção, romancistas de um passado glorioso: Manuel Antônio de Almeida, Taunay e José de Alencar.

ATRIZ: A bênção, realistas com sua crueza: Aluizio Azevedo, Raul Pompéia e o pai de todos, Machado de Assis.

ATOR 1: A bênção, parnasianos e simbolistas.

ATOR 2: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho.

ATRIZ: Cruz e Souza, Alphonsus Guimaraes e Augusto dos Anjos.

ATOR 1: Suas bênçãos, almas gêmeas do teatro nacional.

ATOR 2: Martins Pena, Joaquim Manuel de Macedo, França Júnior, Artur Azevedo.

ATRIZ: Viana pai e Vianinha, Jorge Andrade, Suassuna, Nelson Rodrigues, Guarnieri e Plínio Marcos.

ATOR 1: A bênção para todos os Pré-Modernistas... Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graça Aranha.

ATOR 2: Pedimos a bênção dos ousados modernistas e que eles nos inspirem daqui para frente...

ATRIZ: Mário e Oswald, Manuel Bandeira...

ATOR 1: E os que vieram depois: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo...

ATOR 2: Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes.

ATRIZ: Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Fernando Sabino, João Ubaldo Ribeiro, Décio Pignatari, Mário Chamie, Ferreira Gullar, Thiago de Melo e Marcelo Paiva.

ATOR 1: A bênção, nossas mulheres, nossas musas, nossas mães e nossas amantes: Cecília Meireles, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Cora Coralina, Adélia Prado, suas bênçãos...

ATOR 2: Mais do que nunca, agora, suas bênçãos, poetas de hoje...

ATRIZ: A bênção, Chico, Milton, Caetano e Gil e Arnaldo Antunes.

TODOS: (cantando)/ "Fazer poesia não é contar piada / Quem faz coisa assim não é de nada / A poesia é uma forma de oração / A poesia é a tristeza que balança / E a tristeza tem sempre uma esperança / De um dia não ser mais triste, não!" /Você tem fome de quê? Acorda, Brasil!

FIM

Este texto foi representado pela primeira vez em abril de 1994, no Teatro Popular do SESI de Piratininga, em Osasco (SP), com direção do autor e tendo no elenco: André Latorre, Cássio Pignatari e Melissa Vaz.

15 a 18 anos

(e para amadores adultos)

Buchicho

Gilda Vanderbrande

Este ovo é um galo

Lauro Cesar Muniz

BUCHICHO

Texto e músicas de **Gilda Vandenbrande**

PERSONAGENS:

- ATOR 1** (Marceu Tinsk): Estudou no melhor Colégio. É formado pela ECA como ator. Dá aulas de "História do Teatro", faz traduções da língua inglesa e, como "bico," participa de convenções estrangeiras em hotéis 5 estrelas. Assiste a todos os filmes em cartaz e sabe os nomes de todos os diretores e atores do cinema. Só come carne branca e toma refrigerante "diet".
- ATOR 2** (Igor): Ele é simplesmente bonito. Nunca pisou num palco e foi escolhido por ser um "tipo". Educado, prestativo, está deslumbrado com o meio artístico.
- ATRIZ 1** (Elenice): Tem personalidade forte e muitas vezes fala verdades que os outros não têm a coragem de dizer. Batalha muito para conseguir oportunidades.
- ATRIZ 2:** É loira, de olhos claros; é caso de um dos produtores. É filha única e muito mimada.
- OLIVER:** É o produtor estrangeiro, que entra com a parte maior da grana e que só é citado.
- LIMA:** O co-produtor, que está acostumado a fazer pequenas produções e que acredita que desta vez vai ter a oportunidade de fazer uma grande produção, a produção de seus sonhos.
- BAILARINO:** Ator especializado em teatro-dança.
- COREÓGRAFO:** *Expert* em expressão corporal.
- CENOTÉCNICO:** Um dos mais competentes da profissão.
- AJUDANTE DO CENOTÉCNICO:** Funcionário do teatro público.
- O DIRETOR:** Idealista e competente.
- CONTRA-REGRA:** É personagem que faz as interligações das cenas. Ele presta atenção em tudo, sabe de cor todas as falas de todas as personagens, esperando uma oportunidade de entrar em cena.

QUADRO: O TESTE

MÚSICA: ANÚNCIO DE JORNAL

Procura-se... Procura-se... Procura-se
O quê? O quê? O quê?
Um anúncio bem grande é destaque
em jornal:
"precisa-se de atores, pra fazer

musical"...

Eu vou

Eu vou

Lá vou...

E nós também...

Eu danço, requebro nas boates da
vida...

Sou soprano ligeiro... Dentro do

banheiro!

Eu ando na ponta dos pés, no arame... Se for preciso eu dou Piruetas...

Todos: sou mágico, frágil, forte, guerreiro, Protótipo do ator brasileiro.

(Na fila de teste de um grande musical, atores comentam:)

BAILARINO: Esses testes são só pra fazer "buchicho", o elenco já deve estar todo acertado.

ATOR 1: Eles devem estar precisando de figuração, de tipos.

ATRIZ 1: Eu fiquei sabendo que só tem três papéis femininos: dois já estão preenchidos, mas falta um.

ATRIZ 2: Que é o meu tipo.

ATRIZ 1: Ih, então acho melhor eu desistir... Eu não tenho olhos verdes e nem cabelo "oxigenado".

BAILARINO: Fica, hoje em dia isso não é problema: se eles quiserem, botam peruca, lente de contato, dão um banho de loja e fazem você dublar, se for o caso.

ATRIZ 1 (perguntando ao bailarino): Você já fez algum musical?

ATRIZ 2 (intrometida): Eu já: eu fiz "O chapeuzinho vermelho". Era uma livre adaptação, uma opereta "dublada".

ATRIZ 1: Dublada? Que horror!

ATRIZ 2: É, o cara lá, o diretor, era muito inteligente. Ele colocava a fita gravada com umas vozes lindíssimas e a gente fingia que cantava em cima, era o maior sucesso! Eu fazia uma das árvores da floresta, a principal, onde o lobo encostava duas vezes.

ATRIZ 1: Pois fique sabendo que em musical que se preze a gente canta ao vivo, de preferência com músicos tocando ao vivo.

ATRIZ 2: Meu diretor disse que o público está acostumado com som alto, igual aos programas de televisão, por isso é que ele grava tudo e coloca no maior volume.

ATRIZ 1: É por isso que o teatro infantil cada vez mais está virando "animação de festinha": o sujeito põe um figurino qualquer, coloca um som idiota e faz a criançada cantar em cima.

ATOR 1: E os musicais "adultos"? Atores e atrizes de qualidade são poucos, só dá modelos, manequins e bailarinos, que quando abrem a boca... Meu Deus!

BAILARINO: Em compensação, meu amor, quando o ator vai dançar é uma desgraça! Parece um pato perdendo as penas.

ATOR 2 (chegando): Por favor, é aqui que estão fazendo teste para o musical?

ATOR 1 (tirando uma agenda e, de dentro, uma ficha): Você já preencheu esta ficha?

ATOR 2: Não.

ATOR 1: Então você preenche e entrega lá na Produção, depois aguarda aqui que eles te chamam pelo nome. Eles estão chamando de dois em dois.

ATOR 2: Obrigado.

DIRETOR: Vamos começar logo os testes porque daqui a pouco eu tenho compromisso.

LIMA: Mas você não precisa ficar até o fim, tem muitos testes por aí em que o diretor nem aparece!

DIRETOR: Anda logo, começa a

chamada.

LIMA (chamando): Eugênia e Arlindo Gustavo.

BAILARINO: Ai, sou eu!
(Sai num passo de ballet clássico).

QUADRO: O TESTE

(Arlindo Gustavo entra. O diretor manda Arlindo dar umas viradas e cochicha com o Lima.)

DIRETOR: Dê umas voltas... Fique de perfil... (Cochichando para o Lima) Acho que ele cabe... O que você acha?

LIMA: Vamos experimentar. (Para o candidato) Queira aguardar na segunda ante-sala.

BAILARINO: Lá é teste de quê?

LIMA: É para você experimentar um figurino. Primeiro nós temos que saber se você cabe no figurino que já está pronto, depois você faz o teste.

BAILARINO: Já estou indo.
(Eugênia está esperando num canto).

DIRETOR: Agora você. Pode se apresentar.

(Eugênia canta uma de suas músicas. O diretor fica desenhando numa prancheta enorme qualquer coisa. Antes de ela terminar a música, ele, sem olhar para Eugênia, diz:)

DIRETOR: Chega! Obrigado.

LIMA: Os próximos.

EXISTEM TESTES FIXOS DENTRO DO TEXTO E UM QUE SERÁ FEITO POR ARTISTAS CONVIDADOS DO NÚCLEO. ENTRA UM CANTOR DE ÓPERA COM UMA PARTITURA NA MÃO E UMA ATRIZ COM UMA PARTITURA NA MÃO.

CANTOR: Meu nome é Giovanni Salvatori. Estudei canto com Campo Galiane, professor do

Pavaroti.

DIRETOR: Eram da mesma turma?

CANTOR: Não. Naquela época, Pavaroti era apenas um principiante. E já me apresentei em várias partes do mundo.

DIRETOR: Em quais partes do mundo você se apresentou?

CANTOR (fala inúmeras)

DIRETOR: E por que é que você quer fazer teatro?

CANTOR: Eu sempre quis fazer teatro, e como vocês estão precisando de cantores líricos, vim fazer o teste.

DIRETOR: Aguarde. (Para a atriz) Fale.

ATRIZ: Meu nome é Maria da Conceição, mas artisticamente todos me conhecem por Ciça Golden. Já participei de muitos musicais famosos mas nunca segui o processo desde o início, sempre entrei substituindo.

DIRETOR: Qual o último espetáculo que você fez?

ATRIZ: Foi no ano passado... Era o musical "A dança das ninfas", baseado na mitologia. A direção a adaptação, as músicas, cenário e figurinos eram de Rogério Reis.

DIRETOR (para o Lima): Eu não estou conseguindo lembrar quem é Rogério Reis...

LIMA (perguntando para a atriz): Quem é Rogério Reis? O que ele fez?

ATRIZ: Que eu saiba, ele só fez "A dança das ninfas".

DIRETOR: Está bem. Primeiro vocês vão cantar um trecho da música que vocês trouxeram. Depois, vocês vão ler, interpretando, um texto que nós vamos dar a vocês. Alguma dúvida?

(Silêncio absoluto dos dois.)

DIRETOR: Quem vai primeiro?

(O cantor de ópera, como cavalheiro, diz:)

CANTOR: Por favor senhorina...

(Atriz faz um sinal de que ela vai depois.)

CANTOR DE ÓPERA: Eu vou cantar um trecho da obra de... Para me acompanhar, Giuliano Visconti e sua flauta.

(O diretor continua desenhando, sem dar a menor bola. Assim que o tenor se apresenta, a atriz se apresenta.)

ATRIZ: Eu vou cantar um trecho da obra de um autor desconhecido, "SEMPRE ASSIM". Para me acompanhar, Eugênia e seu "pinho".

MÚSICA: SEMPRE ASSIM.

Quando eu nasci o céu estava em dia claro

Era quarta-feira nas cinzas de um carnaval

Gritava tanto, que meu apelido é sensual!

De herança eu trago comigo aquele grito

Que eu adorava gritar no fundo do quintal.

Gritava tanto, que meu apelido é sensual!

DIRETOR: Lima, o texto.

"A megera domada", de William Shakespeare

II Ato: cena I (tradução de Millôr Fernandes)

DIRETOR: (para o cantor) Você lê o Petruquio e você (para a atriz), Catarina.

PETRUQUIO: Mande-a aqui, por favor, eu a espero (Saem Batista, Grêmio, Trânio e Hortêncio). Vou lhe fazer a corte com algumas ironias. Se me insultar, bem, eu lhe

direi que canta tão suavemente como rouxinol. Se fizer cara feia, aí direi que seu olhar tem o frescor e a limpidez das rosas matinais banhadas pelo orvalho. Que fique muda, sem pronunciar sequer uma palavra: louvarei sua maneira jovial, frisando que tem uma eloqüência admirável. Que mande eu ir embora: e lhe agradecerei como se me pedisse para ficar a seu lado uma semana. E se se recusar a casar, fingirei ansiar pelo dia das bodas. Mas lá vem ela; e agora, Petruquio, fala! (Entra Catarina) Bom dia, Cata, pois ouvi dizer que assim a chamam.

CATARINA: Pois ouviu muito bem pra quem é meio surdo: os que podem me chamar, me chamam Catarina.

PETRUQUIO: Tu mentes, Catarina, pois te chamam simplesmente Cata. Cata, a formosa, e, algumas vezes, a megera Cata. Mas Cata, a mais bela Cata de toda a Cristandade. Cata esse cata-vento, minha recatada Cata, a quem tantos catam, ah, portanto, por isso, Cata, meu consolo, ouvindo cantar tua meiguice em todas as cidades, falar de tuas virtudes, louvar tua beleza, me senti movido a vir pedir-te em casamento.

CATARINA: Movido, em boa hora! Pois quem o moveu até aqui que daqui o remova. Assim que o vi percebi imediatamente que se tratava de um móvel.

PETRUQUIO: Como, um móvel?

CATARINA: Um móvel, um banco.

PETRUQUIO: Você percebeu bem; pois

vem e senta em mim.

CATARINA: Os burros foram feitos para carga. Como você.

PETRUQUIO: Para carregar-nos muito antes de nascermos, foram feitas as mulheres...

CATARINA: Mas não a animais, quer me parecer.

PETRUQUIO: Ai, Cata gentil. Não pesarei quando estiver em cima de ti... pois és tão jovem e tão leve...

CATARINA: Leve demais para ser carregada por um grosseirão como você e no entanto pesada, por ter de ouvi-lo e vê-lo.

PETRUQUIO: Não maltrate aquele que a corteja.

CATARINA: Corteja ou corveja?

PETRUQUIO: Oh, pombinha delicada, um corvo te agradaria?

CATARINA: É melhor que um abutre.

DIRETOR (parando o teste): Já é o suficiente.

LIMA: Vocês aguardam o telefonema da produção.

DIRETOR: Próximos

LIMA: Julio e César.

(Entram os gêmeos.)

DIRETOR: Até que enfim, algo interessante! São iguaizinhos!

LIMA: Por que você acha gêmeos tão interessantes?

DIRETOR: Ora, meu caro Lima, eu posso fazer efeitos especiais! Eu posso apagar num foco um e o outro aparece descendo lá de cima do urdimento! Não é um arraso? O público não vai entender nada!

LIMA: E você acha que é bom o público não entender nada?

DIRETOR: Claro! Ele volta várias vezes pra ver se entende.

LIMA: Isso é muito bom. (Para os gêmeos) Vocês já estão contratados, passem amanhã em horário comercial para assinarem o contrato.

(Os gêmeos saem.)

QUADRO: EQUIPE DE CRIAÇÃO

Personagens: diretor/coreógrafo/co-produtor (Lima). Uma cadeira de lona (de diretor de cinema) escrito: "assistente". Sentado nela, o co-produtor (Lima)

LIMA: Bem, agora que o elenco já está decidido, podemos começar os ensaios.

DIRETOR: Vamos precisar de três meses de ensaios.

LIMA: É muito. São só trinta músicas!

DIRETOR: Mas acontece que os senhores escolheram atores que não cantam!

COREÓGRAFO: Que não dançam e...

DIRETOR: E quase não falam!

LIMA: Vocês sabem muito bem que não estou produzindo sozinho, o "Oliver", meu sócio, foi quem deu a palavra final. Vocês sabem que ele é homem de negócios... Ele disse que os patrocinadores só colocam a grana quando o elenco é conhecido.

DIRETOR: Conhecido de quem?

COREÓGRAFO: Isso não importa, o que importa é o Q. I do elenco. (Pausa) (Explicando) Quem indica.

DIRETOR: E quando podemos falar com o "Oliver"?

LIMA: Por enquanto, vocês vão falando comigo, que é a mesma coisa. Eu não sei o que vocês já estão reclamando! Vocês vão

ganhar em dólares!

COREÓGRAFO: E quando eu vou receber a metade do que eu pedi antes de começar?

LIMA: Esta semana. (Sai)

DIRETOR (Para o coreógrafo): Você começa hoje, depois eu pago.

COREÓGRAFO: Está bem. (Chamando o elenco) Elenco, todos no palco. (Pega o som).

QUADRO: OS ENSAIOS

(Coreógrafo coloca seu aparelho de som no palco. Entra elenco e começa ensaios de coreografia.)

Pra frente, pra trás

Pra frente, pra trás

COREÓGRAFO: Vamos lá, elenco II.

Pra frente, pra trás...

Pra frente, pra trás...

ATOR 2 (perguntando p/ator 1): Por que é que ele chama a gente de elenco II?

ATOR 1: Por que tem o elenco dos "principais", depois tem o grande elenco e outros, que somos nós.

COREÓGRAFO: Não quero ouvir nenhum burburinho.

Pra frente, pra trás

Direito, direito,

Esquerdo, esquerdo

Girando, girando,

Voltando, voltando

Pro lado, pro lado

ATOR 2: Que lado ?

COREÓGRAFO (continuando): Pro lado, pro lado! Estica a ponta do pé! Bunda pra dentro. Enxuga a barriga!

ATOR 2: Não vai mais que isso.

COREÓGRAFO: Claro, vocês ficam nas noitadas da vida, não dormem direito e querem ser artistas. O

corpo é seu material de trabalho, vocês têm que cuidar dele.

ATRIZ 1: Eu gostaria de saber onde a gente vai usar essa coreografia.

COREÓGRAFO: Isso não importa!

Vocês precisam pegar ritmo...

Amolecer... Vamos, cabeça pra baixo!

ATRIZ 1: Mas assim não vai dar pra cantar, a voz não sai.

COREÓGRAFO: Na Broadway, todos os artistas cantam e dançam sem reclamar.

ATRIZ 1: Claro, lá eles tomam leite A, tocam piano e fazem balé desde que nasceram! E têm uma vantagem: não precisam "se esgüelar", usam microfone de lapela.

BAILARINO: Eu conheço atrizes que usam esses microfones, só que elas prendem na testa.

COREÓGRAFO: Falando desse jeito você vai perder o fôlego.

BAILARINO: Ué, a gente não vai ter que dançar e cantar ao mesmo tempo? Estou treinando.

COREÓGRAFO: Só quero ver quando juntar tudo.

ATOR 1: Quando é que a gente vai juntar a coreografia com o canto?

COREÓGRAFO: Do jeito que vocês estão indo, acho que só na estréia!

(Entra o diretor e o elenco continua dançando)

DIRETOR (para o coreógrafo): Mozart, gostaria de falar com você.

COREÓGRAFO: Continuem. (Pausa) Pode falar.

DIRETOR: Eu mudei a coreografia da cena dos estudantes.

COREÓGRAFO: Por quê?

DIRETOR: Porque eles desafinam muito quando se separam, então eu resolvi fazer um movimento em bloco. Eu vou mostrar pra você o que eu fiz. (Para o elenco) Elenco, vamos mostrar ao Mozart a cena dos estudantes.

(O elenco começa a cantar "Hino dos estudantes no front")

"Bravo estudante...Na escuridão da noite adentro eu vi você passar pela guarita que escondia a coragem de uma guarda/(um) que usava um capacete azul lilás com plumas verdes com enfeites coloridos verdejantes/(um) Um instante, corre, corre, em pau tropeça, corre à beça pra poder subir na vida e ser humano... Aproveita que essa vida só é feita de momentos tão sublimes, tão diversos como estrelas no universo!

DIRETOR: Viu só? Eu consegui dar, numa só coreografia, momentos trágicos, momentos líricos, momentos alegres, momentos dramáticos...

COREÓGRAFO: E momentos, pelo visto, a-lu-ci-nan-tes!

(Elenco alucinadamente continua a se movimentar.)

DIRETOR: Se você tiver uma idéia melhor que a minha, eu mudo, senão vai ficar essa. (Pausa) Cinco minutos para beber água. (Elenco se dispersa.)

CAMARIM

BAILARINO: Viu só? Pintou clima.

ELENICE: Isso é só o começo. Quando ela ouvir o arranjo que o maestro fez pra cena, acho que ela vai ficar azul lilás com plumas verdes

com enfeites coloridos verdejantes!

CARLA: Alguém viu a minha meia vermelha? Estava aqui dentro do meu sapato.

BAILARINO: É só observar que você acha.

CLARA: Não precisa "dedar" que eu já vou devolver. (Está com as meias nos pés).

CARLA: Não quero mais, pode ficar com elas.

ELENICE: Era comigo, eu fazia comprar outras.

JÚLIA: Estou vendendo.

CARLA: Tem de "marca"?

JÚLIA: Claro! Eu trouxe do Paraguai. (Tira tudo de uma mochila enorme)

CARLA: O que é isso?

CLARA (Arrancando da mão de Carla): Deixa eu ver? Olha só! São unhas postiças! (Coloca nos dedos).

BAILARINO (para Júlia): Acho bom você tomar nota, na sua cadernetinha, de onde estão as unhas postiças...

CLARA: Não precisa "dedar," não, que eu já vou devolver. (Tentando tirar, mas não sai)lh... não está saindo!

BAILARINO: É golpe.

JÚLIA: Golpe nada, a cola dessas unhas, pra soltar, é preciso colocar de molho em água morna.

CLARA: Bem, já que eu só posso devolver essas unhas amanhã, depois que eu puser de molho em água morna, vou colocar as outras, tá?

BAILARINO: Marca na caderneta, como eu disse.

ATOR 2: Será que a gente vai ensaiar

agora aquela cena?

ATOR 1: Provavelmente.

ATOR 2: E o que é que eu faço?

ATOR 1: Se eu fosse você, falava com ela agora.

(Diretor entra com o Lima.)

BAILARINO: É só falar no diabo, que ele aparece.

DIRETOR: Elenco, vamos mostrar para o "Oliver" a cena número 5.

CARLA: O Oliver está aí?

BAILARINO: Ele existe? Eu pensei que ele fosse um fantasma. Toda a vez que a gente quer falar com ele... PUF! O homem desaparece!

LIMA: Qual é a cena número 5?

DIRETOR: É aquela que diz que, como muita gente ainda pensa que todo artista é bicha e toda atriz é puta, nós vamos fazer um quadro satirizando isto.

LIMA: É aquela em que os homens usam saias?

DIRETOR: É.

ATOR 2: Eu posso me colocar?

DIRETOR: Claro.

ATOR 2: É o seguinte... Não é que eu tenha problema, mas acontece que meu pai já não gosta muito que eu faça teatro... Agora imagina se esse homem me vê vestindo saia!

DIRETOR: Mas você não vai fazer um travesti, a idéia da cena é mostrar que as meninas vestidas podem usar camisas masculinas, que elas não ficam masculinas. Olha só para a Carla (atriz 2).
(Carla está vestida como homem e é muito feminina.)

E os homens também podem usar saias que eles não ficam femininos por causa das saias...

(Neste momento entra o bailarino de

saia.)

BAILARINO: Estou bem assim?

TODOS (Assobios...)

DIRETOR (para o ator 2): Esquece o que eu te falei. Pode pôr só a camisa.

LIMA: Eu vou fazer no lugar do Jonas, que não veio.

DIRETOR: E eu vou fazer no lugar da Ana.

MÚSICA DA CENA Nº 5: **VIDA DE ARTISTA**

Todo artista tem que ter
Um jogo de cintura pra sobreviver
Tem que ser palhaço no ato
Tem que ser canastra, um pouco vilão...

Ah! As luzes do palco!

Ah! Mistura ilusão...

Se hoje sou

O seu rei... Amanhã nada serei!

(No final: diretor e Lima procuram o Oliver)

DIRETOR: Você acredita que o Oliver não ficou pra ver?

LIMA: Ora, ele deve ter seus motivos. .

DIRETOR (PUTO): Cinco minutos...

QUADRO: A TÉCNICA DO CENOTÉCNICO

(Ajudante trazendo a maquete do cenário.)

AJUDANTE: Seu Antônio, seu Antônio, o cenógrafo mandou isso pro senhor.

CENOTÉCNICO: Até que enfim essa maquete chegou. (Pausa) Como essas janelas vão ficar penduradas, se não temos urdimento?

AJUDANTE: O Lima falou que é

problema seu, que isso é trabalho do cenotécnico.

CENOTÉCNICO: Chegou o material que eu pedi?

AJUDANTE: O material já está aí.

CENOTÉCNICO: Você conferiu o material?

AJUDANTE: Nem precisou... Eles disseram que não tinha o que você pediu, substituíram tudo. Ainda bem que eles mandaram alguns rolos de fita crepe.

CENOTÉCNICO: Mas eu deixei tudo separado no depósito, eu fui lá e escolhi peça por peça!

AJUDANTE: Não deu certo, eles mudaram o patrocínio... Em vez de materiais de construção, eles acertaram com artigos de papelaria.

CENOTÉCNICO: Não acredito!

(ENTRA MÚSICA DOS CENOTÉCNICOS.)

Eu pedi prego, me mandaram umas tachinhas...
Galão de cola, me trouxeram meio quilo de farinha...
Em vez de ferro veio 1 quilo de arame.
Pedi madeira e só chegaram umas ripinhas!
Me prometeram que os vidros da janela
eram de fato de acrílico espelhado...
Quando chegou, eu fui olhar o que é que vinha...
O tal acrílico era plástico esticado!
No mostruário tinha as cores que eu queria,
Pra dar o tom que o artista plástico criou...
Chegou a hora, me trouxeram tinta branca e umas bisnagas
Que sobraram da montagem anterior!

A grana está curta, vai ter que dar, Te vira com o que/ eu pude arrumar. Você que constrói no palco a ilusão, Descola o que falta com a imaginação.

(No final da cena:)

DIRETOR: Até que a cena não ficou ruim. (Pausa) Bem, agora eu quero que vocês experimentem os figurinos. Aqui estão os que já estavam prontos e uma parte dos novos. Experimentem.

BAILARINO (tentando colocar o figurino): Ai, Meus Deus! Não entra! Vocês acham que eu engordei?

ATRIZ 2: Acho que você está ótimo.

BAILARINO: Você só abre a boca pra falar besteira...

ATRIZ 1 (falando baixinho para Arlindo): Não implica com ela, que ela é "poderosa"... Ela é caso do produtor.

BAILARINO: Poderosa sou eu... Hei de entrar nessa roupa nem que eu tenha que passar manteiga no corpo todo. ! Eles só ficaram comigo porque este figurino já estava pronto e eu fui o único que conseguiu entrar dentro dele.

ATOR 2: Só ficou pronto o meu cuecão! E o resto ?

ATRIZ 2: O Oliver pediu ao Lima para passar na costureira para apanhar o que falta.

ATRIZ 1 (para Arlindo): Olha só que intimidade!

BAILARINO (brincando): Sabe o que é, gente? Esse "Oliver" paga em dólar!

ATRIZ 2 (burra): Isso é verdade, os nossos contratos todos são em dólares.

BAILARINO: É engraçado! Já que são tantos dólares, poderia pelo menos ter um cafezinho nesses ensaios! Quando eu fazia teatro na Igreja, tinha até bolo de fubá feito pelas irmãs.

ATOR 2: Eu trouxe lanche de casa, mas, quando fui comer, todos deram uma mordida e acabou, nem provei.

ATRIZ 1: Que mimo! Você não aprendeu ainda? Aqui, lanche a gente não mostra. Come escondido.

ATOR 2: Onde? Eu não consigo comer no banheiro porque é um fedor... Outro dia eu tentei: fiquei bem quietinho, sentado na coxa, num cantinho em que ninguém passava, apareceu um ratão tão grande que de susto derrubei meu sanduíche no chão e ele passou por cima!

(Entra o contra-regra varrendo o chão.)

BAILARINO (Observando o contra-regra): Está vendo esse aí varrendo o chão? Ele é contra-regra, não é faxineiro... Mas, pra puxar o saco, ele faz de tudo.

ATOR 2: Eu sei... Ele já contou a história dele pra mim. Ele é ator. Como estava desempregado, aceitou a vaga de contra-regra.

BAILARINO: Eu conheço esta história... De tanto ele assistir a todos os ensaios, ele já sabe de cor todos os papéis... Se alguém falhar, ele entra.

ATRIZ 1: Estou preocupada com o Marceu, ele ainda não chegou e ele sempre é o primeiro a chegar.

BAILARINO: Vai ver que ele está enfiado naquelas Convenções

do Maksoud Plaza. Toda vez que ele precisa de grana, ele faz "bico" de recepcionista. Ele põe um uniforme, que parece aeromoço, e fica lá, recebendo os executivos. Ganha por hora em dólar. Ele fala cinco línguas, estudou na Inglaterra, fez estágios em estúdios famosos de cinema... Conheceu artistas de nome...

ATRIZ 1: Eu adoraria fazer vários cursos: sapateado, canto lírico... Mas é uma grana! Os cursos que existem e que são grátis, são muito concorridos, se a gente não tiver quem dê uma "força" a gente fica de fora.

ATRIZ 2: Está na hora das fotografias.

ATOR 2: Fotografia pra quê?

ATRIZ 1: Para o programa e divulgação.

ATOR 2: Mas como é que vou tirar fotografia se meu figurino não está pronto?

ATRIZ 1: Pergunta ao Lima.

(Entra ator 1)

ATOR 1: Oi!

ATRIZ 1: Até que enfim você chegou. Por que demorou tanto?

ATOR 1: Fui fazer numerologia do meu nome artístico. Eu estou em dúvida: não sei se uso Marceu Tinsk ou Marceu Monteiro. Os dois dão sorte.

BAILARINO: Sorte você teve do Lima não perceber o seu atraso. Hoje ele está uma fera.

ATRIZ 2: Acho que você deveria usar o seu nome inteiro: Marceu Augusto Tinsk Monteiro!

ATRIZ 1: Um nome deste tamanho não vai sair nunca nos jornais! Nos roteiros, só saem nomes curtos, grande elenco e outros.

BAILARINO: Então é melhor você ficar com o Tinsk, que é mais curto.

ATOR 2 (para o diretor): Seu diretor, como vamos tirar fotografias, se os figurinos não ficaram prontos?

DIRETOR: O máximo que vai aparecer nas fotografias é da cintura pra cima.

(Os figurinos devem compor os atores somente da cintura pra cima. Devem fazer parte da "cena das loucuras". São figuras historicas, como Cleópatra, Lincoln, Laurence da Arábia, a Rainha louca de Espanha, Odaliscas etc...)

QUADRO: FOTOGRAFIAS

DIRETOR: Vamos fazer a "Cena das loucuras."

(O diretor mostra para o fotógrafo os melhores momentos que devem ser fotografados.)

MÚSICA:

ATRIZES: Te vira de ponta cabeça
Caminha com a bunda no chão
Deitando em cima da mesa
Aprende a dormir sem colchão
Assina teu nome, com dedão do pé
Devora quem não te quiser, é?

ATORES: Todo dia à mesma hora
Ela faz o meu café,
Adoçando sentimentos,
Burbulhando emoção...
Gritando o meu nome
Ela pede o que quer
E morde o meu calcanhar, ah!

(No final da música:)

DIRETOR: Agora todo mundo dizendo uma frase para pôr no programa, baseada em Mário Quintana.

ATRIZ 2: Custa um rico a entrar no

céu/(afirma o povo e não erra)/
Porém muito mais difícil/ É um pobre ficar na terra.

BAILARINO: Eu sempre sonhei em morar em Paris, mas o que mais me irrita é saber que tem muita gente que já nasceu lá.

ATOR 2: O crítico é um camarada que olha o bordado do lado do avesso.

ATRIZ 1: O mais triste, nos circos, não é a falta de graça dos palhaços, é quando obrigam os bichos a se fantasiarem de gente.

DIRETOR: Cinco minutos...

QUADRO: O IMPASSE

(O ajudante entra com uma escada de 3 degraus)

DIRETOR (para o cenotécnico): O que é isso aqui?

AJUDANTE: Arre, égua! Não tá vendo, não? Tá cego? Não tá enxergando que isto aqui é a escada do show?

DIRETOR: Mas só tem 3 degraus?

AJUDANTE: É que faltou madeira. O tal do Lima disse que o senhor vai ter que se virar.

DIRETOR: Quem vai ter que se virar é o coreógrafo... Ele fez várias coreografias nos 10 degraus que deveria ter essa escada!

COREÓGRAFO: O que eu estou mais preocupado, não é com os degraus da escada, isso eu tiro de letra... O que eu gostaria mesmo de saber é quando nós vamos receber a metade dos dólares que nós pedimos antes de começarmos a ensaiar.

AJUDANTE: Eu acho que se vocês olharem bem esses 3

“drezgraus” dessa escada, vocês vão ter a resposta.

(Entra o Lima com uma cara horrível, acabado.)

DIRETOR: O que foi que aconteceu?

LIMA: O Oliver... se mandou. Deixou todas as dívidas pra mim. Amanhã vence um monte de duplicatas... Tenho que pagar os “tijolinhos” dos jornais, as fotografias, os ingressos, a placa da frente do Teatro, a costureira...

DIRETOR: A costureira disse que, se não tiver grana na mão dela hoje, ela não entrega o resto dos figurinos...

AJUDANTE: O pessoal da madeira disse que vem buscar tudinho, se o cheque não tiver fundos, inclusive a escadinha do show.

COREÓGRAFO: E o maestro disse que os músicos querem receber os ensaios ainda hoje.

LIMA: Assim, vocês estão me pressionando! Como é que eu vou pagar vocês, se a gente não estreiar? A estréia está marcada para amanhã e tem que estreiar. Já foram distribuídos mais de dois mil convites e os ingressos já estão sendo vendidos antecipados. Cada um que se vire. Se a costureira não quiser entregar o resto dos figurinos, vai se ver comigo. Em todo caso, é melhor pedir ao elenco que traga de casa algumas roupas e pronto. Artista que é artista não se deixa abalar por causa de um figurino! (Lima sai)

QUADRO: A ESTRÉIA

(Os atores no camarim)

BAILARINO: Ih, gente, lá fora está o maior “buchicho”! Tem fila dando volta no quarteirão.

ATOR 1: Você arrumou seu figurino?

BAILARINO: Claro! Descolei uma peruca da minha tia, que é o canal. Olha só (peruca ruiva comprida)!

ATRIZ 1 (de grávida): Que tal assim?

BAILARINO: Nossa! Está perfeita, até levei um susto!

ATRIZ 1: É a primeira vez que eu vejo uma estréia sem ensaio geral.

ATOR 1: Eu já passei todas as minhas músicas com os músicos.

ATRIZ 1: E quantos músicos vieram?

ATOR 1: Somente dois.

ATRIZ 1: E como é que vamos cantar desse jeito?

ATOR 1: Com os dois músicos ou “a capela”.

BAILARINO: Ai, meu Deus, esse negócio de cantar sem acompanhamento é o ó... Acho que vai ficar tudo desafinado!

ATRIZ 2 (chorando): Buááá... O Oliver nem sequer me disse adeus... Será que ele vai escrever pra mim?

BAILARINO: Não só pra você, deve escrever pra mais de dez trouxas iguais a você. Nessa hora, ele deve estar brindando o grande golpe que deu.

ATOR 2: Nossa! Que golpe?

BAILARINO: Então você não está sabendo? Ele levantou uma grana alta de patrocínios, passou a mão na verba e se mandou. Deixou as dívidas de herança pro Lima.

(Ouve-se o primeiro sinal)

ATRIZ 2: Já está me dando um frio na barriga!

BAILARINO: O pior é que vou ter que fazer um solo que não era meu e eu nem ensaiei.

ATOR 1: Que solo você vai fazer?

BAILARINO: Você não soube? "Aquele", que eu não gosto de dizer o nome, se recusou a entrar em cena... e nessas alturas, eu nem perguntei por quê. Aí o diretor me escalou... e eu vou.

(Segundo sinal)

ATOR 1: Quem é que não tem "galharufas"?

ATRIZ 2: O que é isso?

ATRIZ 1: Se você não tem galharufas, não pode entrar em cena.

ATOR 2: Eu também não tenho.

BAILARINO: Se o sindicato souber, não vai ter estréia! Imaginem vocês que dois artistas não têm galharufas! Pode?

ATOR 1: A minha é de prata.

ATRIZ 1: Pensei que fosse de ouro.

ATRIZ 2: E agora? O que é que eu faço?

BAILARINO: Vocês têm que ir buscar uma.

ATOR 1: A essa hora? Não vai dar tempo.

ATRIZ 1: Então eles não podem entrar em cena.

ATOR 2: Mas aonde eu tenho que buscar esse negócio?

ATOR 1: Na casa da Dercy Gonçalves, ela tem uma coleção.

ATRIZ 1: Mas ela está viajando e não deve chegar hoje.

BAILARINO: Sem galharufas não pode entrar em cena, o Lima vai ter que pagar uma multa enorme, e do jeito que ele está endividado!

ATOR 2: E não tem outra pessoa que possa emprestar?

ATRIZ 1: Galharufa não se empresta, se

ganha.

ATRIZ 2: E agora?

TODOS: Não pode... .

ATRIZ 2 (desesperada): Buááá'...

BAILARINO: Vamos fazer o seguinte: a gente não fala nada para o Lima e assim que o espetáculo terminar eles pagam uma pizza pra gente e amanhã eles vão buscar as galharufas.

ATOR 2: Pode ser assim?

BAILARINO: Bem, poder não pode.. mas...

ATRIZ 2 (tonta): Obrigada, gente, vocês são ótimos.

DIRETOR (entra): Elenco, eu quero comunicar a vocês que eu não vou assistir à estréia porque eu fico muito nervoso. (PAUSA) Merda para todos!

(Terceiro sinal)

TODOS: Merda!

Contra-regra: Posso dar o terceiro sinal?

(Ninguém responde. É dado o terceiro sinal.)

A CENA DE ABERTURA DO ESPETÁCULO "O BUCHICHO" É UMA FILA, ONDE ATORES ESTÃO ESPERANDO PARA FAZER TESTE PARA O MUSICAL "HAIR." OS FIGURINOS DEVEM TER AS CARACTERÍSTICAS DA MONTAGEM ORIGINAL (ROUPAS COMPRADAS NAS LOJAS DE ROUPAS USADAS/ MISTURADAS COM MALHAS E TÊNIS(CONGA), MEDALHÕES E COLETES.

(ENTRA A MÚSICA DE ABERTURA:)

Procura-se... Procura-se... Procura-se
O quê? O quê? O quê?

Um anúncio bem grande é destaque em jornal:

"precisa-se de atores, pra fazer musical" ...
Eu vou
Eu vou
Lá vou...
E nós também...
Eu danço, requebro nas boates da vida...
Sou soprano ligeiro... Dentro do banheiro!
Eu ando na ponta dos pés, no arame... Se for preciso eu dou Piruetas...
Todos: sou mágico, frágil, forte, guerreiro,
Protótipo do ator brasileiro!
Eu vou
Eu vou
Nós também...

ATOR 1: Esses testes são só pra fazer "buchicho", o elenco já deve estar todo acertado.

ATOR 2: Eles devem estar precisando de figuração, de tipos.

ATRIZ 1: Eu fiquei sabendo que só tem três papéis femininos: dois já estão preenchidos, mas falta um .

ATRIZ 2: Que é o meu tipo!

MÚSICA FINAL

Procura-se... Procura-se... Procura-se
O quê? O quê? O quê?
Um anúncio bem grande é destaque em jornal:
"precisa-se de atores, pra fazer musical" ...
Eu vou
Eu vou
Lá vou...
E nós também...
Eu danço, requebro nas boates da vida...
Sou soprano ligeiro... Dentro do banheiro!
Eu ando na ponta dos pés, no arame... Se for preciso eu dou Piruetas...
Todos: sou mágico, frágil, forte, guerreiro,
Protótipo do ator brasileiro.

Obs: Pra obter as músicas da peça, entrar em contato com a autora. Rua Visconde Ouro Preto ,138, Ap.73, S. Paulo - Cep 01303-60, Consolação. **Tel.:(011) 258-7472**

FIM

ESTE OVO É UM GALO

Comédia em 3 atos

de Lauro César Muniz

PERSONAGENS:

Fidélis
Ritinha
Felícia
Eugênio
Padre Damião
Querubim
Madalena
Onofre
Augusto
Eurico
Coronel
Zé Antônio
Teodoro
Tenente

PRIMEIRO ATO

AÇÃO: Pequena cidade do interior paulista, perto da fronteira com o Estado de Minas Gerais.

ÉPOCA: Outubro de 1932.

CENÁRIO: Pequeno e modesto "Bar Restaurante". O palco dividido em dois planos: no plano da esquerda, o bar propriamente dito, com grande balcão. O plano da direita, bem menor que o anterior, é um reservado do

restaurante. Portas que se comunicam com a rua e com o interior da casa.

1º quadro

Fim de tarde. Numa mesa ao centro, FIDÉLIS fecha o "caixa" do mês. RITINHA, atrás do balcão, enxuga algumas peças de louça.

FIDÉLIS: Nove vezes sete?!

RITINHA: Nove vezes sete...sessenta e três!

FIDÉLIS (anota): Sessenta e três...Vão

seis...(Resmungando fazendo a conta) Cinquenta e três mil reis de prejuízo!

(Entra Felícia com uma galinha preta pendurada pelos pés).

FELÍCIA (para Ritinha): Dá cabo dela e prepara para o almoço de amanhã

RITINHA: Chi, tia Felícia... Dizem que não presta matar galinha quando tem parente doente.

FELÍCIA: Que o que, Ritinha. Se a gente for esperar o tio Benévolo sarar, nunca comemos galinha... Vai!

(Ritinha sai com a galinha)

FIDÉLIS: Isola! (Bate com os nós dos dedos na mesa) Não fala mais nisso!

FELÍCIA: No quê?

FIDÉLIS: No tio Benévolo sarar... A salvação da bodega desse restaurante depende da herança do velho. Deixa ele morrer em paz. Tivemos no mês passado cinquenta e três mil reis de prejuízo!

FELÍCIA: Isso é por causa da revolução. Os negócios vão mal em toda parte.

FIDÉLIS: Qual nada! O Bastião da Dita tá cobrando trinta mil réis por carro de lenha, e não dá graveto a mais. Tá ficando rico. A gente que vive fazendo camaradagem, não... Aqui está registrado vinte mil réis para a "Campanha do ouro"!

FELÍCIA (orgulhosa): Dei ouro para o bem de São Paulo! E marchei de terço no desfile, junto com o Padre Damião!

FIDÉLIS: O Bastião não deu um tostão... Fez ele muito bem!

FELÍCIA: Ele é mineiro, nós somos paulistas! Damos isso pela causa da revolução!

FIDÉLIS: Causa da revolução... Esse negócio de revolução vira em nada... Pra vida da gente, tanto faz o presidente ser eleito ou não. Dá tudo na mesma...

FELÍCIA: Eu rezo pra que acabe logo essa revolução. Assim pelo menos o Zé Antônio volta logo. Tenho tantas saudades do meu filho...

(Ritinha volta com a galinha viva).

FELÍCIA: Já matou?

RITINHA: Ainda não... (A Fidélis) Pai, mata pra mim?

FIDÉLIS: Dá aqui...

FELÍCIA: Essa menina quando casar não vai saber fazer nada. Com a idade dela eu...

RITINHA: Já sei... Capava touro a unha...

(Fidélis pega a galinha e force-lhe o pescoço).

FIDÉLIS: Pronto! Tá mais morta que caveira!

RITINHA (divertindo-se): Morreu o tio Benévolo com o pescoço torcido!

FELÍCIA (em pânico): Meu Deus!

FIDÉLIS: Calma, Felícia... Ritinha tá brincando...

FELÍCIA: Não é isso... (Pega a galinha) Olha! (Exibe) Você matou a Pretinha, nossa melhor poedeira!

FIDÉLIS: Não sabia...

FELÍCIA: Era pra morrer a Negrinha, aquela preguiçosa! Eu confundi no galinheiro... (Chorosa) Coitada da Pretinha... Botava dois ovos por dia, até em dia santo... A Negrinha não botava quase nunca. Vagabunda de uma figa!

FIDÉLIS: Mais prejuízo... Em todo caso,

antes de abrir a galinha, vê se não tem nenhum ovo no...no caminho...Um ovo vale dez tostões...

(Entra Eugênio da rua. Pára na porta).

EUGÊNIO: Gente! Não imaginam quem morreu...

FIDÉLIS: A Pretinha...

EUGÊNIO: Tio Benévolo...

(Pausa. Felícia olha para a galinha com ares assustados. Persigna-se. Ritinha também).

FIDÉLIS (num pulo): Vivaaaaa!!!

EUGÊNIO: Fidélis! Que é isso?

FIDÉLIS: Até que enfim!

FELÍCIA: Alguém pode ver...

FIDÉLIS: Estamos salvos!

EUGÊNIO: Cinquenta e três mil réis de prejuízo no mês passado! Agora estamos bem!

EUGÊNIO: Cinquenta e três?...

FIDÉLIS: Só o pinico do velho vale isso! Tem alça de prata e espelho de cristal no fundo!

FELÍCIA: Grita baixo...

FIDÉLIS: Vamos fazer uma bela reforma nisso aqui! (Abraça Felícia) Vamos dançar!

EUGÊNIO: Morreu seu tio...

FIDÉLIS: Por isso mesmo!

(Fidélis arrasta Felícia, dançando e cantando).

FIDÉLIS: Aqui jaz um avarento
Coberto de ouro e prata
Quero ver seu testamento
Para entrar nessa mamata!

RITINHA (animadíssima): Quando vai ser o enterro?!

EUGÊNIO: Amanhã...

FIDÉLIS: E a abertura do testamento?

EUGÊNIO: Leva tempo...

FIDÉLIS: Dança com Ritinha, Eugênio!
Depois de trinta anos vamos tirar o pé do atoleiro! Lá - lá - lá - lá -

lá - lá!

RITINHA: Coragem, tio...Vamos (Pega Eugênio à força).

FIDÉLIS: Ligue o rádio!

(Ritinha liga o rádio. Música animada, alta. Os dois casais deslizam pela sala ao som da música.)

FIDÉLIS: Viva nós!

RITINHA: Vivaaaa!

FIDÉLIS: Salvos da pindura!

RITINHA: Vivaaaa!

(Entra Padre Damião e encontra a festa feita. Todos param de dançar e procuram disfarçar).

Pe. DAMIÃO: Boa tarde..

(Ritinha corre e desliga o rádio)

FELÍCIA (sem graça): Padre Damião...Há quanto tempo...Entre...

Pe. DAMIÃO: Não incomoda nada?

FIDÉLIS: Não...

Pe. DAMIÃO: Já souberam da notícia sobre tio Benévolo?

FIDÉLIS: Não...

EUGÊNIO: Sim...(Ao mesmo tempo).
(Os dois sem jeito).

Pe. DAMIÃO: Sim? Não?

FIDÉLIS: Sim...Pobre tio Benévolo...

FELÍCIA: Era um santo homem...

EUGÊNIO: Um santo...

Pe. DAMIÃO: Estou de passagem...Vim aqui apenas para deixar meus votos de sinceros pêsames pelo falecimento do senhor Benévolo...

FIDÉLIS: Muito obrigado, estamos comovidos...

EUGÊNIO: Coitado...Tão bom...

FELÍCIA: Ainda ontem rachou lenha...

FIDÉLIS: Com o machado de ouro...

Pe. DAMIÃO: Já estava velinho...

RITINHA: Noventa e nove anos...

Pe. DAMIÃO: E...Posso preparar a missa para encomendar a alma dele?

FIDÉLIS: Missa? Mas...ele...

Pe.DAMIÃO: Se converteu em cima da hora...Me chamou para a "extrema-unção"

FELÍCIA: Se converteu? É quase um milagre isso...

Pe.DAMIÃO: Suas últimas palavras foram misteriosas...(Assume um ar sobrenatural) Disse: "Está tudo perdido...Fomos traídos". E...esticou...

EUGÊNIO: Esquisito...

(Silêncio profundo. Num estouro, Querubim entra correndo da rua).

QUERUBIM: Seu Eugênio! Seu Fidélis! (Vê o padre e para sem jeito) Seu vigário... Eu vim correndo porque...

Pe.DAMIÃO: Calma que o Brasil é nosso!

QUERUBIM: É nosso? "Num" sei não, seu vigário...A revolução acaba de acabar...

Pe.DAMIÃO: Quem lhe disse?

EUGÊNIO: A revolução acabou?

QUERUBIM: "Tá" todo mundo falando...

RITINHA: Vamos ligar o rádio!

FIDÉLIS: Que é isso, menina? Ligar o rádio quando estamos de luto?

RITINHA: Pra saber notícia...É pecado, Padre Damião?

Pe.DAMIÃO: Num caso assim tão importante, creio que não há mal nenhum.

FELÍCIA: Então liga...Quem sabe diz quando volta o Zé Antônio...

RITINHA (animada): O Zé vai voltar?! (Ritinha liga o rádio. Todos em volta com grande curiosidade. No rádio, a música anterior).

FIDÉLIS: Música não! Estamos de luto! (Ritinha muda a estação).

RÁDIO: ..."Assinado o termo de armistício pelo comandante em

chefe das forças organizadas nos Estados de São Paulo e Mato Grosso. Ao entardecer, o embaixador Pedro de Toledo deixou o Palácio dos Campos Elíseos, dispensando a companhia de um oficial que fora posto à sua disposição pelo Comandante Herculano de Carvalho. A seguir também se retiraram todos os seus secretários. Está portanto tudo terminado! Findou a épica revolução constitucionalista. Já não se ouve o ronco dos canhões. As metralhadoras silenciaram. Desarmam-se as barracas de campanha, fecham-se as trincheiras abertas e os combatentes retornam aos seus lares..." (Música militar)

EUGÊNIO: Acabou...(Desliga o rádio)

Pe.DAMIÃO: São Paulo caiu de pé... Por que teria acontecido a rendição?

QUERUBIM: "Tão" dizendo que foi traição de um general...sei lá...

EUGÊNIO: Traição?...Quais foram as palavras do tio Benévolo antes de morrer?

Pe.DAMIÃO: Está tudo perdido...Fomos traídos...

FELÍCIA: Ele foi avisado...

FIDÉLIS: Por quem?

Pe.DAMIÃO: Alguma voz celestial...Algum anjo, por certo...Era um paulista fervoroso...(Excitado) Meu Deus! Teria ele recebido alguma mensagem dos céus, na hora de morrer? Jesus! A conversão do ateu! Vou até a igreja bater o sino!

QUERUBIM: Me desculpe, padre, mas

não foi anjo, não...

Pe.DAMIÃO: Como? Quer discutir comigo?!

QUERUBIM: Encontraram hoje de manhã o rádio galena que ele tinha, ligado... Ele escutou notícia de São Paulo, essa madrugada...

Pe.DAMIÃO: Mas...será que é isso?...

QUERUBIM: Morreu de desgosto...

Pe.DAMIÃO (embaraçado): De qualquer forma, foi o anjo que assoprou no ouvido dele pra escutar o rádio...

QUERUBIM: Se o senhor acha que é assim...

Pe.DAMIÃO (encara Querubim ameaçadoramente): Claro que é assim!...Vamos já pra igreja!

QUERUBIM: Eu fico...

Pe.DAMIÃO: Que sacristão arrumei eu! Não me ajuda em nada! Estou desconfiado que você é protestante...

QUERUBIM: Não...Umbanda...

Pe.DAMIÃO: Te pego antes da reza...(Dá um safanão disfarçado em Querubim) Até logo para todos!...

FELÍCIA: Até logo, padre...

(Padre Damião sai contrariado)

QUERUBIM: Reclama mas me paga uma ninharia...Se não faço meus biscates morro de fome...Ganho mais com recadeiro, e na banda, do que como sacristão...

FIDÉLIS: Vamos continuar a festa!

RITINHA: O Zé Antônio vai voltar!

FELÍCIA: Que bom! Zé Antônio de novo com a gente!

FIDÉLIS: Quanta coisa boa num dia só!

EUGÊNIO: Ei, pessoal...Vocês não estão pensando direito...

FIDÉLIS: Estamos festejando!

EUGÊNIO: Festejando o quê?

FIDÉLIS: A herança do tio Benévolo e...

RITINHA: A volta do Zé Antônio!

EUGÊNIO: Pois são duas notícias pra fazer chorar...A morte do tio Benévolo e o fim da revolução, com a nossa derrota!

QUERUBIM: Está todo mundo de carranca pela cidade...Parece dia dos mortos...

FIDÉLIS: Que me importam os outros...Eu sei é da minha vida...Eu vou festejar...

EUGÊNIO: Vamos deixar a festa pra depois do transe que estamos passando...

FELÍCIA: Coitado do velhinho...(Sai triste)

RITINHA (pegando a galinha no balcão): Vamos para a panela tio Benévolo... (Sai)

FIDÉLIS (pegando o livro-caixa): Estamos salvos!

QUERUBIM: É esse baita terrenão aí do lado, não é?

EUGÊNIO: Até ele já sabe...

QUERUBIM: Quem não sabe? Os senhores vão herdar do seu Benévolo o terrenão que o padre cobiça pra fazer a escola...

FIDÉLIS: Será que ele não vai dar pro padre, não?

EUGÊNIO: Que nada...Tio Benévolo era ateu praticante...

FIDÉLIS: mas chamou o padre na hora da morte...

QUERUBIM: Chamou pra cobrar os "aluguel" atrasados...O padre arranjou emprestado com o Coronel, foi lá pagar, encontrou o homem morrendo e encomendou a alma dele...

FIDÉLIS: Não pagou?

QUERUBIM: Ele "tava" morrendo, uai...O

dinheiro foi pro cofre de santa Rita...E santa Rita sempre dá o dinheirinho dela pro seu vigário...O pior é que o seu vigário não sabe que ateu, quando recebe a extrema-unção, sofre mais no inferno...

EUGÊNIO: Quem falou isso?

QUERUBIM: Dona Arlinda benzedeira...

EUGÊNIO: Que bobagem...

QUERUBIM: Credo, seu Eugênio...Não fala assim de Dona Arlinda...É a mulher que mais entende de religião nessa cidade...Ela é meio poderosa...Vê o diabo toda sexta-feira no cruzeiro...

FIDÉLIS: O diabo que a carregue!

QUERUBIM: O diabo tem medo dela...Ela espanta o bicho, acendendo duas velas do tamanho dele...

EUGÊNIO: Que tamanho?

QUERUBIM: É do tamanho de dois porcos amarrados pelo rabo em noite de lua cheia...

EUGÊNIO: E por que o diabo não apaga a vela?

QUERUBIM: Apaga como?

EUGÊNIO: Assoprando...

QUERUBIM (catedrático): Ora, seu Eugênio...Diabo tem fogo na boca. Quanto mais assopra, mas acende. É que nem jogar querosene no fogo...O senhor é descrente como o seu vigário...Credo...Dona Arlinda diz que já viu o bicho...Tem duas línguas, um olho só, um rabo com flecha na ponta, quatro braços...

FIDÉLIS: Trinta pés, não é?

QUERUBIM: Não, senhor. Dois mesmo.

FIDÉLIS: Estou falando da largura do terreno...

EUGÊNIO: Muito mais de trinta!

FIDÉLIS: Vou até lá medir...

(Fidélis prepara-se para sair. Entra Madalena com uma latinha na mão. Onofre a segue, carregando a mala)

ONOFRE: Tome um licor comigo, beleza!

MADALENA: Vai tomar...sozinho...

EUGÊNIO: Deseja alguma coisa, Dona Madalena?

MADALENA: Um pouco de café moído...

FIDÉLIS (antecipando-se): Pois não...

EUGÊNIO (tomando a latinha): Pode deixar...Eu sirvo Dona Madalena. Vai medir o terreno...

(Fidélis sai contrariado)

MADALENA (a Eugênio): O senhor é muito gentil...

EUGÊNIO: Qualquer hora a senhora me paga essa gentileza...(A Onofre) E o senhor deseja alguma coisa?

ONOFRE: Ela...

(Eugênio sai com a latinha)

ONOFRE: Eu tenho um bangalozinho de beira de estrada que...

MADALENA: Chega! Não insista, seu idiota! Sai pra lá que eu não quero conversa com desconhecido!

ONOFRE: Não seja por isso...Me apresento: Onofre da Silva, solteiro, maior, vacinado! Profissão: observador do mundo! Observo a situação, julgo e depois resolvo o problema de cada um...Deus me colocou no mundo para corrigir a humanidade!

QUERUBIM: De graça?

ONOFRE: Não, meu caro...Os gênios também precisam comer...Mamãe sempre dizia: não faça o bem pra quem não tem vintém...E eu sou obediente..

(A Madalena) A senhorita tem algum problema?

MADALENA: Quero me livrar de um camarada que está me aborrecendo há muito tempo...

ONOFRE: Nome dele?!

MADALENA: Onofre da Silva!

ONOFRE: Muito simples...Mamãe dizia: dê água a quem tem sede, pão a quem tem fome e o resto a quem tem dinheiro...

MADALENA: Sou comprometida e vou me casar...

ONOFRE: Ainda há homens arrojados, hoje em dia...

MADALENA: Apresento meu noivo!
(Madalena aponta Querubim, que olha para trás para ver o noivo. Como não vê ninguém, percebe que o eleito é ele mesmo. Assusta-se)

ONOFRE: O senhor, heim? Quem diria...Tão subnutrido...

QUERUBIM: Bom...eu...
(Eugênio volta com o café)

MADALENA: Obrigada...

EUGÊNIO: Disponha...

MADALENA: Coloque na minha continha...

EUGÊNIO: Depois a gente acerta as contas...

(Madalena vai saindo)

ONOFRE: Não vai acompanhar a noiva?

QUERUBIM: Eu?...Vou...(Levanta-se)

MADALENA: Pode deixar, meu bem...Eu sei o caminho...

(Madalena sai)

ONOFRE: Casa logo, moço...Um dia ela erra o caminho e vai dar no meu bangalozinho...

QUERUBIM: Eh, morena! (Num desabafo) Por ela eu era capaz de subir e descer peladinho num coqueiro de macaúba! Como é

que se faz para conquistar uma morena dessas?

ONOFRE: Com ou sem dinheiro?

QUERUBIM: Sem...

ONOFRE: Basta arrumar dinheiro...
(Senta-se)

(Fidélis retorna)

FIDÉLIS: O terrenão do tio Benévolo tem 206 passos de comprimento por dez de largura. Cabe um chiqueiro grande de 50 passos, um galinheiro de 25.. afora a horta que a gente pode plantar...

EUGÊNIO: E se agente vendesse metade do terreno, e com o "cobre" construísse uma casa na outra metade?

FIDÉLIS: Acho besteira...A gente vive bem aqui...

EUGÊNIO: Ritinha tá ficando mocinha...Precisa ter quarto sozinha...Ainda mais agora com a volta do Zé Antônio...

FIDÉLIS: Eles são primos...Mamaram no mesmo peito...E não faz tanto tempo assim que ele se foi...

EUGÊNIO: Em quatro meses uma menina vira moça. Um aumento na casa e "tá" tudo em ordem...

FIDÉLIS: Casa! Que bobagem! Você já pensou na renda que dão os porcos e as galinhas?

EUGÊNIO: Que adianta dinheiro sem conforto?

FIDÉLIS: Mais tarde, com o dinheiro, a gente faz uma casa!

EUGÊNIO: Mais tarde a gente vai é comprar um terreno no "sumitério".

(Onofre levanta-se interessado)

ONOFRE: Já vi que esse terreno só trará discórdias!

QUERUBIM: Um tem que dar a sua

parte pro outro!

FIDÉLIS: Dar?!

ONOFRE: O senhor venderia para ele?

FIDÉLIS: Ele não tem dinheiro pra pagar...

ONOFRE: Então o jeito é dar.(Instigando) Ou então jogar...

FIDÉLIS: Jogar?!

EUGÊNIO: Jogar?!

QUERUBIM: Quem ganhar escolhe o que fazer com o terrenão!

FIDÉLIS: Não posso perder um terrenão desses.

ONOFRE: O senhor não perderia nada. Estariam em jogo apenas as vossas opiniões sobre a aplicação do imóvel...

EUGÊNIO: É...

FIDÉLIS: Quem ganhar o jogo resolve o que fazer...Uma horta...

EUGÊNIO: Ou uma casa...

ONOFRE: Apostem!

FIDÉLIS: O que a gente pode apostar?

EUGÊNIO: Baralho! Bisca lambida!

FIDÉLIS: Nada disso...Você sempre ganha! Que tal dominó?

EUGÊNIO: Dominó é seu forte...

QUERUBIM: Juguem no bicho...Quem jogar mais perto...

ONOFRE (doutoral): O caso é muito sério para que haja intromissão de terceiros! Os senhores têm que escolher um jogo onde a decisão se faça espontaneamente!

EUGÊNIO: Onde Deus decide...

FIDÉLIS: O que pode ser?

(Onofre pega sua mala e coloca sobre a mesa. Abre-a)

ONOFRE: Eu tenho, nessa mala, um interessantíssimo modo dos senhores decidirem. Pela ninharia de 20 mil réis, eu poderei ajudar...

(Ritinha entra correndo com o ovo

nas mãos)

RITINHA: Pai! Tio! Olhem! Achei dentro da Pretinha! Inteirinho!

QUERUBIM: Um ovo pronto pra ser botado!

FIDÉLIS: Galinha de ouro! Até morta deu lucro!

QUERUBIM: Deixa eu ver...(Examina o ovo) Vocês não devem comer...

FIDÉLIS: Decerto que não! Vamos vender!

QUERUBIM: Que nada! Deve guardar...Isso não acontece todos os dias. É sinal de sorte!

ONOFRE: Mas como eu ia dizendo...

QUERUBIM (olhando o ovo contra a luz): Esse ovo está galado, olha só!

RITINHA (pega o ovo e examina como Querubim): "Num" estou vendo nada.

QUERUBIM: Ele tem uma roda brilhante...Vê? Se tivesse umas pintinhas não era...Coitada da galinha...Morreu mas fez o filho nascer...

EUGÊNIO: Esse galo deve se orgulhar da mãe que teve!

RITINHA: Galo ou galinha?

QUERUBIM: Isso é lá com Deus!

EUGÊNIO: Com Deus!

FIDÉLIS: "Tá" aí!

(Fidélis e Eugênio se olham animados)

EUGÊNIO: Você teve a mesma idéia que eu?

FIDÉLIS: Apostar se o pinto que vai nascer é galo ou galinha!

EUGÊNIO: Isso!

ONOFRE: Bobagem, muito demorado...Vejam esse aparelho...

FIDÉLIS: E você acha que é galo ou galinha?

FIDÉLIS: Eu posso dizer antes?

EUGÊNIO: Pode.

(Fidélis pega o ovo e o examina)

ONOFRE: Vejam aqui...Muito mais interessante...

FIDÉLIS (categórico): É...É galinha!

EUGÊNIO: É galo!

(Fidélis e Eugênio no clássico aperto de mãos)

RITINHA: Que aposta é essa, Querubim?

QUERUBIM: Daqui a vinte e um dias você vai ter uma casa ou uma baita porcaria.

EUGÊNIO: Vinte e um dias...

FIDÉLIS: E quem choca?

ONOFRE (caçoando): Tem que ser uma galinha imparcial...

EUGÊNIO: Ritinha, a Negrinha está choca?

RITINHA: Está sim senhor...

EUGÊNIO: Busca ela...

RITINHA: Não estou entendendo nada...

(Sai)

ONOFRE: Se for galo, ganha o senhor Eugênio. Se for galinha, ganha o senhor Fidélis. E eu, que dei a idéia da aposta? Devia ter uma compensação...

FIDÉLIS: Se for peru, o terreno é seu!

EUGÊNIO: Peru e avestruz. Você leva dois bichos de vantagem!

(Ritinha entra com a galinha na mão. Eugênio pega a galinha)

FIDÉLIS (mostrando o ovo à galinha): Senhora Negrinha, quero apresentar seu enteado, filho da falecida Pretinha. Dentro desse ovo está a nossa sorte. Faz dele uma galinha de bem!

EUGÊNIO: Um galo!

ONOFRE: Um peru!

FIDÉLIS: Precisamos arrumar um lugar pra ela chocar à vontade...

ONOFRE (pegando da mala): Tenho aqui um balaio especial! Macio, prático e durável!

FIDÉLIS: Pode ser...

(Na porta, Eurico e Augusto, colocados lado a lado como siameses. Eurico é mais jovem e empertigado. Augusto capenga)

ONOFRE: Deixem por minha conta! Atendam os fregueses!

EUGÊNIO: Seu Eurico! Seu Augusto! Entrem, por favor...

(Onofre arma o local do ovo-aposta, colocando a galinha no balaio. Fidélis e Eugênio recebem os visitantes)

EURICO: Temos boas novas, Eugênio! Você pode se orgulhar de seu filho! (Pega um envelope) Recebemos hoje na prefeitura um "memorandum" da revolução. Zé Antônio foi promovido por ato de bravura!

(Ritinha aproxima-se rapidamente, interessada)

RITINHA: Zé Antônio?!

EUGÊNIO: Ato de bravura?

EURICO: Por certo conseguiu prender algum soldado das tropas ditatoriais!

AUGUSTO: E como ele...

EURICO (interrompendo Augusto): E como ele voltará dentro de alguns dias, o Coronel Faustino mandou preparar um festejo pra sua chegada!

EUGÊNIO: Uma festa pro Zé Antônio?!

RITINHA: Que beleza! Prendeu um sargento inimigo?!

EUGÊNIO: Felícia vai chorar de alegria! Volto já...(Eugênio sai)

AUGUSTO: Ah, Querubim...

EURICO: Ah, Querubim, que bom encontrar você aqui. Precisamos reunir o pessoal da banda para a

festa...

QUERUBIM: A banda outra vez?

AUGUSTO: Depois de três...

EURICO: Depois de três anos de silêncio. Posso contar com você na tuba?

QUERUBIM (entusiasmado): Pode!
(Eugênio e Felícia entram)

FELÍCIA: Quando é que o Zé chega?

AUGUSTO: Provavelmente...

EURICO: Provavelmente na semana que vem...

RITINHA: Prendeu um tenente com farda e tudo, puxa!

FELÍCIA (começando a chorar): Zé Antônio, herói da revolução!...

AUGUSTO: Soube defender...

EURICO: Soube defender e elevar alto o nome de nossa terra! Paulistas como ele construíram a nossa vitória!

FIDÉLIS: Vitória, seu Eurico? Mas nós não perdemos a revolução?

AUGUSTO: É mesmo!...

(Pausa. Certo embaraço)

EURICO: É mesmo nada, Augusto. Nossa derrota foi uma vitória! Os derrotados foram os marechais! O povo paulista venceu! Provou que sabe o que quer! Não foi na onda, como o resto do Brasil! Vitória no duro!

(O Coronel Faustino entra correndo e bufando)

CORONEL: Eurico! Augusto! (Atira-se numa cadeira)

TEODORO: Coronel!!!

CORONEL: Como custou achar vocês!

EURICO: O que foi, Coronel?

CORONEL: Uma coisa tremenda! Vai me abanando aí que eu conto!

(Eurico abana o Coronel com o chapéu. Augusto o abana com um lenço. Todos atentos ao Coronel,

inclusive Onofre, que terminou seu serviço. Expectativa).

CORONEL: Os legalistas tomaram a prefeitura!

TODOS: O quê?!

CORONEL: As tropas ditatoriais nomearam um tal Teodoro para assumir a prefeitura!

EURICO: Teodoro, o baiano!

CORONEL: Fui destituído!

AUGUSTO: Isso é o...

EURICO: Isso é o cúmulo!

CORONEL: Que vamos fazer?

EURICO: Eu também fui desligado da prefeitura?

CORONEL: Ora, decerto, homem!

Caímos todos juntos! Não há mais junta governativa, não há mais nada! Ele está absoluto no poder!

AUGUSTO: Eta baiano filho da...

EURICO: Desgraçado! Baiano desgraçado!

AUGUSTO: É civil ou militar?

CORONEL: Civil! Paisano como eu!

AUGUSTO: Então podemos reunir todo o pessoal...

EURICO (mais alto que Augusto): Reunir todo pessoal e marchar contra ele!

CORONEL: Marchar contra as tropas ditatoriais vitoriosas?

EUGÊNIO: Suicídio...

FIDÉLIS: E se vocês comprarem ele?

CORONEL: O raio do homem é honesto, não se vende...Onde já se viu? (Escandalizado) Honesto!

EURICO: Não é possível...

CORONEL: Não sei o que fazer...(Levanta-se) Depois de governar quinze anos essa cidade, me acontece uma coisa dessas! Essa cidade é minha! Nasceu de uma fazenda que era

do meu pai! Ninguém pode fazer isso comigo...

EURICO: Calma, Coronel...A gente dá um jeitinho...

CORONEL: Eu não vou entregar a prefeitura para um estrangeiro!

AUGUSTO: Baiano não é estrangeiro...

EURICO: Claro que é, Augusto...

CORONEL: Quem não é paulista é estrangeiro! Da prefeitura não saio nem que me matem! Que venha o exército em peso contra mim! Eu não deixo o meu lugar!

AUGUSTO: Calma, Coronel...
Calma...Tenho uma idéia...

CORONEL: Oh, meu Deus!

EURICO: Tenho uma idéia, Coronel...

AUGUSTO: Vamos ignorar a...

EURICO: Vamos ignorar a prefeitura da ditadura e governar a cidade como se nada tivesse acontecido!

CORONEL: Mas como?! Ele está sentado na minha cadeira! Na almofada que ganhei do Bispo! Ele está escrevendo com a minha caneta, como se fosse eu!

AUGUSTO: Nós mudaremos...

EURICO: Nós mudaremos a prefeitura para outro lugar!

CORONEL: Que lugar?

EURICO: Qualquer lugar! Todos os atos dele nós ordenaremos de forma contrária! Se ele mandar plantar árvores, nós mandaremos derrubar. Se mandar fazer esgoto, nós mandaremos tampar! Se mandar cortar a grama, nós...mandaremos a grama crescer! Os funcionários da prefeitura trabalharão para nós!

AUGUSTO: O povo está todo do nosso lado!

EURICO: E o baiano vai acabar

desistindo de falar com as paredes!

EUGÊNIO: Ou então vai ter que fazer tudo sozinho...

FELÍCIA: A limpeza das ruas...

FIDÉLIS: A cobrança dos impostos!

QUERUBIM: O enterro dos defuntos!

EURICO: Tudo sozinho...

ONOFRE: Ele poderá contar com o apoio de parte da população. Nessas ocasiões, muita gente vira bandeira!

CORONEL: Isso não! Eu conheço o povo de minha terra! Todos estão comigo! São paulistas até debaixo d'água!

ONOFRE: Afogados...

EURICO: Quer dizer que tudo continua normalmente?

CORONEL: Tudo! Não cederemos um palmo de terra ao invasor!

AUGUSTO: Precisamos avisar os funcionários.

EUGÊNIO: E onde instalaremos a prefeitura?

FIDÉLIS (rápido): Que tal o "reservado"? (Aponta) Por um precinho camarada, podemos acertar...

(O Coronel vai solenemente até o reservado)

CORONEL: Perfeito! (Épico) Deste local, doravante, sairão as decisões mais importantes de nossa terra! Este é o reduto incontestável de um grupo de patriotas! Precisamos de uma bandeira!

(Onofre rapidamente pega uma bandeira paulista em sua mala e entrega a Eurico e Augusto, que passam ao Coronel)

CORONEL (segurando a bandeira): Bandeira de treze listas, símbolo eterno de nossa luta! Há de durar

enquanto viver um paulista!
(Onofre tira uma corneta da mala e toca o "Paris Belfort")

FIM DO 1º QUADRO

2º QUADRO

Fim de tarde, dias depois. Num canto da sala, sobre uma mesinha, a galinha choca o ovo-aposta, dentro do balaio. Felícia limpa aquele local e Ritinha lava louças no balcão. No Reservado, lê-se uma tabuleta: "Prefeitura do Coração". Lá está o Coronel trabalhando. Eurico entra, cumprimenta Felícia, tirando o chapéu, e vai ao Reservado.

EURICO: Boa tarde, Coronel.

CORONEL: Dê uma olhada nisso.
(Entrega-lhe um papel)

EURICO (lendo): Prefeitura do Coração, 6 de outubro de 1932. Ilustríssimo Senhor Teodoro Barbosa, prefeito ilegal da legalidade. Sendo proprietário da casa onde se instala atualmente a prefeitura desta cidade, venho requerer a Vossa Excelência o pagamento dos aluguéis atrasados desde 1926. Sendo de 130 mil réis o aluguel mensal, a quantia assoma a nove contos, trezentos e sessenta mil réis. O prazo para pagamento será de uma semana, a partir desta data. Caso contrário, será por mim requerida ação de despejo. Subcrevo-me atentiosamente, Coronel Faustino Cerqueira de Ribeiro Filho.

CORONEL: Isso vai desequilibrar a receita orçamentária da

prefeitura. Nove contos, trezentos e sessenta mil réis a descontar da receita prevista, que é de 238 contos, ele não agüenta. Só se cortar os seis contos do ordenado dele, ou reduzir o número de servidores municipais, o que será uma calamidade de desempregos. Que tal?

EURICO: Bem pensado.

CORONEL: Que horas são?

EURICO: Cinco horas.

CORONEL: Opa! (Levanta-se afobado)
Zé Antônio chega às seis, no trem das quatro...

EURICO: Se não atrasar...

CORONEL: Tenho ainda que tomar banho, fazer a barba e passar no Nenê alfaiate para pegar a roupa.

EURICO: E o discurso?

CORONEL: O Augusto já terminou de escrever?

EURICO: Já...

CORONEL: Mande ele levar na estação. Eu leio na hora, de improviso!

(O Coronel põe o chapéu e sai apressado para a rua. Eurico se detém na sala com Felícia)

FELÍCIA: O Coronel anda muito nervoso...Foi na "casinha" quatro vezes, hoje...

EURICO: A senhora não vai à estação, Dona Felícia?

FELÍCIA: Não vou poder, seu Eurico. Tenho que acabar de fazer a janta do Zé Antônio

RITINHA: Ela não vai, de medo de chorar na frente de todo mundo e do Zé...

FELÍCIA: Que o que, sua boba...

RITINHA: O Zé caçoa dela...Chama de "torneirinha de choro"...Quanto

mais ele caçoa, mais ela chora.
EURICO: É muito normal chorar nessas ocasiões.

RITINHA: É sim. Ver o Zé Antônio de farda e medalha. Prendeu um capitão inimigo! Ele é um herói, como Duque de Caxias...

(Eurico volta ao reservado para assinar o ponto, depois sai)

EURICO: Até depois...(Sai)

RITINHA: Tia Felícia...Eu queria pedir uma coisa pra senhora.

FELÍCIA: O quê?

RITINHA: Eu queria...ahm...

FELÍCIA: Queria o quê?

RITINHA: Queria passar umas pinturas na cara pra receber o Zé Antônio...

FELÍCIA: Pintura?

RITINHA (tímida): É...

FELÍCIA: Eu...eu acho que você deve pedir pro seu pai.

RITINHA: Ele nega, a senhora não acha?

FELÍCIA: Você tenta. Se ele não deixar, paciência...

RITINHA: Sabe a Madalena?

FELÍCIA: Madalena?...

RITINHA: Aquela que compra café moído, fiado...

FELÍCIA (com ar de desaprovação): Sei...

RITINHA: Ela disse que eu podia ficar muito melhor se usasse...(Pausa) Usasse aquele negócio...

FELÍCIA: Usasse o quê?

RITINHA: Bom...Eu acho que ela tem razão...Bem que eu fico mesmo melhor...

FELÍCIA: Mas usasse que negócio?

RITINHA: Soutien...(Pronuncia em português)

FELÍCIA (escandalizada): Pra que isso, menina?

RITINHA: Pra quê? Ora essa...Pra prender...

FELÍCIA (analisando-a): Prender o quê?

RITINHA: Ora, tia...Pensa que eu não preciso? Já está na hora...Quando eu desço correndo a escadaria da igreja...

FELÍCIA: Já sei...

RITINHA: Pois é...

FELÍCIA: Fale com seu pai. Eu não resolvo nada...

RITINHA: Com o pai, não...

(Entra Fidélis, tentando dar um nó de gravata)

FIDÉLIS: Eugênio! Onde está ele?

FELÍCIA: Foi no cartório saber do testamento

FIDÉLIS: O diabo! Queria que ele me amarrasse isso no pescoço...Vocês não sabem?

RITINHA: Eu sei dar laço de fita no cabelo.

FIDÉLIS: Meu cabelo é curto...

FELÍCIA (com ironia maldosa): A Ritinha quer pedir uma coisa pra você...

FIDÉLIS: Dinheiro pra comprar doce gelado?

FELÍCIA: Doce gelado, heim?

RITINHA: Não, pai... É que... que...

FIDÉLIS: Desembucha logo...

RITINHA: Quero passar pintura pra receber o Zé Antônio.

FIDÉLIS: Quer o quê?

FELÍCIA: Passar carmim no rosto...

FIDÉLIS: Carmim no rosto?! (Dirige-se severo para Ritinha) Minha filha!

RITINHA (com medo): Não, pai...eu...

FIDÉLIS: Você sabe quanto está custando uma latinha de carmim? Uma fortuna! Por que é que você não passa outra coisa? Faça como sua mãe fazia...

RITINHA: Como?

FIDÉLIS: Esfregava papel vermelho molhado. A tinta descora e dá na mesma.

RITINHA: O senhor deixa?

FIDÉLIS: Papel tem aí, de sobra...
(Fidélis vai até o Reservado colocar a gravata diante de um espelho. Madalena entra com uma vasilha na mão)

MADALENA: Boa tarde. (A Felícia) Será que a senhora pode arrumar um pouquinho de café moído?

FELÍCIA (tomando a vasilha): Não sei se tem...(Sai)

RITINHA: Madalena! O pai deixou eu me pintar!

MADALENA: Que bom! Você vai ficar linda!

RITINHA: Vou usar também o...(Fala-lhe no ouvido)

MADALENA: Ótimo! Você tem?

RITINHA: Não...

MADALENA: Eu te empresto...

RITINHA (humilde, comparando): Será que serve?

MADALENA: Tem algodão aí?

RITINHA: Deve ter...

MADALENA: Então serve...

(Ritinha sai animada. Fidélis volta do Reservado, desanimado, com a gravata na mão)

MADALENA: Já está de saída, pra estação, seu Fidélis?

FIDÉLIS: Me esqueci como se veste gravata...

MADALENA: Vem cá...Eu faço o laço.

FIDÉLIS: Você sabe?

MADALENA: Sei.

(Madalena aproxima-se de Fidélis e faz o nó. Fidélis começa a sentir a sua aproximação e tem ímpetos de colocar-lhe a mão, mas controla-se. Apenas descreve com as mãos uma

linha paralela ao seu corpo.

Madalena nada percebe)

FIDÉLIS: (galante): Você tem muita prática com homens, heim?

MADALENA: Meu pai usava gravata. (Fidélis vai dar a investida final, quando entra Felícia com a latinha na mão).

FIDÉLIS: Além de dar nó de gravata, o que mais você sabe fazer? (Olha Felícia)

FELÍCIA: Café...

(Fidélis vira e sai desajeitado, tonto, envergonhado).

FELÍCIA: Puxa...O Fidélis "tá" vermelho...

MADALENA: É o calor, dona Felícia...

FELÍCIA: Calor...(Contrariada) Aqui está seu café.

MADALENA: Antes eu vou embonecar a Ritinha.

FELÍCIA: Embonecar? Pra quê?

MADALENA: Pra fazer boa figura pro Zé Antônio.

FELÍCIA: Boa figura?...

MADALENA: Os homens adoram as mulheres vaidosas...(Suspira) Ainda mais soldado...

FELÍCIA: Não pense você que a Ritinha quer...Ora você...Ela e o Zé Antônio são primos...

MADALENA: E daí?

FELÍCIA: Daí? Primo com primo não dá certo...Os filhos nascem com duas cabeças!

MADALENA: Melhor...Mais inteligentes...

FELÍCIA: Acho melhor você não falar muito com Ritinha...

MADALENA: Mas Dona Felícia...

FELÍCIA: Pensa que eu não percebi suas olhadas compridas para o Querubim, na missa do domingo?

MADALENA: Foram olhadas, mas não compridas...

FELÍCIA: No "Intróito," ele foi olhar pra
você e tropeçou no tapete.

MADALENA: Foi na "Epístola"...

FELÍCIA: Madalena, você pegou o
sacristão pra Cristo!

MADALENA: Eu gosto dele, Dona
Felícia...

FELÍCIA: Gosta dele? E o que vai
fazer? Violentar o pobre
sacristão?

MADALENA: Credo, Dona Felícia...Eu
tenho boas intenções...Quero
pedir ele em casamento...

FELÍCIA: Casamento? Ah! Padre
Damião não vai consentir...

MADALENA: Ele é um bom rapaz...Um
"donzelo" puro...Eu preciso de um
homem assim...É a minha única
saída, Dona Felícia...Ah, a senhora
não compreende!...

(Na porta surge Zé Antônio. Farda,
mochila, uma medalha e um violão).

FELÍCIA: Zé Antônio!!!

ZÉ ANTÔNIO: Mamãeeeeee!!!

(Zé Antônio e Felícia abraçam-se.
Madalena sai rapidamente pela porta
do balcão, em busca de Ritinha).

FELÍCIA: Meu filho, que saudades!
(Beija-o) Uai...Onde está o resto
do pessoal?

ZÉ ANTÔNIO: Que pessoal?

FELÍCIA: Como é que você veio?

ZÉ ANTÔNIO: Pelo trem das quatro...

FELÍCIA: Mas ainda não são seis...

ZÉ ANTÔNIO: São cinco...Chegou
adiantado, hoje...

FELÍCIA: A cidade toda vai às seis
horas na estação esperar você...

ZÉ ANTÔNIO: Me esperar? Por que
isso?

FELÍCIA: Por causa da sua
medalha...Você não é um herói?

ZÉ ANTÔNIO: Herói?

FELÍCIA: Herói da revolução...Você

não foi promovido?

ZÉ ANTÔNIO: Fui...A cabo...

FELÍCIA: Então...O povo da cidade
está orgulhoso de você. Só se
fala que você prendeu um
general inimigo...

ZÉ ANTÔNIO: General?

FELÍCIA: Como você está bonito, meu
filho! Até cresceu, mas está
magro...A comida não era boa?

ZÉ ANTÔNIO: Então o povo vai todo
me esperar só porque eu prendi
um general inimigo...Vou chegar
de novo! Pego outro trem na
encruzilhada e desço na
estação!

(Entra Ritinha correndo. Está com outro
aspecto. Mas madura e forçadamente
sensual. Madalena assiste à cena da
porta).

RITINHA: Zé!

ZÉ ANTÔNIO: Ritinha! (Corre para
abraçá-la, mas pára respeitoso e
surpreso) Como vai?...(Dá-lhe a
mão) Como você cresceu!...

RITINHA: São os tempos...
(Madalena ri da porta e sai).

FELÍCIA: Vou mandar avisar o pessoal...
(Felícia sai afobada)

RITINHA: Que bom que você
chegou...

ZÉ ANTÔNIO: É...Bom sim...
(Pausa)

RITINHA: Como foi a...guerra?

ZÉ ANTÔNIO: Bem, obrigado...

RITINHA: Muitos tiros?

ZÉ ANTÔNIO: Não muitos...

RITINHA (Decepcionada): Não?...

ZÉ ANTÔNIO: Depois do primeiro tiro, o
fuzil esquentava, e não havia
ninguém que fizesse ele
funcionar. Pra enganar os
mineiros nós tocávamos
matraca...

RITINHA: Matraca?...De vender biju?

ZÉ ANTÔNIO: É...Ta-ta-ta-ta-ta-ta! E a mineirada enrustia...

RITINHA: Ah...E como é que você fez pra prender o marechal?

ZÉ ANTÔNIO: Marechal? Ah...o marechal! Pra prender o marechal, eu tive uma luta sangrenta...

RITINHA: Uma luta sangrenta?! Como foi?

ZÉ ANTÔNIO: Só de lembrar fico arrepiado! Foi uma luta como nunca houve... A maior da revolução!

RITINHA (empolgada): Você e ele...Só?...

ZÉ ANTÔNIO: Eu e ele numa campina deserta...Mais ninguém! Ele me atacou primeiro com a espada...Eu estava desarmado...A espada era comprida e afiada...(Começa a representar a luta) Pá! Pá! Pá! Bateu aqui e eu me desviei...Zum! O marechal tinha dois metros de altura...Tentava me acertar...Eu desviava...Zum! Zum! Ele babava e rosnava como um cachorro louco...Rrrr!Rrrr! E batia sem acertar... Uma hora, ele esticou a espada e correu a toda contra mim... Pa-ca-tá... Pa-ca-tá... Pa-ca-tá! Eu tirei o corpo e ele passou!

RITINHA: Olé!

ZÉ ANTÔNIO: Passou, eu agarrei ele pelo rabo, bem forte! Dei um safanão e a espada voou longe! Aí, nós dois, agarrados, começamos a lutar... e rolamos por uma escadaria...

RITINHA: Escadaria? Vocês "num tavam" numa campina deserta?

ZÉ ANTÔNIO: É...Pois é...Nós estávamos...Mas...Mas nós rolamos até a cidade, onde tinha uma escadaria...

RITINHA: Ahm...E depois?

ZÉ ANTÔNIO: Depois que eu bati bastante nele, levei até o nosso quartel e ele foi preso...

RITINHA: Aí te deram a medalha?...

ZÉ ANTÔNIO: Não...Mais tarde...

RITINHA: Você recebeu a medalha do Presidente da República?

ZÉ ANTÔNIO: Não, Ritinha...O Presidente era inimigo...Era contra ele a revolução...

RITINHA: E por quê?

ZÉ ANTÔNIO: Porque ele não queria governar com a Constituição...

RITINHA: E quem é essa senhora?

ZÉ ANTÔNIO: Que senhora?

RITINHA: Dona Constituição...

ZÉ ANTÔNIO: Não é senhora nenhuma...(Ri) Constituição são leis!

RITINHA: Então o presidente quer governar fora da lei?

ZÉ ANTÔNIO: Quer resolver tudo sozinho...O que ele achar que está certo, todo mundo tem que concordar...Agora que ele ganhou a revolução, faz o que bem entender...

RITINHA: E o violão?

ZÉ ANTÔNIO: Foi um sucesso, eu tocava sempre pros soldados! Eles disseram que depois da revolução eu devia tocar no rádio...

RITINHA: Que beleza! Imagina só, a gente, aqui, escutando você tocando no rádio, lá em São Paulo...

ZÉ ANTÔNIO: Logo que eu puder, volto pra lá...São Paulo é que é terra

boa...

RITINHA: Deve ser lindo! Que é que tem de melhor, lá?

ZÉ ANTÔNIO: Tudo lá é bom...

RITINHA: É gostoso andar de bonde?

ZÉ ANTÔNIO: É bom demais...

RITINHA: Você andou de elevador?

ZÉ ANTÔNIO: Andei...

RITINHA: Como é?

ZÉ ANTÔNIO: Sobe e desce...

RITINHA: Sobe e desce...E a gente sobe junto, não é?

ZÉ ANTÔNIO: Decerto...

RITINHA: Não dá medo?

ZÉ ANTÔNIO: Dá cócega na barriga, quando desce.

RITINHA: Cócega?...E quem faz a cócega?

ZÉ ANTÔNIO: Ora...é...é o elevador...

RITINHA: Como?

ZÉ ANTÔNIO: Descendo...

RITINHA: Que divertido! O elevador faz cócegas! Quer dizer que todo mundo desce dando risadas?!

ZÉ ANTÔNIO: Não...Ninguém ri...O povo lá é muito comportado, finge que não está sentindo nada...

RITINHA: E quem guia?

ZÉ ANTÔNIO: É o...Ele tem um nome...É...

RITINHA: Elevadorista?

ZÉ ANTÔNIO: Não...Não é...Deve ser nome estrangeiro...Me esqueci...

RITINHA: Ele deve ser muito alegre...

ZÉ ANTÔNIO: Por quê?

RITINHA: Sente cócega o dia inteiro...

ZÉ ANTÔNIO: Acostuma...Deve até ser triste...Fechado numa gaiola, pendurado o dia todo, num cabo de aço...Precisa ser corajoso.

RITINHA: Corajoso é você...(Olhar significativo)

(Ritinha e Zé Antônio estão próximos)

ZÉ ANTÔNIO: Puxa...Está calor, não?

RITINHA: É...

ZÉ ANTÔNIO: Você está bonita...Cresceu...

RITINHA: É o salto...

ZÉ ANTÔNIO: Não foi só na altura...mas...Hum...em tudo..

RITINHA: É a roupa...

ZÉ ANTÔNIO: Você fica muito bem assim...

RITINHA: Você também está muito alinhado...

(Um beijo é iminente. Felícia entra, quebrando a atmosfera).

FELÍCIA: Zé Antônio, meu filho!

(Afobada) Não fala com esse homem que vai entrar!

ZÉ ANTÔNIO: Que foi, mamãe?...

FELÍCIA: Ele é um homem que...

(Na porta, Teodoro Barbosa, o baiano).

TEODORO: Boa tarde...

ZÉ ANTÔNIO: (virando-se para o baiano): Boa tarde...

FELÍCIA: Meu Deus...

TEODORO: Me apresento. Teodoro

Barbosa, prefeito nomeado pelo governo legalista do Rio de Janeiro.

RITINHA: O baiano!

FELÍCIA: Não fale com ele, meu filho.

Toda a cidade está de "mal" com ele!

TEODORO: Minha vinda aqui tem um motivo todo especial. Em primeiro lugar, eu explico que o trem chegou antes da hora graças a mim.

ZÉ ANTÔNIO: Como?

TEODORO: Parou menos tempo em outras estações!

ZÉ ANTÔNIO: E por que isso?

TEODORO: Por que eu quis! Por que eu mandei!

ZÉ ANTÔNIO: Usou seu poder pra

estragar a festa?

TEODORO: Não. Eu precisava me encontrar com você antes dos outros!

ZÉ ANTÔNIO: Por quê?

FELÍCIA: Não liga pra ele...

RITINHA: Não fale com ele, Zé.

FELÍCIA: Vem ver o ovo de seu pai...

TEODORO: Quero falar a sós com você...

FELÍCIA: Se for galo, seu pai ganha e nós vamos fazer uma casa bonita...

TEODORO: O assunto é delicado.

FELÍCIA: Se for galinha, seu tio ganha e vai fazer uma criação de porcos...

ZÉ ANTÔNIO: Dá licença, mãe...Deixa eu falar com o homem.

FELÍCIA: Mas, meu filho...O povo pode aparecer. Eu mandei avisar que você tinha chegado...

RITINHA: Ninguém vai entender você falando com ele, Zé...

FELÍCIA: Vem ver o ovo, Zé...Não é um ovo diferente?

ZÉ ANTÔNIO: Dá licença, mãe! Dá licença, Ritinha!

(Felícia e Ritinha saem apreensivas)

TEODORO: Antes de mais nada, eu desejo felicitar você pelo grande heroísmo!

ZÉ ANTÔNIO: Vamos ao que interessa!

TEODORO: Como sua mãe disse, a cidade está toda organizada contra mim. Os funcionários da prefeitura estão de greve branca...Todos sentados em seus lugares, sem mexer um lápis...

ZÉ ANTÔNIO: São todos paulistas!

TEODORO: Este idealismo é muito bonito, mas não adianta, entende? O governo já tem plenos poderes em todo o

estado! Esta atitude infantil só poderá prejudicar esta cidade. Em outros lugares, os prefeitos interventores foram acatados com simpatia, até...

ZÉ ANTÔNIO: Falta de um chefe! Nós temos o Coronel Faustino, paulista de 400 anos!

TEODORO: O líder no momento não é o Coronel Faustino. É você! Tornou-se o herói do lugar por causa de sua promoção...

ZÉ ANTÔNIO: Ah, eu entendi...O senhor quer que eu convença o povo a trabalhar pela sua prefeitura...

TEODORO: Quero o bem da cidade! Os serviços públicos estão parados! Isso não pode continuar assim...Aproveite a festa e faça um discurso, dizendo que o Brasil é um só, que a bandeira é uma só, que foi horrível matar os próprios irmãos...Diga que a Bahia, Minas e São Paulo é a mesma coisa...Diga que o presidente é brasileiro e quer o bem de todos!

ZÉ ANTÔNIO: Não! Não posso!

TEODORO: Você é antes paulista que brasileiro?

ZÉ ANTÔNIO: Pergunta pra um cabeça chata da sua terra se ele gosta de paulista!

TEODORO: Baiano gosta de paulista calmo...Baiano é calmo...Paulista tem sangue quente...Pordá-cá-aquela-palha, revolução!

(Ouve-se uma banda que se aproxima. Vozerio popular. Ritinha e Felícia entram correndo)

FELÍCIA: O pessoal vem aí!

Descobriram que você chegou!

TEODORO: Tenha em mente as minhas palavras!

ZÉ ANTÔNIO (afobado): É melhor o senhor ir embora! O povo não vai entender sua presença aqui!

TEODORO: Tanto melhor! Alguém ficará do seu lado contra o Coronel, e será criada outra corrente!

FELÍCIA: Homem dos infernos! Escape por aqui! (Aponta a porta do balcão).

(Cresce o som da banda e do vozerio)

RITINHA: Vai embora!

(Teodoro inabalável. Aparecem na porta, em primeira linha: o Coronel, Eurico, Fidélis e o padre Damião. Gritavam vivas a Zé Antônio e a São Paulo. Ao fundo alguém segura uma bandeira paulista. Ao verem Baiano, param na porta. A um sinal do Coronel, a banda pára. O vozerio diminui aos poucos, até o silêncio total. Indignação geral).

ZÉ ANTÔNIO: Pai...

(Eugênio estático. Pausa longa)

TEODORO: Não precisam ficar bravos com o menino! Eu estou aqui de intrometido. Ele continua fiel a esta heróica cidade paulista!

(Agitação)

ZÉ ANTÔNIO: O trem chegou mais cedo...

UMA VOZ (fora): Viva Zé Antônio!

TODOS: Vivaaaa!

(Entra o cortejo que estava parado à porta. Eugênio abraça Zé Antônio, emocionado. Zé Antônio passa de braço em braço. Teodoro mantém-se afastado).

UMA VOZ (de fora): Fala o Coronel! (O Coronel chama Eurico num canto)

CORONEL: E o discurso?

EURICO (encolhe os ombros): Não sei...O Augusto deveria levar à

estação...

FIDÉLIS (ergue os braços): Silêncio! O Coronel vai saudar o grande soldado!

(Silêncio. O Coronel, em apuros, olha para Eurico, que vai até a porta)

CORONEL: Bom...(Pigarro) Eu passo a minha palavra ao Padre Damião, que representa a "fé, esperança e caridade" do povo de nossa terra!

(Palmas)

Pe. DAMIÃO: (Olhando para Madalena, que procura atrair sua atenção): Ah? Falar?...Eu...Eu agradeço a gentileza do Coronel. Minhas palavras serão simples, mas cheias de fé. Peço à nossa padroeira, santa Madalen...santa Rita, que guie nosso herói para outras vitórias bonitas como essa, no futuro...É só.

TODOS: Amém...

FELÍCIA (cutuca Zé Antônio): Beija a mão dele, filho...

(Zé Antônio obedece. O Coronel o imita demagogicamente)

FIDÉLIS: Fala agora o Coronel Faustino! (Coronel olha para Eurico, que volta da porta fazendo sinal de que Augusto não apareceu)

CORONEL: Bom...(Atrapalhado) (Entra Querubim com a tuba)

QUERUBIM: Zé Antônio!

(Zé Antônio e Querubim abraçam-se. Querubim atrapalha-se com a tuba)

CORONEL: O abraço de Querubim representa a homenagem da cultura artística de nossa cidade!

(Palmas. Querubim feliz)

FIDÉLIS: Fala, Coronel!

(Coronel olha para Eurico que não tem novidades)

CORONEL: Mas ninguém quer saudar o herói da cidade?

TEODORO: Eu!

(Alvorço. Eurico une-se ao Coronel e confabulam)

TEODORO: Povo dessa cidade! Quero aproveitar este momento de reunião, onde todos prestam uma merecida homenagem a este jovem de NOSSA terra, para esclarecer certas dúvidas que existem em relação ao meu mandato de prefeito.

VOZ (de fora): FORA, JAGUNÇO!!!
(Vaias)

TEODORO: Quando assumi essa prefeitura...

(Depois de confabular com o Coronel, Eurico adianta-se e estende os braços)

EURICO: Povo de nossa terra! Chegou o momento de vos falar o prefeito dos vossos corações!
(Palmas)

TEODORO (insiste): Quando assumi esta prefeitura...

(O Coronel começa a falar, tentando encobrir a voz de Teodoro. Os dois falam juntamente algumas frases).

CORONEL: Povo de minha terra!

TEODORO (em continuação): ...Como interventor das forças legalistas do Governo Central da República, meu intuito era mostrar que esse imenso Brasil...(Esmorece a voz e cala-se)

CORONEL: Quando a 9 de julho a revolução estourou, convocando o povo paulista para a luta, eu sabia que, em nossa progressista cidade, os braços se levantariam! Sois um bravo, grande soldado José Antônio! Sois o orgulho de todos nós! E nesse momento em

que volta para o lar, encontra neste patriota (bate no peito) a promessa e a certeza de que esta cidade não se entregará JAMAIS ao inimigo invasor!
(Aponta Teodoro ostensivamente, com o dedo indicador).

(A assistência explode em prolongados aplausos)

EURICO: Muito bem!

VOZ: Viva o Coronel!

TODOS: Vivaaaa!

CORONEL: Obrigado! Obrigado!
(Entra Augusto, correndo, com o discurso. Uma papelada abundante que vai parar às mãos do Coronel).

CORONEL: Viva o grande soldado paulista!

TODOS: Vivaaaa!

(O Coronel olha feio para Augusto, ao mesmo tempo em que pica a papelada do discurso em vários pedacinhos pequenos, atirando para o ar, como se fosse confete)

AUGUSTO: Meu discurso...

EURICO: Depois das sábias, inspiradas e corajosas palavras do Coronel, vamos ouvir a palavra da mãe! Dona Felícia!

FELÍCIA: Eu...eu...não sei dizer nada...Eu sou só mãe...

EUGÊNIO: Diga alguma coisa, Felícia...

FELÍCIA: Eu...eu abraço...(esboça o choro) meu filho, pedindo a Deus (chora) que lhe dê todas as coisas boas...(não agüenta mais)...deste mundo...

(Felícia abraça Zé Antônio em prantos).

ZÉ ANTÔNIO: Torneirinha de choro...
(Beija-a)

FELÍCIA (para Ritinha): Eu não disse que não agüentava?

CORONEL: Agora é a vez do pai!

EUGÊNIO: Que posso dizer depois de tudo isso? Estou muito emocionado e quero fazer tudo para dar ao Zé instrução que eu nunca tive, educação que eu sempre tive, e conforto. Aliás, para isso eu até já tenho tudo pensado. Está dependendo apenas de uma coisa...

CORONEL: Do ovo!

EUGÊNIO: Isso! Todo mundo da cidade já conhece a aposta que eu e Fidélis fizemos sobre este ovo...

AUGUSTO: Isso tem cara de galo!

EURICO: Isso me cheira a galinha!

AUGUSTO: Aposto que é galo!

EURICO: Aposto como é galinha!

AUGUSTO: Que está valendo?

EURICO: Quer sua mula pelo meu baio?

CORONEL: Nada disso! Apostem a presidência da junta governativa, pra quando expulsarmos o inimigo dessa cidade!

AUGUSTO: Mas a presidência da junta é uma coisa muito séria!

CORONEL: Este ovo também é muito sério...

AUGUSTO: Eu galo, você galinha!

EURICO: Certo!

AUGUSTO: Está apostado! (O clássico aperto de mãos)

CORONEL (pegando o ovo): Quem quer apostar comigo? Eu acho que é galo!

(Pausa)

CORONEL: Padre?

Pe. DAMIÃO: Eu também acho que é galo...

CORONEL: Então eu acho que é galinha...

Pe. DAMIÃO: Nesse caso eu acho que é peru...

ONOFRE (surgindo de trás): Deus o

ouça, padre...

CORONEL: Eugênio!

EUGÊNIO: Já apostei, Coronel...

CORONEL: Zé Antônio?

ZÉ ANTÔNIO (distráido com Madalena): Heim?

CORONEL: É galo ou galinha?

ZÉ ANTÔNIO: Quem?...

CORONEL (exibe o ovo): Isso...

ZÉ ANTÔNIO: É ovo...

CORONEL: Ah...Ninguém aposta comigo? Nessa terra ninguém é contra mim?

TEODORO: Este ovo é uma galinha! (Vozerio. Expectativa. Pausa. O Coronel em "xeque")

CORONEL: Este ovo é um galo!!!

TEODORO: Que está valendo? O recibo dos aluguéis atrasados?

CORONEL: Contra o quê?

TEODORO: Contra a...prefeitura! (Alvorço)

CORONEL: Se eu ganhar, o senhor me devolve a prefeitura?

TEODORO: Farei sua indicação junto ao governo federal!

CORONEL: Sério?

TEODORO: Teodoro Barbosa só tem uma palavra!

CORONEL: A prefeitura pelos recibos?

TEODORO: Está combinado! Vamos firmar isso por escrito!

(Movimento para sair. Onofre salta para o primeiro plano).

ONOFRE: Um momento, senhores! Todo grande acontecimento nacional deve estar obrigatoriamente acompanhado de três coisas importantes: discursos, bênção de sacerdote e retrato para divulgação. Discursos nós já tivemos bastante. Queira o ilustre sacerdote passar à cerimônia da bênção...

Pe. DAMIÃO: Benzer o ovo? Essa não...

CORONEL: Ora, padre, este é um ato tão importante como qualquer inauguração...

Pe. DAMIÃO: Mas...um ovo?

CORONEL: O senhor não benze pontes, casas e barco novo?

ONOFRE: Tenha a bondade, padre... (O Padre Damião é levado para o primeiro plano. O ovo nas mãos do Coronel. Onofre se afasta. Todos se ajoelham)

Pe. DAMIÃO (sem convicção, com gesto típico): Benedictum ovolum apostae, per omnia secula, seculorem. Amem...

(Onofre surge com uma velha máquina fotográfica com "flash" de magnésio)

ONOFRE: Um sorriso para o passarinho! (Todos sorriem, compondo uma cena estática. Explode o magnésio. Fumaça envolve todo o ambiente. Pano).

FIM DO PRIMEIRO ATO.

SEGUNDO ATO

3º QUADRO

Fim de tarde, dias depois. No local do ovo, enfeites e tabuletas com dísticos e propagandas alusivas. Há uma sensível melhoria no ambiente. O Coronel Faustino trabalha no reservado do restaurante. Uma tabuleta marca "Faltam 10 dias", próxima ao balaio onde a galinha choca maternalmente. Na sala, Querubim faz uma serenata de tuba a Madalena. Onofre sentado numa mesa com sua mala. Madalena bate palmas

quando Querubim termina.

MADALENA: Muito bem! Eu adoro homens com fôlego!

QUERUBIM: Fica um pouco melhor, quando a banda me acompanha...

MADALENA: Você é um grande artista... Tem muito talento...

ONOFRE: Nunca deu nenhum concerto?

QUERUBIM: Nem todos compreendem a tuba... Nós, artistas, somos vítimas... Qualquer mascate sem vergonha ganha muito mais...

MADALENA: Você querendo, pode ganhar muito dinheiro!

QUERUBIM: Como?

MADALENA: Trabalhando...

QUERUBIM: Eu trabalho, uai...

MADALENA: Este seu emprego de recadeiro não dá nada...

QUERUBIM: Sou sacristão da igreja, também...

MADALENA: Outra profissão mal remunerada... Há muitos hereges hoje em dia...

QUERUBIM: Que profissão dá dinheiro, então?

MADALENA: Emprego público?

QUERUBIM: Como arrumar um?

MADALENA: Com o Coronel...

QUERUBIM: Ele nem é mais prefeito!...

MADALENA: Se o ovo for galo, ele volta a ser... Você podia falar com ele. Com dinheiro, você pode fazer muitas coisas... Pode até casar...

QUERUBIM: E quem pode querer uma coisa dessas?

MADALENA: Uma mulher que seja solteira e só no mundo...

QUERUBIM: Você é solteira?

MADALENA: Sou...

QUERUBIM: Você é só no mundo?

MADALENA: Sou...

(Pausa)

QUERUBIM: Coincidência...

MADALENA: É...

QUERUBIM: Será que o coronel me
arranja um emprego?

MADALENA: Não custa tentar...Ele está
ali, trabalhando, sozinho...

QUERUBIM: Será que ele me atende?

MADALENA: Coragem, homem! Pra
casar é preciso ter muita
coragem!

QUERUBIM: Toda vez que eu vou
resolver alguma coisa, fico com
dor de barriga...

(Querubim aproxima-se da porta do
reservado)

MADALENA: Seja decidido...Conte até
três e pule dentro!

QUERUBIM: Um dois e...(Entra no
reservado)

CORONEL: Oh, Querubim!

QUERUBIM: Três!

CORONEL: Heim?

QUERUBIM: Nada...

CORONEL: Algum recado?

QUERUBIM: Não...Dessa vez eu falo por
mim mesmo...

CORONEL: Pode falar...

(Na sala, Onofre tenta um flerte com
Madalena, sem conseguir nada)

QUERUBIM: Eu preciso de um
emprego, Coronel...

CORONEL: Outro?

QUERUBIM: Pois é...Se não for muita
coincidência, eu vou casar...

CORONEL: Casar? (Ri) Com a Dona
Arlinda?

QUERUBIM: Errou...

CORONEL: Então é com a Greta
Garbo?

QUERUBIM: Com a Madalena...

CORONEL: Madalena? A moça
do...do Hotel?

QUERUBIM: É, sim, senhor...O senhor
tem alguma coisa contra ela?

CORONEL: Eu?...Não...Não...Pelo
contrário...Até que eu acho ela
uma moça... boazinha...Você já
falou com o Padre Damião sobre
isso?

QUERUBIM: Ainda não...Eu fiquei
sabendo que ia me casar, agora
pouco...

CORONEL: Precisa conversar com o
padre...Afinal é seu padrinho...

QUERUBIM: Ele está sempre de acordo
com os casamentos...

CORONEL: Quando lucra, mas nesse
caso...Quero dizer...Ahm...

QUERUBIM: Fala sempre no catecismo:
"crescei e multiplicai-vos"!
Chegou a minha vez de
multiplicar, não é?

CORONEL: Você sabe tabuada,
Querubim?

QUERUBIM (hesitante): Não,
senhor...Mas eu aprendo...

CORONEL: Ela te ensina...

QUERUBIM: Mas o senhor não tem um
empreguinho bom pra mim, não?

CORONEL: Fora da Prefeitura eu não
posso nomear ninguém...É o que
mais me aborrece nessa
situação... Bem que eu gostava
de nomear amigos...

QUERUBIM: E se o ovo for galo e o
senhor voltar?

CORONEL: Aí eu posso ver um...Sei de
um funcionário que faleceu a
semana passada...

QUERUBIM: Quem?

CORONEL: O coveiro...

QUERUBIM: Ah...o coveiro...É o único
lugar...livre?

CORONEL: Acho que é...Não quer
esse?

QUERUBIM (indeciso): Coveiro...Cuida

dos enterros, não é?

CORONEL: Dos enterros, dos cadáveres, dos ossos dos mortos, coleciona a caveira dos antigos nas gavetas do necrotério...

QUERUBIM: É...Muito interessante...Acho que eu tenho muito jeito pra isso...

CORONEL: Então o cargo é seu...Ou melhor...Antes você tem que passar por uma provinha...

QUERUBIM: Provinha? Sei ler e escrever...

CORONEL: Nada disso...É uma prova que faço somente com os candidatos a coveiro...Para evitar empregar pessoas sem aptidão.

QUERUBIM: E como é a prova?

CORONEL: É simples...Você deve ir até o cemitério e trazer um osso do depósito...

QUERUBIM: Agora?

CORONEL: De noite...

QUERUBIM: Sozinho?

CORONEL: Com sua alma...

QUERUBIM: Com minha alma...Não posso levar mais ninguém?

CORONEL: Não.

(Pausa)

QUERUBIM: Provinha dura, heim?

CORONEL: Desistiu?

QUERUBIM: Não, senhor...Onde está a chave?

CORONEL: Pode pular o muro...

QUERUBIM: Está bem...Muito obrigado...

CORONEL: Disponha...Você tem em mim um amigo...;

(Querubim deixa o reservado, o Coronel dá uma gargalhada).

MADALENA: Conseguiu?

QUERUBIM (Pegando a tuba): Como é difícil casar...

(Madalena segue Querubim, que sai).

ONOFRE: Enfim só! (Pega a mala e entra no reservado) Com licença, Coronel?

CORONEL: Que deseja?

ONOFRE: Sou um enviado da Providência!

CORONEL: Um enviado?...Pra quê?

ONOFRE: Para ajudá-lo, Coronel! Ajudá-lo!

CORONEL: Me ajudar, como?

ONOFRE: Sei que o seu prestígio e sua honra política estão em jogo! Que seu problema será resolvido pela forma biológica que tomar a clara e a gema daquele ovo, ali...

CORONEL (assustado): E daí?

ONOFRE (com ares de importante, como se tivesse decorado): Existem duas teorias sobre a vida do homem: a teoria do "passivismo", que define a tese de que o homem submete-se à natureza, e a teoria do "ativismo", segundo a qual o homem domina a natureza...

CORONEL (impressionado): Sei...

ONOFRE (ri): Oh!...Esqueci de apresentar-me!

CORONEL: Ora, eu tenho visto você por aí..

ONOFRE: Chamo-me Onofre Von Heins, filho do famoso cientista Alemão Fritz Von Heins, que escapou para o Brasil durante a guerra...Conhece?

CORONEL: Não...

ONOFRE: Não faz mal...Meu pai dedicou sua vida ao estudo da sexologia, ou seja: a causa que faz os animais serem machos ou fêmeas... Genética...Entende, ahm?

CORONEL (boquiaberto): Ah...

ONOFRE: Mas, voltando ao nosso ponto de partida...Sobre o tal ativismo e o tal passivismo...Qual dessas teorias o senhor apóia?

CORONEL: Eu?...Eu...Bom...Alguma coisa de uma, alguma coisa da outra...

ONOFRE: Maravilhosa dialética! Nem 8 nem 88! Mas sabe o senhor, homem culto, dialético, que em certos pontos a ciência já dominou a natureza. E é sobre esse ponto que eu quero lhe falar. Fuma?

CORONEL: Sim...Sim...

ONOFRE: Então, por favor, me arruma um cigarro...

CORONEL: Pois não...Pois não...(Dá um cigarro e fogo a Onofre)

ONOFRE: O senhor já ouviu falar em ovoscopia?

CORONEL: Não sei...Parece que sim...

ONOFRE: A ovoscopia é uma parte da ovologia, que por sua vez é um ramo da sexologia, capítulo da biologia. Pela ovoscopia é possível prever se um ovo está fecundado ou não. Olhamos um ovo contra a luz...

CORONEL (animadíssimo): Ah! Conheço!

ONOFRE: Mas agora vou lhe revelar uma coisa: (olha para todos os lados e fala baixo perto do Coronel) eu sou capaz de prever o sexo do pinto que vai nascer...

CORONEL: Como?

ONOFRE: Faz parte de um estudo que meu pai fez e que ainda é segredo...

CORONEL: Segredo?

ONOFRE: Internacional! Por feliz coincidência, vim parar aqui. Assisti a tudo, meditei, ponderei e

resolvi apresentar-me ao senhor.

CORONEL: E por que a mim?

ONOFRE: O senhor ainda pergunta? E meus sentimentos patrióticos para com São Paulo?

CORONEL (animado): O senhor esteve na revolução?

ONOFRE: Infelizmente meu defeito físico não permitiu.

CORONEL: Defeito físico? Não vejo...

ONOFRE: Não se nota mesmo, mas eu sou cego do olho direito.

CORONEL: Ah...Mas sobre o ovo...Podia me dizer se aquele ali é galo ou galinha?

(Onofre acena positivamente com a cabeça)

CORONEL (excitado): Então vá lá e veja...

ONOFRE: Já vi...

CORONEL: Quando?

ONOFRE: Ontem. Não havia ninguém na sala.

CORONEL (nervoso): Meu Deus...E daí? O que é?

ONOFRE: Infelizmente é...galinha...

CORONEL: Ga...ga...galinha? (Quase desmaia de desespero)

ONOFRE: Foi por isso que o procurei...

CORONEL: Você tem certeza?

ONOFRE: Células cromáticas flutuando na clara não negam...

CORONEL: E agora?

ONOFRE: Só há uma solução: trocar o ovo!

CORONEL: Trocar o ovo?

ONOFRE: Trocar por um que seja galo. Eu tive o trabalho de selecionar alguns com 11 dias, que é o tempo do ovo-aposta. (Abre a mala e tira uma caixa) Poderei escolher entre esses ovos um galo!

CORONEL: E eu trocaria escondido?

ONOFRE: Isso!

CORONEL: Seria desonesto!

ONOFRE: Seria o quê?

CORONEL: Desonesto...Jogo é jogo...

ONOFRE: Então vai perder?

CORONEL: Deus escolheu...

ONOFRE: Deus me enviou aqui para ajudá-lo!

CORONEL: Minha consciência vai pesar...

(Onofre procura solução)

ONOFRE: Faça isso por nós, pela cidade, por São Paulo, pelo Brasil!

CORONEL: Por São Paulo...

ONOFRE: M.M.D.C ! Imite o sacrifício desses quatro valentes! O povo dessa cidade merece o sacrifício de sua consciência!

CORONEL: É, mas...

ONOFRE: Mamãe dizia sempre: Bem-aventurados os homens espertos, porque deles é o reino da terra! O senhor não quer voltar a ser rei?

CORONEL: Eu vou resolver e depois...

ONOFRE: Depois? Pretendo ir embora amanhã...(Pega um ovo da sua caixa e o examina contra a luz).

CORONEL: Está vendo?

ONOFRE: Claro! Este ovo é...

CORONEL: Como pode ver com a vista cega?

ONOFRE (quase derruba o ovo): Vista cega?

CORONEL: A direita!

ONOFRE: Não, é a esquerda!

CORONEL: Você me disse a direita!

ONOFRE: Por certo, referia-me a sua direita. Para facilitar a sua compreensão... Sua direita, minha esquerda...(Olha outra vez) Este ovo é um galo!

CORONEL: Olhe bem!

ONOFRE: Sem dúvida, é galo...E que

belo galo! Vai ser um grande cantador!

CORONEL: Está bem. Eu fico com ele. Mas como faço pra trocar? Se alguém me pega com a mão no balaio...

ONOFRE (insinuante): A noite é mais escura que o dia...

CORONEL: E a luz elétrica?

ONOFRE: Corte!

CORONEL: Cortar a luz?

ONOFRE: Escorregue um niquelzinho para o guarda da casa de força que ele fará o serviço.

CORONEL: A luz se apaga e eu...

ONOFRE: ...ganha a prefeitura! Que tal?

CORONEL: É uma boa idéia...Coloque o ovo na gaveta...(Onofre coloca) Muito obrigado...Você é um paulista de coração...

ONOFRE: Eu estou fazendo isso por dois motivos, Coronel. Um é ajudar a causa de São Paulo, naturalmente. Outro é para tentar recuperar minha vista direita, sua direita, com uma operação no Rio de Janeiro.

CORONEL: Entendo...Quanto quer pelo ovo?

ONOFRE: Pelo ovo, nada! Quero que o senhor me pague um salário para ser o sentinela do ovo, durante a noite. Não deixarei ninguém tocar nele, a não ser o senhor, é claro...Quando a luz apagar.

CORONEL: Sentinela...Quanto quer ganhar?

ONOFRE: Duzentos mil réis.

CORONEL: É muito!

ONOFRE: Para o senhor, cento e oitenta.

CORONEL (pagando): Tome cento e

sessenta. O ovo mais caro do mundo! (Onofre embolsa e vai saindo) Escuta...Se você vai ser o sentinela, por que não faz a troca do ovo você mesmo?

(Pausa)

ONOFRE: Não posso...Tenho fobia por galinha...Desde criança...Não posso nem me aproximar de uma...

CORONEL: Coisa esquisita...

ONOFRE: Meu pobre olho! Bicada de galinha...

CORONEL: Ah!...

(Onofre passa para a sala. Entra Eugênio)

ONOFRE: Seu Eugênio! Vem cá...

EUGÊNIO: Que é

ONOFRE: Quanto o senhor me dá por um ovo que eu garanto que é galo?

EUGÊNIO: Uai...Vamos ver...

ONOFRE (mostrando o ovo): O senhor pode trocar às escondidas. Eu vou dar um jeito de mandar cortar a luz hoje a noite.

EUGÊNIO: Quanto o senhor quer?

ONOFRE: Pro senhor que é amigo, cem mil réis.

(Eugênio pega o ovo. Fidélis entra da rua com um canudo de papelão).

EUGÊNIO (guardando o ovo no bolso): Depois a gente fala.

FIDÉLIS: Veja só! (Abre o canudo)

EUGÊNIO: Que é isso?

FIDÉLIS: Um retrato do presidente da República. O baiano está dando de graça, pro pessoal que apostou em galinha.

EUGÊNIO: Pra que você quer isso?

FIDÉLIS: Pra pendurar na parede...

EUGÊNIO: Aqui no bar, não. Joga isso fora!

FIDÉLIS: Eu não! Vou pendurar no meu

quarto! Eu apostei em galinha...uai... (Vai guardar o retrato no balcão)

(Entra Felícia para arrumar a mesa, trazendo toalhas novas)

FELÍCIA: Vocês sabem onde estão Ritinha e Zé Antônio ?

EUGÊNIO: Saíram de bicicleta. O Zé levou ela no cano...

FIDÉLIS: No cano? Isso não me cheira a flor...

EUGÊNIO: Opa! Toalhas novas!

FIDÉLIS: Eu achei que a gente devia esperar um pouco mais pra comprar essas toalhas, mas Felícia teimou...

EUGÊNIO: Vamos gastando por conta da herança...

FIDÉLIS: Fui no cartório falar com o seu Augusto...A abertura do testamento ainda vai levar uns dias. Parece que uma das testemunhas que assinou o documento é analfabeta.

(Entram Zé Antônio e Ritinha)

RITINHA: Chegamos na hora da janta! (O pessoal senta-se à mesa. Felícia serve)

EUGÊNIO: Onde vocês foram?

RITINHA: Chegamos até perto da estrada nova.

FIDÉLIS: Naquele matagal?

ZÉ ANTÔNIO: Não fosse a revolução, a estrada já estava passando aqui.

EUGÊNIO: Agora vai levar uns dez anos pra chegar. O governo federal vai esquecer de São Paulo.

FIDÉLIS: Que nada! Logo, logo, a estrada aponta aí...Ainda ontem tinha um "povo" do governo na prefeitura, conversando com o baiano...Uns tenentes do exército...

EUGÊNIO: Tenentes? Isso é mau sinal...

FIDÉLIS: Por quê?

EUGÊNIO: Onde as coisas vão mal, o governo manda a tenentada...

FELÍCIA: Vão comendo o feijão e a farinha, enquanto eu busco a carne. (Vai saindo)

ZÉ ANTÔNIO: Que hora a senhora vai comer, mãe?

FELÍCIA: Mais tarde...Preciso servir vocês.

ZÉ ANTÔNIO: Servir nós...A senhora não é empregada. Bota a bôia em cima da mesa e cada um que se arrume. Senta aqui, senta!

FELÍCIA: Não, meu filho...Depois... (Sai).

ZÉ ANTÔNIO: Depois...Essa minha mãe...Queria só ver se a gente fosse comer em um restaurante de São Paulo. Era capaz dela querer ir buscar a comida na cozinha...

FIDÉLIS: Ninguém daqui quer ir pra São Paulo!

ZÉ ANTÔNIO: Isso é não querer progredir...Lá é o melhor lugar do mundo. Quem tem valor, tem mesmo...

EUGÊNIO: Sei de muita gente que voltou de lá desiludida...

ZÉ ANTÔNIO: Caipiras! Vejam o meu caso...Enquanto fiquei tocando viola pra chamar as galinhas, pra comer, não ganhei nada. Depois que toquei pros entendidos lá do quartel, até lugar no rádio quiseram me arrumar.

FIDÉLIS: Eu é que não me acostumo com aquela bagunça...Terra garoenta...

ZÉ ANTÔNIO: Pelo menos não tem pó...(Felícia volta) Senta aqui, mãe!

EUGÊNIO (bravo): Deixa ela, Zé!

ZÉ ANTÔNIO: O senhor "tá" muito mal acostumado, pai...A mãe não é sua empregada, não...

FELÍCIA: Meu filho! Não fala assim com seu pai!.

ZÉ ANTÔNIO: Em São Paulo, as mulheres são bem tratadas, e comem junto com o marido e com os filhos na mesa. (Para Fidélis) E mastigam com a boca fechada, tio!

FIDÉLIS: Eu engulo do mesmo jeito!

EUGÊNIO (levantando-se): Quem manda na casa ainda sou eu! Seu moleque atrevido! Não compreende o sacrifício que a gente faz pra te dar educação!

ZÉ ANTÔNIO: Que educação? Eu é que ensino vocês!

EUGÊNIO: Malcriado! Sem educação! Você devia levar uma surra de cinta!

(Eugênio sai para a rua. Onofre sai atrás)

ONOFRE: Tenho cintas de três tipos: couro, camurça e crocodilo! Couro dói mais...

(Sai)

FELÍCIA: Coitado do seu pai, Zé Antônio...Nem acabou de comer...

FIDÉLIS: Se você fosse meu filho, eu te ensinava!

(Fidélis sai carregando seu prato. Felícia também sai, chorando, levando o prato de Eugênio)

RITINHA: Por que você brigou, Zé?

ZÉ ANTÔNIO: Não agüento mais essa gente, essa cidade...Vou voltar para São Paulo!

RITINHA: Não, Zé!

ZÉ ANTÔNIO: Se eu ficar aqui, vou acabar brigando todo dia...Eles não me entendem...

RITINHA: Eles são velhos, Zé...A gente precisa ter paciência...

ZÉ ANTÔNIO: Eu nasci pra ser soldado...Vou assentar praça no exército...

RITINHA: Você nasceu pra tocar violão.

ZÉ ANTÔNIO: Isso não dá camisa.

RITINHA: Mas é bonito.

ZÉ ANTÔNIO: O que vale nessa vida é o "cobre". E hoje em dia, quem quiser vencer fácil na vida, e ser respeitado, vai pro exército. Em toda parte, quando fala um militar, o civil abaixa a orelha...

RITINHA: Eu gosto mais de cantor de rádio...

ZÉ ANTÔNIO: Hoje à noite, pego o trem das onze, e amanhã cedo estou acordando na estação da Luz!

RITINHA (novelesca): Você não pode fazer isso depois de tudo que houve entre nós!

ZÉ ANTÔNIO: Preciso me ajeitar na vida!

RITINHA: Me leva com você!

ZÉ ANTÔNIO: Não posso...Mal me agüento sozinho...

RITINHA (esboça choro): Você me enganou!

ZÉ ANTÔNIO: Não, Ritinha...

RITINHA: Você falou que gostava de mim...

ZÉ ANTÔNIO: Um dia eu mando te buscar...

RITINHA: Mentira! Mentira! Você é igual a todos os homens! Nunca mais vai pensar em mim!...

(Ritinha explode num choro e sai correndo)

ZÉ ANTÔNIO: Ritinha!

(Zé Antônio dirige-se para a porta da rua, encontrando-se com Augusto,

que acaba de entrar. Onofre segue Augusto).

AUGUSTO: Boa noite, Zé Antônio...
(Zé Antônio sai sem responder)

AUGUSTO: Esse menino não era assim...Vestiu uma farda, é isso: ficou convencido...

ONOFRE: E a minha proposta?

AUGUSTO: Pssiu...(Olhando para todos os lados, medroso) Onde está o ovo?

ONOFRE: Na mala...(Vai buscar).

AUGUSTO: Posso confiar, mesmo?

ONOFRE: O senhor duvida de meus estudos de ovologia?

AUGUSTO: Não...(Pega o ovo) Quanto é?

ONOFRE: Cento e cinquenta mil réis.

AUGUSTO: Que absurdo!

ONOFRE: Serviço completo: corto a luz, protejo sua entrada e garanto que é galo!

AUGUSTO: Tome. (Paga) Não diga nada ao Coronel. Ele pode achar desonesto.

(Augusto entra no reservado e encontra o Coronel dormindo, sentado. Onofre senta-se numa mesa).

AUGUSTO: Coronel?

CORONEL: (acordando assustado): Ahm?...
(Olha Augusto e, para disfarçar, continua escrevendo com certo automatismo)

AUGUSTO: Cochilando?

CORONEL: Eu? Não, imagina! Eu estava...meditando! Sobre os destinos de nossa cidade! Como é? O povo continua apostando?

AUGUSTO: Cada vez mais...A Madalena apostou agora pouco com o Nêne alfaiate e apostou em galinha...

CORONEL: Madalena galinha...Era de

se esperar...

AUGUSTO: Padre Damião apostou com Dona Arlinda benzedeira...Apostou em galo...

CORONEL: Padre Damião não me falha! Quer dizer que os católicos estão do nosso lado...

AUGUSTO: Em compensação, perdemos os macumbeiros...E como dá macumbeiro nessa cidade, Coronel...O baiano foi esperto. Dividiu a cidade em dois partidos: galos e galinhas...Quem apostou em galo está conosco, quem apostou em galinha está do lado dos legalistas...

CORONEL: Até o Eurico?

AUGUSTO: Não sei, não, Coronel...Ele apostou em galinha...Daí...
(Eurico entra na sala. Onofre aproxima-se dele e tenta vender-lhe um ovo)

CORONEL: Desembucha logo!

AUGUSTO: Dizem por aí que ele foi visto entrando na casa do baiano, ontem à noite...

CORONEL: Logo o Eurico! É difícil de acreditar...

AUGUSTO: Ele sempre foi muito oportunista, Coronel...
(Eurico embolsa o ovo e paga ao Onofre. Vai até o reservado)

EURICO: Com licença, senhores...

CORONEL: Oh, Eurico! Entre!

EURICO: Tenho uma carta para o senhor.

CORONEL: De quem?

EURICO: Do Prefeito! (Entrega a carta).

AUGUSTO: Do baiano?

CORONEL (abre a carta e lê):
Considerando que, por todo território paulista, a rendição ao governo central da república é

fato indiscutível, venho pedir a Vossa Senhoria que apóie tais manifestações de reconhecimento e retire desse lugar público a bandeira revolucionária e antipatriótica..

AUGUSTO (interrompendo com um grito heróico): NUNCA!
(Protegendo a bandeira com o próprio corpo) Daqui ela não sairá!

EURICO: Os legalistas têm o direito de exigir isso!

CORONEL: Se eles quiserem, que venham arrancar com as próprias mãos.

EURICO: Eles não querem usar a força! Essa rebeldia só poderá trazer complicações para o seu lado...(Emenda)...nosso lado!

CORONEL: O lado do galo, não é?

EURICO: Galo?

CORONEL: O lado meu e do Augusto! porque o seu é outro: o da galinha!

EURICO: Já que tocaram no assunto, confesso que estou neutro nessas questões!

AUGUSTO: Neutro, agora!

EURICO: Por que continuar a formar essa panelinha contra o governo?

CORONEL: Somos paulistas!

EURICO: Vocês são cabeçudos! Agora não adianta nada. O governo está com plenos poderes em todo o território nacional!

CORONEL: Você fala como o baiano!

EURICO: Mais cedo ou mais tarde, todo mundo vai acabar falando como ele!

AUGUSTO: Eu e o Coronel, nunca!
Você ficou do lado dos "galinhas" porque lá é mais fácil para você

alcançar a prefeitura! Quando o baiano convidou você para fazer parte do lado dele, eu também fui convidado!

CORONEL: O quê?

AUGUSTO: Acontece, Eurico, que eu não caí em tentação! Fiquei firme e fiel ao Coronel, e você...

CORONEL: Do que falam? Não estou entendendo nada...

AUGUSTO: O baiano prometeu a mim e ao Eurico...

EURICO (bruscamente): Eu não devo satisfação a ninguém!(Sai pisando duro)

CORONEL: Continue...

AUGUSTO: O baiano poderá, a qualquer momento, receber ordens para nomear um novo prefeito e ir para outra cidade. Convidou a mim e ao Eurico para fazer parte do lado dele, com promessa de nomear um de nós, caso você perdesse a aposta.

CORONEL: E o Eurico quer ser prefeito?

AUGUSTO: Quem não quer?

CORONEL: Você também quer?

AUGUSTO: Decerto...

CORONEL: Então você não acha que o prefeito deve continuar sendo eu? Não acha que eu sou um homem capaz?

AUGUSTO: É, Coronel...Mas todos nós queremos progredir nessa vida...

CORONEL: Progredir! Progredir! Todos querem progredir! Não pensam na cidade!

AUGUSTO: Eu me mantive fiel, Coronel...

CORONEL (irônico): Muito obrigado...

AUGUSTO: O senhor está aborrecido?

CORONEL (magoado): Não...Vou

embora...Hoje já trabalhei demais por essa gente...

AUGUSTO: Não fique preocupado, Coronel...Nós ganharemos a aposta! Eu lhe garanto...

(Os dois saem do reservado e passam pela sala)

CORONEL (fixando Onofre): Eu também acho...

(O Coronel e Augusto saem fazendo leve sinal para Onofre)

ONOFRE (contando dinheiro):
100,200,250,300,350...

(Entra Fidélis pé ante pé, aproxima-se de Onofre)

FIDÉLIS: Aqui está o dinheiro...(Entrega)

ONOFRE: Aqui está sua galinha...(Entrega o ovo)

FIDÉLIS (animado, saindo com o ovo):
A galinha mais galinha que existe!

ONOFRE (contando dinheiro):
400,450,500,550. (Animado)
Atenção, Onofre, esteja alerta, que muitos ovos vão rolar!!

FIM DO 3º. QUADRO

4º QUADRO

Sem solução de continuidade com o quadro anterior. A luz se apaga, ficando o ambiente totalmente em trevas. Após alguns segundos de silêncio, em que se ouve apenas o cantar de grilos e o coaxar dos sapos, surge um vulto que caminha pela cena. Repentinamente, aparece alguém vindo pela porta do balcão, com uma lamparina na mão. O vulto se esconde. A pequena luz percorre ligeiramente a cena e dirige-se para a direção onde está o ovo-aposta.

Outra luz, aparecendo na porta da rua, assusta a primeira, que corre e esconde-se atrás do balcão. A "2ª luz," mais forte que a anterior, também se aproxima do ovo-aposta, mas ao ver uma "3ª luz", tênue, de vela, esconde-se atrás da mesa do reservado. Percebendo o movimento, a "3ª luz" é apagada com um assopro. Ouve-se o arrastar de uma cadeira, ficando claro que o portador da "3ª luz" entrou debaixo da mesa. Após um tempo de silêncio, uma "4ª luz", bastante calma, entra pela porta.

VOZ DA 4ª LUZ: Seu Onofre...

(Onofre não responde. Uma "5ª luz" entra. Vê a "4ª luz". As duas correm para lados opostos e escondem-se. Uma "última luz" aparece lepidamente e vai ao encontro do ovo-aposta)

ÚLTIMA LUZ: Muito bem, seu Onofre!
Tudo certo...

(A galinha cacareja)

ÚLTIMA LUZ: Ai! Quieta, filha de uma galinha!

(Zé Antônio entra munido de sua bagagem. Carrega uma vela. A "última luz" se assusta e corre, atarantada, pela sala).

ZÉ ANTÔNIO: Quem está aí?!

(A "última luz" foge para o outro canto)

ZÉ ANTÔNIO: Se não falar, eu atiro!
(Coloca a vela sobre a mesa)
Onde está?

(A "última Luz," de um lampião complicado, apaga-se ruidosamente).

ZÉ ANTÔNIO: Vou atirar para todos os lados! (Arma o fuzil) Lá vai chumbo!

(Uma nova luz surge na porta do balcão. Luz de vela).

ZÉ ANTÔNIO: Ah! Peguei! Venha cá! Se apagar, eu atiro!

RITINHA (com uma vela): Sou eu, Zé...

ZÉ ANTÔNIO: Ritinha!

RITINHA: Guarda a espingarda...Vim me despedir...

ZÉ ANTÔNIO: Por que não disse logo? (Os dois juntam as velas sobre a mesa. Pode-se vê-los iluminados pela luz suave das velas. Estão próximos).

RITINHA: Vai embora assim, sem se despedir de ninguém?

ZÉ ANTÔNIO: Não gosto de despedidas...

RITINHA: Sua mãe vai chorar.

ZÉ ANTÔNIO: Ela acostuma...

RITINHA: Em vez de espingarda, você devia levar o violão.

ZÉ ANTÔNIO: Deixo o violão pra você...

RITINHA: Eu vou sentir saudades, Zé...Das músicas, dos passeios, das coisas que você falava, da bicicleta...de tudo!

ZÉ ANTÔNIO: Eu também..

RITINHA: Então fica...

ZÉ ANTÔNIO: Não posso...

RITINHA: Você vai se esquecer de mim...

ZÉ ANTÔNIO: Não vou, não...

RITINHA: Então me jura uma coisa..

ZÉ ANTÔNIO: O quê?

RITINHA: Que você não vai olhar mulher nenhuma em São Paulo..

ZÉ ANTÔNIO: No quartel não tem mulher.

RITINHA: Mas antes de se alistar você vai para o hotel.

ZÉ ANTÔNIO: É hotel familiar...

RITINHA: Me deixa o endereço..

ZÉ ANTÔNIO: Rua Aurora, 20...

RITINHA: Vou te escrever.

ZÉ ANTÔNIO: Você está bonita assim, Rita...

RITINHA: Assim como?

ZÉ ANTÔNIO: Com essa luz de fogo,

tremendo no rosto...

(Estão bastante próximos)

RITINHA: Eu vou esperar por você, Zé...

ZÉ ANTÔNIO: E eu vou voltar capitão,
Maria Rita...

RITINHA: Repete...

ZÉ ANTÔNIO: Capitão!

RITINHA: Não...O meu nome...Maria
Rita...

ZÉ ANTÔNIO: Maria Rita...

RITINHA: Engraçado...Eu me sinto
mais...mulher!

ZÉ ANTÔNIO: Adeus, Maria Rita...

RITINHA: Adeus, Capitão...

(Estão próximos. Abraçam-se e beijam-se longamente. A luz elétrica retorna indiscretamente. Onofre bate palmas).

ONOFRE: Muito bem,!

(Zé Antônio e Ritinha separam-se rapidamente. Onofre vai até o lugar onde está Fidélis).

ONOFRE: Boa noite, Sr. Fidélis...

(Fidélis sai do esconderijo. Onofre vai até Eurico, que disfarça, amarrando o sapato).

ONOFRE: Como está, Sr. Eurico?...

EURICO: Deu nó...(Risada "amarela")

ONOFRE (indo a cada um dos lugares): Seu Eugênio...Como vai, senhor Augusto?

AUGUSTO (rindo): Bem...bem...

ONOFRE: Olá, senhor Teodoro! Bem-vindo seja, Coronel...

(Todos, envergonhados, abandonam seus lugares. Resta apenas, em um canto do reservado, alguém muito bem encolhido atrás de um guarda-chuva aberto. Onofre aproxima-se).

ONOFRE: A sua benção, Padre
Damião...

(Padre Damião levanta-se, com seu guarda-chuva).

Pe. DAMIÃO (muito sem graça): Deus te abençoe...

ONOFRE: Muito bem! Todos escondidos para não perturbar o par de namorados.. Gente muito compreensiva...

TEODORO: Já fomos jovens...

Pe. DAMIÃO: Eu não estava escondido...Estava ali...rezando pela alma dos embrulhões! E como já terminei minhas orações, se me dão licença... Até amanhã...

(O mais depressa que pode, Padre Damião atinge a porta de saída, com o guarda-chuva sempre aberto).

ONOFRE: Vai com Deus, padre...Não quero abalar as minhas relações de amizade com Sua Santidade, o Papa...Mas, como eu sou o sentinela, nomeado pelo prefeito desta cidade, devo exigir uma explicação de cada uma das pessoas aqui presentes.

FIDÉLIS: Eu estava rezando junto com o padre Damião...E eu vou continuar a reza...(Tenta sair, mas Onofre impede)

ONOFRE: Um momento, senhor Fidélis...Ainda não lhe pedi explicações. Prefiro começar pelo senhor Augusto...

AUGUSTO: Eu não reconheço um sentinela nomeado pelo prefeito dessa cidade!

ONOFRE: Eu fui nomeado pelo Coronel, não é, Coronel?

CORONEL (hesitante): Pois é...Pois é...

EURICO: Pois, então, quem não reconhece o senhor como sentinela sou eu!

ONOFRE : Tenho outra nomeação por escrito (mostra) do senhor Teodoro! Não é o senhor prefeito da legalidade?

TEODORO: É...Eu...eu o nomeei..

ONOFRE: Alguém mais tem dúvida, por acaso? (Pausa) Não? Muito bem...Então vamos aos esclarecimentos...Senhor Augusto, que fazia a essas horas neste local?

AUGUSTO: Eu...(Encara-o furioso) Eu desejava conversar com o Coronel...

CORONEL: Eu e o Augusto marcamos um encontro para resolver alguns probleminhas sobre a "prefeitura do coração"...

ONOFRE: Debaixo da mesa?

AUGUSTO: Nos escondemos quando entraram algumas pessoas...Achamos que poderia ser alguma pessoa desonesta com idéias de trocar o ovo...

ONOFRE: Sei...sei...E o senhor, Eurico?

EURICO: Eu...eu estava com o senhor Teodoro, quando apagou a luz. Ai pensamos: alguém pode aproveitar a escuridão para trocar o ovo...

TEODORO: Viemos para fiscalizar...Existe muita gente desonesta nesta terra...

ONOFRE: O Coronel duvida! O senhor Teodoro duvida! Acho que terei de revistá-los.

CORONEL: Reviste o senhor Eurico e o senhor Teodoro!

TEODORO: Eu não admito! Sou o prefeito desta cidade!

CORONEL: O prefeito sou eu!

ONOFRE: Calma! Calma! Vocês me tiram do sério...

TEODORO: Como prefeito, eu exijo que se reviste o Coronel e o senhor Augusto!

ONOFRE: Então tenho que cumprir ordens de meus dois chefes! Vou revistar o senhor Coronel e o

senhor Augusto, por ordem do senhor Teodoro! E o senhor Teodoro e o senhor Eurico, por ordem do senhor Coronel!

CORONEL: Primeiro ele!

TEODORO: Primeiro ele!

ONOFRE: Um momento! Vamos resolver tudo democraticamente! Para seguir a tradição dessa cidade, temos que tirar a sorte! Vamos escolher um jogo interessante...

TEODORO: Truco!

CORONEL: Sete e meio!

ONOFRE: Eu resolvo. (Um tempo) O senhor Coronel e o senhor Teodoro vão me entregar suas carteiras. O dono da carteira que tiver menos dinheiro, será revistado em primeiro lugar!

CORONEL (confiante): Muito bem! Aqui está a minha! (Entrega)

TEODORO: Isto é injustiça! O senhor Coronel é mais rico do que eu!

EURICO: Vale a minha?

ONOFRE: Claro! As duas! Quanto mais, melhor! (Pega-a)

AUGUSTO: Está certo! (Abre as carteiras, retira o dinheiro e conta) Pelo Coronel, temos...Um conto e quinhentos, mais oitocentos do senhor Augusto...Dois contos e trezentos! Pelo senhor Teodoro, temos... cem cruzeiros...(Coronel e Augusto riem aliviados)...mais dois contos e trezentos do senhor Eurico...

EURICO (radiante): Dois contos e quatrocentos! Ganhamos!

ONOFRE: É...Vamos começar pelo senhor Coronel...

CORONEL: Eu protesto...

ONOFRE: Não é democrático de sua parte...

TEODORO: Receia ser revistado, heim?

CORONEL: Não! Pode revistar!

ONOFRE: Sua carteira de volta...

CORONEL: Pode ficar com ela, como gratificação pelo desempenho brilhante...

ONOFRE (sorri): Oh...Já esperava por sua gentileza...

(Onofre revista superficialmente ao Coronel).

ONOFRE: O Coronel não traz nada nos bolsos...Agora o senhor Augusto...Quer a carteira?

AUGUSTO: Não...Bobagem...

ONOFRE: Como é gentil...(Revista superficialmente Augusto) Bolsos vazios!

AUGUSTO (aliviado): Agora eles! (Onofre dirige-se para o lado de Eurico e Teodoro).

ONOFRE: Senhor Teodoro...

TEODORO: Fique com a carteira...

ONOFRE (rápido): Bolso vazio! Senhor Eurico...

EURICO: Fique...

ONOFRE: Vazio! Foi cumprida a justiça!

ZÉ ANTÔNIO: Batedor de carteiras!

ONOFRE: Ih, moço, não complica...Ganhei isto como gratificação pelos serviços prestados...

ZÉ ANTÔNIO: Eu não fico mais um minuto nesta terra! (De saída) Se vocês todos são trouxas, eu não sou!

ONOFRE: Um momento, grande herói! (Pega na famosa mala) Conhece esta edição do jornal publicado pelo Q.G. das forças constitucionistas de São Paulo?

ZÉ ANTÔNIO: Já li...

ONOFRE: Mas os outros não...

ZÉ ANTÔNIO: Todo mundo já sabe que fui promovido!

ONOFRE: Mas não conhece os detalhes...

RITINHA: Lutou com um marechal de dois metros de altura!

ONOFRE (lendo): O soldado José Antônio foi promovido na tarde de ontem a cabo, por prender um burro inimigo carregado de munição...

RITINHA: Burro?...(Desapontada)

EUGÊNIO: Burro?...

ZÉ ANTÔNIO: Não tenho que dar satisfação pra ninguém! (Prepara-se para sair)

ONOFRE: Que é isso? Vai partir sem se despedir de seu pai? Não seja um menino malcriado...Dê um abraço no velho...

EUGÊNIO: Se não quer se despedir de mim, ao menos se despeça de sua mãe...

ONOFRE: Dona Felícia!

ZÉ ANTÔNIO: Não quero que ela chore...

(Felícia entra)

FELÍCIA: Que é isso?

ONOFRE: Seu filho quer a sua bênção para partir para São Paulo.

FELÍCIA: Para São Paulo? Mas assim tão de repente...

ZÉ ANTÔNIO: Mãe...Eu preciso ir...Ritinha explica...O trem está de saída e eu não posso mais me atrasar...(Abraça-a) Eu volto logo...

FELÍCIA: Meu Deus...(Chora)

ONOFRE: Aqui está o lenço, Dona Felícia...Chore à vontade...

(Zé Antônio vai saindo)

ONOFRE: E seu pai?

ZÉ ANTÔNIO (a Eugênio): Até um dia...

EUGÊNIO (seco): Passe bem.

ONOFRE: Tome a bênção do velho!

ZÉ ANTÔNIO: A bênção, pai...

EUGÊNIO (cede): Deus te abençõe...
(Um abraço forte)
(Zé Antônio vai saindo)
ONOFRE: Ei! Ainda não terminou! O tio,
ou sogro, sei lá...
ZÉ ANTÔNIO: "Tchau," tio...
FIDÉLIS: Precisamos ter uma
conversinha mais séria, depois.
ONOFRE: E a namorada?
ZÉ ANTÔNIO: Até a volta, Ritinha...
ONOFRE: Maria Rita!
ZÉ ANTÔNIO: Até a volta, Maria Rita...
(Beija-a ligeiramente no rosto e sai.
Felícia e Ritinha vão até a porta).
ONOFRE: Tudo ajeitado no seio da
família paulista graças ao meu
gênio. Mereço uma recompensa,
seu Fidélis? Que tal uma semana
de almoço e janta?
FIDÉLIS: Nada disso!
ONOFRE: Acho que eu me esqueci de
revistar alguém...
EUGÊNIO (rápido): Está certo! Uma
semana de almoço e janta!
ONOFRE: Obrigado. E para terminar,
senhores...(Assume um ar de
autoridade suprema) Embora
tenha revistado a todos
minuciosamente, minha dúvida
persiste. Continuo desconfiado
que alguém pretendia trocar o
ovo. Coisa feia...Numa terra
civilizada como a nossa, ainda
existem pessoas desonestas...É
de estarrecer...Eu estou
completamente escandalizado e
desiludido! E depois perguntam:
por que essa terra não vai para
frente? Homens de nível superior,
políticos, fazendo uma coisa
dessas...Estou desiludido com o
futuro de meu povo entregue à
administração de homens
assim...Quem forneceu o ovo a

vocês? Merece cadeia! Mas
vocês sequer têm coragem de
acusá-lo! Mamãe dizia sempre:
aquele que entre vós não for
pecador, atire o primeiro "ovo"!
Estou aqui para perdoá-lo e
prender o tal vigarista que
forneceu o ovo. (Pausa)
Ninguém? Paciência...Enfim, só
uma pessoa muito ingênua
poderia pensar que alguém
pode distribuir ovos com o sexo
predeterminado. Por hoje é só.
(Querubim entra correndo e
assustado. Passa por todos e coloca-
se em primeiro plano. Nas mãos,
balança nervosamente uma enorme
tíbia).
QUERUBIM: Seu Coronel! Seu Coronel!
(Acha-o entre os demais) O osso
está aqui! O dono vem vindo aí
atrás!!!

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

5º QUADRO

Dias mais tarde. Outras melhorias no
restaurante. No local do ovo-aposta,
uma tabuleta: "Hoje". Onofre conversa
com Eugênio no balcão.

ONOFRE: O pinto pia hoje.
EUGÊNIO: Será que é galo?
ONOFRE: Não entendo dessas coisas...
EUGÊNIO: Então mudou...
(Teodoro entra da rua)
TEODORO: Boa tarde.
EUGÊNIO (seco): O senhor deseja
alguma coisa?
TEODORO: Falar com o Coronel. Temos

um encontro marcado para as quatro.

EUGÊNIO: O Coronel ainda não chegou.

TEODORO: Eu espero na sala dele, obrigado. (Entra no reservado).

EUGÊNIO: Alguma coisa está para acontecer.

(Fidélis entra correndo da rua).

FIDÉLIS: Vi o baiano entrar aqui.

(Eugênio faz sinal de silêncio e aponta o reservado).

FIDÉLIS: Pensei que o pinto tivesse nascido.

EUGÊNIO: Ainda não...

FIDÉLIS: Estive com o Augusto. O testamento vai ser aberto daqui a pouco.

EUGÊNIO: Aqui?

FIDÉLIS: Decerto! Tudo no mesmo dia!

EUGÊNIO: Será que não morre do coração, não?

FIDÉLIS: Se morrer, Eugênio, deixa sua parte do terrenão pra mim.

EUGÊNIO: Deixo. Pra sua galinhada e porcaria.

(Entra Felícia)

FELÍCIA: Fidélis, preciso te falar uma coisa.

FIDÉLIS: Já sei...Outra vez a Ritinha!

FELÍCIA: Ela não mexe uma palha desde que Zé Antônio foi embora...Diz que não nasceu pra ser empregada...Anda pela casa, soltando suspiros, e à noite chora como uma boba...

EUGÊNIO: O choro ela herdou da tia...

FELÍCIA: Eu não choro de paixão, choro de sentimento...

FIDÉLIS: Eu vou ter uma conversinha com ela. Quem sabe rabo de tatu cura paixão de moça preguiçosa...

ONOFRE: Cura, sim!

(Onofre dá um rabo de tatu, que tira da mala, a Fidélis).

FIDÉLIS: Onde está ela?

FELÍCIA: No quarto, lendo...Lê poesia o dia todo, desse tal Guilherme de Almeida...Sabe de cor a história da revolução!

FIDÉLIS: Vou eu fazer uma revolução! (Sai)

EUGÊNIO: Eu acho tudo isso muito esquisito. Será que a Ritinha gosta mesmo do Zé Antônio? Viveram tanto tempo como irmãos...

FELÍCIA: Sei lá...De repente, sem a gente perceber, ela virou moça...

EUGÊNIO: Pra mim, ela gosta é da farda e da medalha do Zé...

(De repente, Ritinha entra correndo na sala, gritando)

RITINHA: Tia! Tia!

FIDÉLIS: Quero ver menina vagabunda é agora!

FELÍCIA: Não bate nela, Fidélis!

FIDÉLIS: Engraçada, você...Faz a queixa e depois defende...

ONOFRE (intervindo): Ora, senhor Fidélis...Deixa a moça...A psicologia educacional, hoje em dia, ensina que...

FIDÉLIS: Não se meta, camarada! Não vem com as suas besteiras, que agora eu não tenho nenhum ovo escondido...

EUGÊNIO: Ah! Naquele dia você tinha!

FIDÉLIS: E você não?

EUGÊNIO: Não!

ONOFRE: Ninguém tinha!

FIDÉLIS: Só eu, não é? Vocês são todos uns santinhos de pau oco!

FELÍCIA: Meu marido não é santinho de pau oco, não!

FIDÉLIS: Só eu regulo bem da cabeça, nessa casa! Essa louca (apontando para Ritinha) não faz

outra coisa senão ler deitada o dia todo!

RITINHA: Leio pra não ser burra!

FIDÉLIS: E quem é burro? Eu?

FELÍCIA: Parece!

EUGÊNIO: Está fazendo uma confusão dos diabos!

FIDÉLIS: Confusão faz você! Parece que tem a cabeça cheia de bós...tarde, Coronel!

(O Coronel parado à porta. Fidélis passa por ele e sai. O Coronel sisudo, olhando um a um).

FELÍCIA: Como vai, Coronel? (Sai envergonhada com Ritinha).

EUGÊNIO: Com licença...(Sai também)

ONOFRE: Reunião de cúpula, heim, Coronel?

(O Coronel olha com desprezo para Onofre).

ONOFRE (sem jeito): Pois é...

(O Coronel entra no reservado. Teodoro levanta-se).

CORONEL: Tenha bondade, sente-se...

TEODORO (tom amistoso): Sua chegada acabou com a briga, heim?

CORONEL (seco): Qual o assunto que deseja tratar comigo, senhor Teodoro?

TEODORO: É um assunto muito delicado e importante, senhor Coronel. É que... Eu vou deixar a prefeitura!

CORONEL (inabalável): Quando?

TEODORO: Tudo depende de acertar as coisas aqui...O Governo Central, ao que parece, não ficou contente com minha atuação nessa cidade...

CORONEL: Por culpa minha...

TEODORO: É a política...

CORONEL: É...É a política...

TEODORO: Mas o que interessa,

Coronel, é que eu vou enviar um relatório ao Rio de Janeiro, pedindo para que escolha, entre os homens dessa cidade, o mais capacitado para ficar em meu lugar...Foi fácil, para mim, escolher esse homem...Não tive muito que pensar...

CORONEL: Eurico?

TEODORO: O senhor Eurico não passa de um bajulador...

CORONEL: Quem então?

TEODORO: O prefeito do coração!

CORONEL: Eu?...Mas...e a aposta?

TEODORO: É como se o pinto tivesse nascido nesse instante. Nasceu galo.

CORONEL: Galo...

(Pausa longa. O Coronel levanta-se e limpa o suor da testa com um lenço).

TEODORO: Posso comunicar a escolha ao Governo Central?

CORONEL: Eu...

(Nova pausa)

TEODORO: Está emocionado, Coronel?

CORONEL (toma fôlego): Eu não vou aceitar, senhor Teodoro!!

TEODORO: Como?

CORONEL: Eu estou velho, senhor Teodoro! A cidade está precisando de sangue novo...

TEODORO: O senhor ainda é o maior líder da cidade...

CORONEL: Maior...Antes não era o maior, mas o único! Antes do senhor aparecer por aqui...Era o chefe e orientador que todos precisavam...Certo ou errado, quem resolvia tudo era eu...Os casos sentimentais, brigas de marido e mulher, as ofertas e contra-ofertas de compras e vendas de algodão, milho e arroz eram discutidas comigo, antes de

serem fechados os negócios...

TEODORO: A cidade era pequena...

CORONEL: Depois a cidade cresceu e eu não percebi que tinha ficado velho... Até que apareceu o senhor apostando comigo...

TEODORO: E os dois partidos se formaram...

CORONEL: Eu não sabia discutir. Só sabia mandar... Mas sem ter o cargo de prefeito, não era fácil mandar. O Eurico me deixou, o Augusto cobiou o meu lugar, o povo na rua não era o mesmo...

TEODORO: O senhor ainda tem seu domínio sobre o pessoal... Ainda agora pouco, sem dizer uma palavra, acabou com uma briga...

CORONEL: Aqui... Com os velhos Eugênio e Fidélis... Outro dia fui vaiado por um grupo de rapazes na saída do campo de futebol. Só porque o time do galo perdeu por cinco a zero... A moçada hoje em dia não perdoa.. Acho que eles têm razão...

TEODORO: Os tempos são outros...

CORONEL: Novos tempos, novas formas de governo... Eu acho que a gente devia ter eleição, pra poder eleger um desses moços pra prefeito... Uma cidade não pode ficar a vida toda nas mãos de um velho... Sabe, senhor Teodoro, vou lhe contar uma coisa: eu não consigo mais trabalhar direito... Sinto um sono dos diabos!

(Silêncio profundo).

TEODORO: Não sei o que dizer, Coronel...

CORONEL: Diga ao Governo Central

da República que o velho Coronel dessa cidade descobriu uma coisa muito importante: que ele não pode governar sozinho...

TEODORO: Direi...

(Na sala, Augusto entra com um livro grande nas mãos, seguido por Fidélis).

FIDÉLIS (gritando): Eugênio! Eugênio! Chegou o testamento!

(Entram correndo: Eugênio, Felícia e Ritinha. Alvorço).

FIDÉLIS (preparando a mesa): Vamos ler já!

EUGÊNIO: Sente-se, senhor Augusto...

FELÍCIA: Quer um copo d'água? (Coronel e Teodoro passam para a sala. Onofre ao fundo, perto do ovo-aposta).

AUGUSTO (assumindo uma atitude solene): Conforme autoridade que me compete como juiz de paz deste município...

(Querubim entra correndo).

QUERUBIM: Ritinha! Ritinha!

TODOS: Pssst! Pssst!

RITINHA: Que foi, Querubim?

QUERUBIM: A Madalena não está por aqui?

RITINHA: Não...

QUERUBIM: Ela sumiu!

FELÍCIA: Sumiu como?

QUERUBIM: Não está em lugar nenhum... Procurei pela cidade toda!

FIDÉLIS (impaciente): Ela aparece! Vamos ler o testamento!

QUERUBIM: Ai, meu Deus do céu...

AUGUSTO: Conforme autoridade que me compete como juiz de paz deste município...

(Entra Eurico com uma carta na mão)

EURICO: Com licença...

FIDÉLIS: Ai, ai, ai, ai, ai...

EURICO: Senhor Teodoro! Carta do

Governo Central da República!
TEODORO (tomando a carta): Para mim?
EURICO: Para o prefeito...
AUGUSTO: Leia!
FIDÉLIS: Nada disso! Primeiro vamos ler o testamento!
EUGÊNIO: Uma coisa por vez...
AUGUSTO: Mas a carta do governo é urgente!
FIDÉLIS: Pra mim, urgente é o testamento...
TEODORO: Então leia logo esse testamento!
AUGUSTO: Conforme autoridade que me compete como juiz de paz deste município...
ONOFRE (num estouro): O pinto está nascendo!!!
(Todos correm para o local do ovo-aposta)
EUGÊNIO: Picou o ovo!
RITINHA: Olha o bico dele!
TEODORO: Silêncio, senão ele se assusta!
EURICO: Nasceu! Nasceu a decisão! Está nervoso, Coronel?
CORONEL: Não tenho mais nada a ver com isso!
AUGUSTO: Como é?
CORONEL: Eu e o senhor Teodoro desfizemos a aposta!
TODOS: O quê?!
CORONEL: Como o senhor Teodoro vai embora da cidade, nós resolvemos indicar um dos nossos correligionários para ser o novo prefeito!
AUGUSTO E EURICO (juntos): Quem?
CORONEL: Se for galo, o Augusto! Se for galinha, o Eurico!
(Augusto e Eurico entreolham-se, surpresos).
RITINHA: Já nasceu! (Exibe o pintinho

nas mãos) Olhem que pintinho bonitinho!
AUGUSTO (nervosíssimo): É galo?...
EURICO (nervosíssimo): ...ou galinha?!
(Pausa. Todos se entreolham)
QUERUBIM: É só olhar atrás do rabinho!
EURICO: Então olhe!
(Ritinha entrega o pintinho nas mãos de Querubim).
QUERUBIM (depois de examinar, decepcionado): Não dá pra saber...
AUGUSTO: Não dá pra ver o...sexo?
QUERUBIM: Não...É embutido...
CORONEL (ri): Temos que esperar o pinto ficar adulto!
AUGUSTO: Esperar mais ainda? Eu não agüento...
FIDÉLIS: É o único jeito...(Grita) Vamos voltar para o testamento!
(Certo desaponto geral. Todos voltam ao testamento).
AUGUSTO: Conforme autoridade que me compete como juiz de paz deste município, eu, Benévolo Boa Ventura...
EUGÊNIO: Pule essas besteiras...
AUGUSTO: Tá-tá-tá...declaro que deixo meu terreno, situado na zona do cafezal, tá-tá-tá...(Pausa) Me perdi...
FIDÉLIS: Diabo!
AUGUSTO: Hum...Achei...Tá-tá-tá...Tá-tá-tá...para meus sobrinhos Fidélis e Eugênio!
FIDÉLIS (num salto): Vivaaaa!!! (Pula e abraça Eugênio).
EUGÊNIO: Agora sim!
FIDÉLIS: Abram dez garrafas de vinho por minha conta! (Moderando-se) Dez, não...Meia dúzia...
(Enquanto o pessoal prepara a festa, Teodoro lê a carta do Governo. Felícia prepara os copos. Eugênio e Fidélis

abrem garrafas. Cumprimentos, murmúrios, abraços e tinar de copos. Ritinha e Querubim alheios à festa, preocupados. Felícia leva uma garrafa de vinho até Querubim).

QUERUBIM: A senhora não viu a Madalena, hoje?

FELÍCIA: Não...

QUERUBIM: Vida ingrata! (Toma seu vinho de um gole só).

FIDÉLIS (levanta o copo): Um brinde ao terrenão!

EUGÊNIO: Viva o terrenão!

TODOS (levantando os copos): Vivaa!

FIDÉLIS: Viva tio Benévolo!

ALGUNS: Vi...(Pausa. Fidélis sem jeito)

TEODORO: Um momento!

FIDÉLIS: Bebam à vontade!

TEODORO: Um momento!

(Ninguém liga. Querubim vira outro copo de uma golada!)

TEODORO: Um momento! Atenção! Silêncio!

(Aos poucos, faz-se silêncio).

FIDÉLIS: É discurso, seu Teodoro?

TEODORO: A carta do governo...A carta do governo...

CORONEL: Fale, homem!

TEODORO: Leia...(Dá a carta ao Coronel, que a lê)

(Apreensão geral).

CORONEL: Lê você...(Entrega ao Augusto, que lê)

FIDÉLIS: Fala de uma vez o que é!

AUGUSTO: Lê você...(Entrega a Eurico)

EUGÊNIO: Lê logo! (Eurico lê a carta)

EURICO: Não...eu não posso...Lê o senhor...(Volta a carta ao Teodoro).

FIDÉLIS: Em voz alta!

TEODORO (lê preocupado): "...em nome do Governo dos Estados Unidos do Brasil, a desapropriação da faixa de terra

que liga..."

FIDÉLIS: O terrenão?!

EUGÊNIO: Desapropriação?

TEODORO (condóido): A estrada que vai para Minas vai passar por aqui...

(Fidélis deixa-se cair numa cadeira.

Eugênio, nervoso, toma a carta das mãos de Teodoro. Silêncio de velório).

FELÍCIA: Deus do céu...

RITINHA: Que foi, tia?

FELÍCIA: O governo tirou o terrenão de nós...

EUGÊNIO: Não é possível...

QUERUBIM (embriagado): Crescei e multiplicai-vos! Com quem?

(Querubim senta-se e bebe. Primeiro no copo, depois diretamente no gargalo da garrafa. Desolação, suspiros).

FELÍCIA: Deus quis assim...

AUGUSTO: É...(Tentando animar) Eles pagam, Fidélis!

EUGÊNIO: Pagam...Vão dar uns dinheirinhos pra gente não chorar...Lembra do cafezal do Zeca?

FIDÉLIS: Até hoje não viu um tostão...

TEODORO: Por causa da revolução, que chegou logo depois. Agora eles pagam..

(Não adianta. Continua a tristeza geral).

FIDÉLIS (nervoso): Volta todo o vinho pras garrafas!

(Fidélis passa com uma garrafa e um funil. Cada um despeja o conteúdo de seu copo no funil).

ONOFRE: Ora, que tristeza é essa, minha gente?!

QUERUBIM: É que Madalena fugiu...

ONOFRE: Até parece velório de defunto...Há males que vêm pra bem!

EUGÊNIO: E que bem pode ver você em toda essa desgraça?

ONOFRE: Ora, é só pensar um pouco...

CORONEL: Por favor, seu Onofre... Nós já estamos cansados das suas lorotas...

ONOFRE: Está bem... Eu me calo. Mas eu tinha a solução.

FIDÉLIS: Que solução?

QUERUBIM: Pra encontrar a Madalena?

ONOFRE: Uma solução para o restaurante! Sem cobrar nada...

FELÍCIA: Então fale, seu Onofre...

ONOFRE: Não. O Coronel acha que é lorota... Eu tenho meus sentimentos...

RITINHA: O Coronel não falou por mal, não é, Coronel?

CORONEL: Ora...

ONOFRE: Só falo se o Coronel pedir...

FIDÉLIS: Pede a ele, Coronel...

CORONEL: Ora essa, mas por quê?

FELÍCIA: Ele ficou ofendido...

FIDÉLIS: Por favor, pede... Não custa nada...

CORONEL: Com os diabos! (A Onofre) O senhor quer ter a fineza de expor suas idéias?

ONOFRE: Já que o Coronel insiste... É o seguinte: na estrada que vai passar ao lado, vai ter jardineira. E em toda cidade a jardineira pára num ponto.

TEODORO: E o ponto pode ser aqui?

ONOFRE: Só pode ser aqui! É o único bar de beira de estrada!

FELÍCIA: A jardineira passa na hora do jantar?

ONOFRE: Tem um colosso de jardineiras! O pessoal que viaja vai deixar o cobre aqui! Gente que vai pra Minas e que vem de Minas pra cá!

FIDÉLIS: Gente que vem de Minas... Não acredito em muito lucro, não... (Fecha a mão) Olha! (Gesto de pão-durismo).

TEODORO: Tem muita gente rica do "triângulo"!

AUGUSTO: Vai ser o ponto mais movimentado da cidade!

EURICO: E muita gente da cidade vai vir aqui pra ver os viajantes!

FELÍCIA: Ver e jantar!

ONOFRE: E o cobre vai entrando...

RITINHA: Um dia a gente pode pegar a jardineira e ir até São Paulo!

QUERUBIM (balançando): Eu acho que a Madalena... Já tem alguma jardineira passando por aí?

CORONEL: Podemos pregar cartazes nas paredes, como propaganda da cidade!

ONOFRE: Se me permitirem, gostaria de montar uma charutariazinha num canto qualquer...

FELÍCIA: E o Querubim pode ser o garçã...

QUERUBIM: Garçã de dia e coveiro de noite!

EUGÊNIO: A gente pode fazer uma boa reforma nessa bodega!

FIDÉLIS (num repente): Abre os vinhos! Vamos comemorar a nova fase do restaurante!!!

EUGÊNIO: Tenho um novo nome, muito original: Ponto Chic!

ONOFRE: Eu não disse? Desgraça nessa terra é bobagem... Pra tudo a gente dá um "jeitinho"...

(Volta a alegria. O pessoal bebe sem parar, vai se embebedando).

AUGUSTO (para Onofre, levantando o copo): À saúde desse moço que teve essa idéia brilhante!

FIDÉLIS: Sem cobrar nenhum tostão...

FELÍCIA: Ele é muito sabido...

ONOFRE: Mamãe dizia sempre: a cegonha me trouxe um gênio! (Importante) O fato é que eu gosto de ajudar a humanidade. Certas pessoas nascem assim: Da Vinci, Galileu, Schopenhauer, Einstein e eu...Se tivesse dinheiro, iria aprofundar meus conhecimentos. Se a prefeitura da cidade pudesse, por exemplo, me arrumar um emprego de "livre-pensador", eu ficaria grato. Prometeria pensar o dia todo! Eu acho que todos vocês merecem a minha ajuda, e é por isso que ainda não deixei essa cidade! (Aproxima-se do pinto recém-nascido) Pena que muitos dos senhores não acreditam em minha inteligência...Eu entendo muito de avicultura! As aves para mim não têm segredo nenhum! Eu poderia dizer já o sexo daquele famoso pinto que está ali mamando em sua mãe...É resolver de uma vez por todas a questão da prefeitura!

EURICO: Pode mesmo?

AUGUSTO: É sério?

CORONEL: Eu acho que...

ONOFRE: Que o que, Coronel?

CORONEL: Nada...

AUGUSTO: Então fale!

EURICO: Pois é...Fale!

ONOFRE: Não seria uma ataque aos vossos bolsos se eu pedisse 200 mil réis para resolver a questão?

AUGUSTO: É razoável...

EURICO: É...

AUGUSTO: Você é de fora?

ONOFRE: Sou.

EURICO: Paulista?

ONOFRE: Não.

AUGUSTO: Mineiro, carioca, baiano?

ONOFRE: E curioso...Eu nasci num barco, navegando no rio Grande, entre Minas e São Paulo. Curioso, não acham?

EURICO: É imparcial...

AUGUSTO: É...

ONOFRE: Mas sobre minha proposta...Os duzentos...(Recebe de Eurico e Augusto) Cada um deu cem...Eu disse: duzentos de cada. (Recebe) Obrigado. Peço ficar a sós por cinco minutos com a ave. Com licença...

(Pega o pinto e vai até o reservado).

QUERUBIM (completamente embriagado): Fiz tanto sacrifício! Fui no cemitério buscar osso! Madalena excomungada!

CORONEL (consolando): Deixe disso, rapaz...Até que foi bom...Você se livrou de uma...(Pára, pois seus olhos fixam Madalena, que entra seguindo Padre Damião. Madalena veste-se como uma beata: vestido negro de gola e punhos fechados, véu na cabeça, fita de "Filha de Maria" e um terço nas mãos).

QUERUBIM: Seu Vigário!

Pe. DAMIÃO: Você andou bebendo, Querubim?!

QUERUBIM: Não, senhor vigário... (Querubim dá uns passos em direção ao padre e cai em seu braços. Dá de cara com Madalena, que está atrás do padre).

QUERUBIM: Madalena!

MADALENA: Estou aqui, Querubim, meu anjo...

QUERUBIM: Onde você estava? Te procurei por toda parte!

MADALENA: Menos na igreja...Eu estava lá...

Pe. DAMIÃO: Ela foi à igreja pedir você

em casamento.

QUERUBIM: Casamento?!

(Querubim desfalece. Ajudado por Eugênio, Padre Damião coloca-o sentado numa cadeira, com a cabeça caída na mesa. Madalena cuida dele, carinhosamente).

Pe. DAMIÃO (aos demais): Galo ou galinha?

FELÍCIA: Ainda não sabemos...(Serve vinho ao padre).

(Na porta aparece o Tenente, acompanhado de Zé Antônio. Zé Antônio veste uma pobre e amassada fardinha. Zé Antônio entra. O Tenente aguarda na porta).

ZÉ ANTÔNIO: Senhores! Vai entrar o Tenente!

FELÍCIA: Zé Antônio!

RITINHA: Zé!!!

(Ritinha corre para Zé Antônio e o abraça. Zé Antônio, na posição de sentido, não corresponde).

TENENTE: Cabo!

ZÉ ANTÔNIO: Pronto!

TENENTE: Afaste a moça!

(Zé Antônio desvencilha-se de Ritinha).

RITINHA: Zé...

TENENTE: O soldado não está de folga! Está em serviço!

FELÍCIA: Posso abraçar meu filho?

ZÉ ANTÔNIO: Só a minha mãe, Tenente...

TENENTE: Soldado em posição de sentido não tem mãe!

EUGÊNIO: Meu filho...

TENENTE: Nem pai! O soldado é um filho da pátria!

(Todos olham para o Tenente, assustados).

TENENTE: Cabo! Explique a essa gente a nossa tarefa!

ZÉ ANTÔNIO (rígido): O Tenente Silva deseja falar com o Coronel!

CORONEL (adiantando-se): Pois não, Tenente...

TENENTE: Senhor Prefeito?

CORONEL: Bom... Eu sou Prefeito do coração.

TENENTE: Prefeito do coração?

CORONEL: O povo me chama assim...

TENENTE (altos brados): Quero falar é com o Prefeito da cidade!

AUGUSTO (aproxima-se): Pois não...

EURICO (aproxima-se): É comigo que o senhor quer falar?

AUGUSTO: É comigo! Você verá logo, logo...

TENENTE: Quem é o Prefeito afinal?

TEODORO: Eu! (Aproxima-se)

TENENTE: Mais alguém aqui é Prefeito?

TEODORO: Quem é o senhor?

TENENTE: Tenente Silva! Prefeito da cidade!

TODOS: Prefeito?!

TENENTE: Prefeito enviado pelo governo, para normalizar a situação nesta cidade e ver o que está acontecendo...

(Eurico e Augusto apóiam-se mutuamente para não cair).

TENENTE: Pelo que vejo... (Pega o copo da mão de Teodoro).

TEODORO: Esses dois senhores dependem da sorte do... É uma história muito comprida...

TENENTE: Que o senhor vai narrar inteirinha mais tarde, perante um tribunal militar...

TEODORO: Mas eu sou o Prefeito legalista desta cidade!

TENENTE (entregando-lhe um papel): Considere seu mandato cassado

TEODORO: Cassado?...

(Onofre aparece na porta do reservado)

ONOFRE: Senhores e senhoras! A decisão esta piando em minhas

mãos! Saberão dentro de instantes a sorte da cidade

TENENTE: Quem é o senhor?

ONOFRE: Não se intrometa, soldado, por favor...

(Sinais aflitos a Onofre)

TENENTE: Que é isso?

ONOFRE: Isso? Uma ave...

TENENTE: Uma ave... De fato, e daí?

ONOFRE: Quando será galo ou galinha, então...

TENENTE: Não diga...

CORONEL: É um jogo da cidade... Esses dois cavalheiros (aponta Augusto e Eurico) apostaram no sexo do pinto, e ele vai resolver o caso... Ele é muito entendido em pinto...

TENENTE: Formidável! (Onofre ri orgulhoso).

ONOFRE: Bondade sua, soldado...

TENENTE (explode): O que está sobrando aqui é pinga e vinho! (Para Onofre, que está assustado) O senhor não passa de um charlatão, sem vergonha, aproveitando-se da boa-fé e ignorância desses dois senhores... Queria enganá-los fazendo-os jogar o seu joguinho, heim? Pois bem, para esses casos só existe uma solução: cadeia! Cabo Zé! Prenda o homem!

(Onofre é seguro por Zé Antônio).

ONOFRE: Uai, Zé... Virou bandeira?

TENENTE: Faça-o calar!

TEODORO: Um momento, Tenente! Ele entende realmente do caso. O pai foi um grande cientista italiano, que ensinou sexologia a ele...

CORONEL: Italiano, não, alemão... E ele faz isso para ganhar dinheiro... Pretende fazer uma operação no olho esquerdo...

ONOFRE (humilde): Direito.

CORONEL: Sua direita, minha esquerda..

EURICO: Toda cidade esperava o "veredictum" dele...

AUGUSTO: Todo mundo apostou se o ovo é galo ou galinha...

TENENTE: Cidade dividida em galos e galinhas! (A Onofre) Passa-me a ave! (Pega-a) O senhor já chegou a uma conclusão?

ONOFRE: Já... O senhor também quer saber o que é?... Pois não, eu lhe digo! Essa ave, senhor Tenente, esta ave é...

TENENTE (interrompendo): Esta ave não é nada do que o senhor vai dizer! Nem galo, nem galinha! E vocês todos precisam aprender uma coisa muito importante: o que vale agora nessa cidade é a minha opinião! E só a minha opinião!

(O Padre Damião passa para o primeiro plano, enfrentando o Tenente).

Pe. DAMIÃO: "Vade retro, Satanás"!

TENENTE: O quê?!

Pe. DAMIÃO: O senhor não pode influir numa coisa da natureza criadora! Ovo de galinha, qualquer imbecil sabe, só pode ser galo ou galinha! É Deus que resolve...

TENENTE: É o que o senhor pensa! A minha opinião supera quaisquer determinações anteriores! E, como autoridade desta cidade, determino que esta ave, por decreto especial de minha prefeitura, passa a ser doravante um... papagaio!

TODOS: Papagaio?!

RITINHA: Papagaio dessa cor?

CORONEL: Não temos mais liberdade de opinião?

Pe. DAMIÃO: Nem nós, nem a natureza! Como é que o senhor pretende impor uma bobagem dessas?

TENENTE: Com isso! (Aponta a arma para todos).

TODOS: Oh!... (Recuam).

TENENTE: Esta é a primeira lição a ser aprendida! Aceitem e concordem comigo! A ave da aposta é um papagaio! Digam em coro todos os senhores! A ave é um papagaio! Vamos ver! Um, dois, três! (Fala sozinho) A ave é um papagaio! (Bravo) Vamos, outra vez!

ALGUNS (timidamente): A ave é um papagaio...

TENENTE: Mais forte! Um, dois, três!

TODOS (menos Padre Damião): A ave é um papagaio!

TENENTE (ao Padre): O senhor também!

Pe. DAMIÃO: Eu não!

TENENTE: Está querendo repetir a façanha do Frei Caneca, é?! Está bem! (Aponta o fuzil para o Padre Damião).

Pe. DAMIÃO: Não!... Eu digo... Mas sem nenhuma convicção... Papagaio...

TENENTE: Então todos outra vez!

TODOS: A ave é um papagaio!

TENENTE: Muito bem! Agora todos vocês vão largar a pinga e voltar para o trabalho, que hoje não é feriado!

(Timidamente, todo o pessoal vai se retirando: Coronel, Eurico, Teodoro, Augusto. Saem cabisbaixos pela porta da rua, enquanto o Tenente arranca a bandeira paulista da parede. Eugênio

e Fidélis guardam as garrafas e saem com Felícia, que leva a galinha. Querubim não agüenta andar. O Padre Damião pega-o pelas pernas e carrega-o como um saco de farinha, curvado sobre o ombro. Madalena sai atrás. Ficam na sala: o Tenente, Zé Antônio com Onofre e Ritinha).

RITINHA: Senhor Soldado...

TENENTE: Tenente!

RITINHA: Tenente...

TENENTE: O que você quer?

RITINHA: Posso dizer uma coisa pra meu primo?

TENENTE: O cabo?

RITINHA: É... Esse cabo raso, aí...

TENENTE: Pode, mas seja sucinta...

(Ritinha olha longo tempo para Zé Antônio. Depois aproxima-se dele).

RITINHA: Zé... Eu estou decepcionada com você...

ZÉ ANTÔNIO: Por que, Ritinha?

RITINHA: Você traiu a gente...

ZÉ ANTÔNIO: Eu só entrei pro Exército..

RITINHA: O Exército é contra a revolução...

ZÉ ANTÔNIO: A revolução já passou...

RITINHA: Eu não quero mais casar com você.

ZÉ ANTÔNIO: Mas, Rita... Eu estou ajuntando dinheiro...

RITINHA: Só me caso com uma condição.

ZÉ ANTÔNIO: Qual?

RITINHA: Você sair do Exército e fazer outra revolução!

TENENTE: Chega! A conversa é altamente subversiva! Cabo!

ZÉ ANTÔNIO: Pronto!

TENENTE: Sentido!

(Zé Antônio enquadra-se).

RITINHA: Senhor Tenente... Eu não acho que esta ave seja um papagaio. Ou é galo ou é

galinha...

TENENTE: Com que direito você quer me contestar?

RITINHA: Com que direito o senhor pode me obrigar a acreditar numa bobagem?

TENENTE: Com o direito de autoridade constituída!

RITINHA: Eu não aceito isso... Pra mim é galo! E o senhor vai passar por bobo, quando ele crescer e cantar de galo, pra todo mundo escutar.

TENENTE: Ele não vai cantar! Eu prendo o bico desse galo!

RITINHA: Um dia, ele solta o bico e vai cantar à vontade, até o senhor ficar surdo!

TENENTE: Quer ver como ele não canta? (O Tenente leva o pintinho até o parapeito da janela. Arma seu fuzil e

mira no pintinho. Ritinha em expectativa, nervosa. O Tenente atira: Pum! O pintinho "evapora-se" da janela. Ritinha coloca as mãos no ouvido).

TENENTE: Pronto! Calou o bico! (Ritinha perplexa, imóvel, olha em direção à janela. Pausa longa. Todos estáticos)

A cena fica em silêncio total por alguns instantes. Depois, ao longe, ouve-se um galo cantar: cocoricó! Outro galo canta mais perto: cocoricó! Em seguida outros galos cantam num crescendo envolvente. Verdadeira sinfonia de galos que cantam cada vez mais alto. De todos os lados da platéia, cantoria de galos que envolve os espectadores, enquanto a cortina corre lentamente...

FIM

Este texto foi representado pela primeira vez em 15 de fevereiro de 1968, na Sala Gil Vicente, Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, com direção de Silnei Siqueira.

Elenco: Thomaz Perri (Fidelis), Débora Duarte (Ritinha), Hedy Toledo (Felícia), Luiz Carlos Arutin (Eugênio), Carlos Duval (Padre Damião), Clayton Sarzi (Querubim), Analy Alvarez (Madalena), Luiz Serra (Onofre), Francisco Cúrcio (Augusto), Umberto Magnani (Eurico), Sadi Cabral (Coronel), Roberto de Azevedo (Zé Antônio), Gustavo Pinheiro (Teodoro), Josias de Oliveira (Tenente).

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los sem compromisso - à Comissão Estadual de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação das personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forma selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2333, 9º andar
Cep.: 01301-100 - São Paulo - SP**



FOTOLITO E IMPRESSÃO

**IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP**

Rua da Mooca, 1.921 – Fone: 291-3344

Vendas, ramais: 257 e 329

Telex: (011) 34557 – DOSP

Caixa Postal: 8231 – São Paulo

CGC (MF) Nº 48.066.047/0001-84



IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S. A. IMESP
SAO PAULO - BRASIL
1996